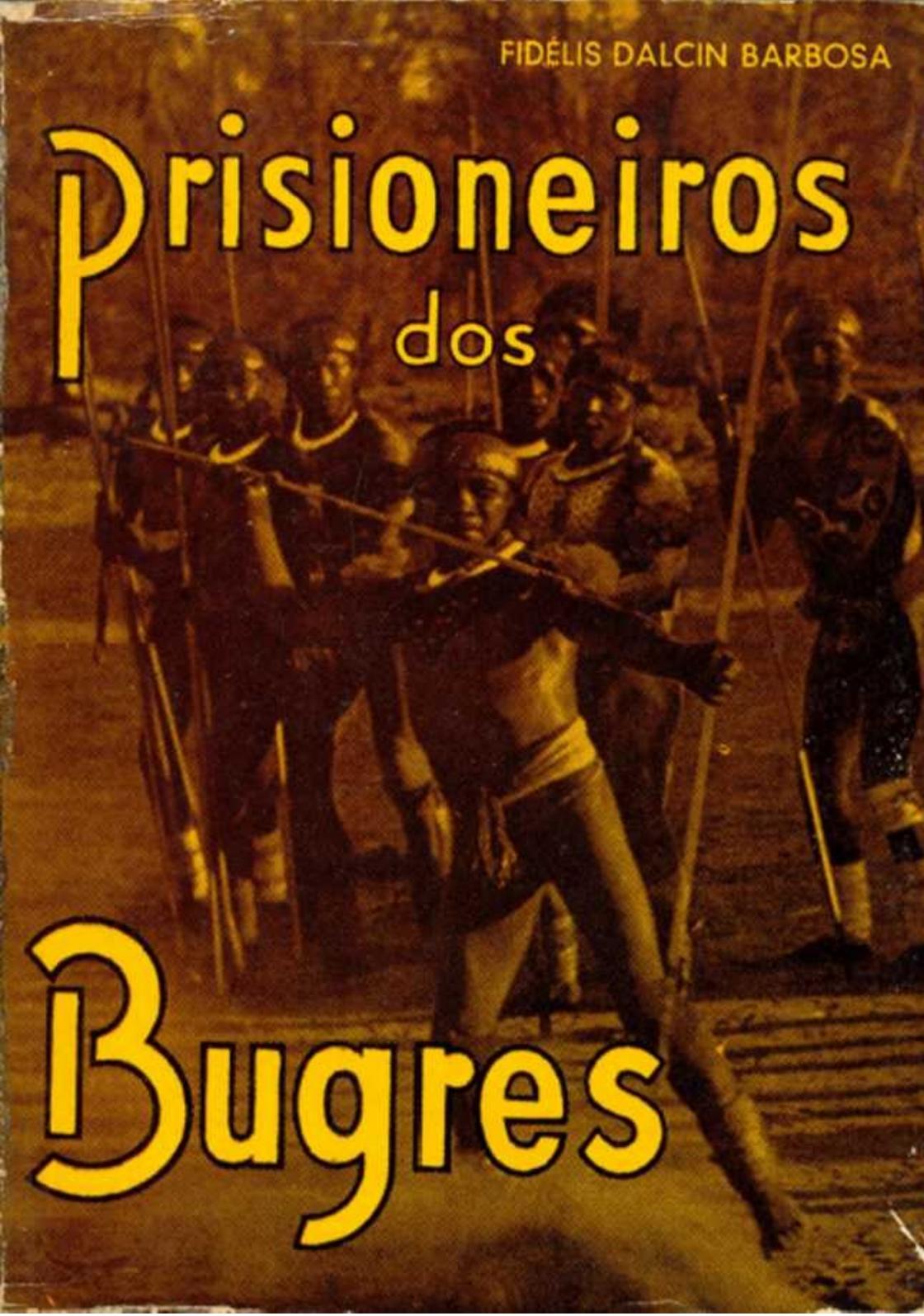


FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

Prisioneiros dos

Bugres



Prisioneiros dos bugres



Fidélis Dalcin Barbosa

Prisioneiros dos bugres

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

B238p Barbosa, Fidélis Dalcin

Prisioneiros dos bugres [recurso eletrônico] / Fidélis
Dalcin Barbosa. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2015.
585 Kb ; PDF.
ISBN 978-85-8326-171-1

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Colonização – Rio Grande do Sul. 2. Migração – Itália.
3. Imigrantes. 4. Verstieg, Jacó – Imigrante italiano. 5. Caxias do
Sul (RS) – História. I. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

APRESENTAÇÃO

por MÁRIO GARDELIN

Fidélis Dalcin Barbosa é um escritor fecundo. Seus livros garantem-lhe um lugar de destaque na história do Rio Grande do Sul. Bastaria, porém, se nada mais houvesse escrito, PRISIONEIRO DOS BUGRES para obter-lhe a imortalidade. E a razão disto é muito simples: He vulgarizou ainda mais a história comovente, apaixonante e curiosa de Jacó Versteg, descendente dos barões de Von Ameringen. O cenário é Caxias do Sul, o antigo “Campo dos bugres”, bem como a região de colonização italiana.

A história de Jacó Versteg tem-nos chamado intensamente a curiosidade. Hoje He descansa em Desvio Blauth, ao lado da sua esposa. Filhos, netos e bisnetos perpetuam-lhe o nome em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Sua aventura, dolorosa e triste, é a maior fonte de informações sobre a região colonial italiana, antes da vinda dos imigrantes. As informações de Jacó, sobre costumes, usos, maneira de viver e de pensar dos índios, deitam um poderoso raio de luz na selva espessa.

Estuda-se, nos dias de hoje, o silvícola desta região. Numerosas são as grutas com ossadas humanas; encontram-se covas de uso desconhecido; há instrumental lítico em grande parte das colônias. O indígena povoou esta região certamente a 8 mil anos antes de Cristo. Repitamos: 8 mil anos. Das sucessivas migrações que por aqui passaram, somente restam lembranças arqueológicas, que a paciência dos cientistas escava. O indígena histórico, que aqui encontramos, teve sua vida observada e



narrada pelos jesuítas: assim, o cenário onde se desenrola o drama de Jacó Versteg estava povoado no século XVII por índios gês, pertencentes aos grupos ibirajaras e caaguaras. Os caaguaras, segundo Aurélio Porto, teriam ocupado mais o campo, enquanto que os ibirajaras se localizavam mais na selva. Ibirajara quer dizer “senhor do pau”, pois andavam com grandes bastões, com que eram exímios na arte de pelejar. Esses índios desapareceram, em grande parte, com a bandeira de Antônio Raposo Tavares, em 1636. Depois da razia bandeirante, deve ter-se criado um grande vácuo, que foi preenchido pelos caingangues, originários do norte e que se fundiram com os sobreviventes. Consta que os caingangues são ainda hoje exímios na luta com bastões. Seria herança dos ibirajaras?

Jacó Versteg foi aprisionado por uma tribo que tinha seu **habitat** preferencial no “Campo dos Bugres. Esse campo localizava-se nas imediações da Praça da Bandeira, entre a Igreja de São Pelegrino e a estação ferroviária. A tribo permaneceu longos séculos nesta região e tinha acentuada preferência pelo local, pois possuía ótimas aguadas, grandes pinheirais, muita caça e, ainda do alto de alguns pinheiros, situados nos terrenos da família Tronca, se podia avistar léguas ao redor. Por aqui passava o célebre caminho “Taiapuapé” (Caminho do Porco do Mato). Von Koseritz, em 1867, descobriu igaçabas, que deviam, a seu ver, contar com mais de cem anos. Numa localidade de Galópolis, descobrimos outra igaçaba, que reputamos com idade superior a 400 anos. Ê de influência guarani, segundo parecer de técnicos no assunto. Isto comprova que o Campo dos Bugres, há séculos, senão milênios, era um local preferido pelos indígenas.

A tribo que raptou Jacó Versteg retirou-se da região e emigrou para as matas do Alto Uruguai. Fixou-se em Cacique Doble. Muitos Índios que aí residem sabem que seus antepassados vieram do Campo dos Bugres. E curioso é notar



que tinham um apego profundo pela terra natal. Netos do cacique que comandou a emigração vieram morrer em Caxias do Sul . . .

Buscamos localizar muitos fatos ocorridos com Jacó Versteg. A cena da aranha, dentro da gruta, ocorreu no Salto Ventoso (Farroupilha). Valfrida e Lucila viram o Campo dos Bugres do alto onde hoje se localiza a igreja de São Pio X ou ainda o Grupo Escolar João Triches. O arroio de que se fala, corria da Praça da Bandeira para o Cinema Real. Os combates narrados por Jacó são reais e houve duas guerras: uma foi anterior, por volta de 1864 e dela deu testemunho Antônio Machado de Sousa.

Ponto ainda difícil de precisar é o local da fuga de Jacó. A narrativa demonstra que Jacó só se assenhoreou da mata depois de certo tempo. Se ele tivesse subido numa árvore perto de São Siro, teria visto o Campo do Morro Grande, os fundos da Fazenda Raposo, dos Soares de Oliveira. No entanto, ele perambulou longo tempo, até que encontrou pegadas de gado vacum. Aproveita uma festa e consegue salvar-se: a tradição oral parece apontar os campos situados ao lado da estrada que liga Vila Oliva à Fazenda Sousa, nas vizinhanças da Toca do Bugre.

Qual seria o banhado por onde passou Jacó? Não seriam os de São Roque? O gado que entra de dia na mata, à noite sempre regressa aos campos.

Valfrida foi morta pelos índios. Disso não há a menor dúvida. Mas, onde? Jacó supunha que fosse nas vizinhanças de Nova Sardenha. Depois de libertado procurou longamente a sepultura da mãe, mas não a achou. Percebe-se, aliás, que de início ele não conseguia orientar-se bem na mata. E por que morreu Valfrida? Mons. Gandsweit e Dalcin Barbosa descrevem a versão dada por Jacó.

Há ainda uma questão a responder: os imigrantes



italianos temiam o índio. Este, porém, aqui não se encontrava, respondem os autores. Depoimentos, todavia, prestados pelos silvícolas, adiantam que eles periodicamente voltavam a espiar o que acontecia com seu antigo “Campo”. Não estavam aqui os índios, mas de quando em quando se faziam presentes, em incursões.

De qualquer forma, o livro de Fidélis Dalcin Barbosa nos mostra uma faceta desconhecida de Caxias do Sul e da região. E quem escrever o futuro desta cidade, naturalmente não poderá esquecer o livro que carinhosamente foi escrito para os jovens de hoje.

Aplaudimos Fidélis Dalcin Barbosa. E a posteridade confirmará plenamente esses justos aplausos.

Caixias do Sul, 16 de fevereiro de 1966.

MÁRIO GARDELIN

Diretor do Departamento Municipal de Turismo de
Caxias do Sul.



1 - SÃO VENDELINO

É uma história empolgante. Apaixonante. Página dramática e altamente ilustrativa na nossa literatura indianista. Episódio épico da eterna luta entre o indígena e o colonizador. Epopéia escrita no seio da mata virgem que, no último quartel do século passado, vestia de negro a serrania alpestre dos rios das Antas e do Caí, às vésperas da chegada das primeiras levas de imigrantes italianos; os bravos imigrantes que, a exemplo dos alemães que os antecederam, com um toque de magia transformaram completamente a natureza bruta num vergel de esplêndidas cidades.

Em criança, escutei, embevecido, dos lábios de meu pai a história que vou contar. Ela já vem narrada com fartos pormenores pelo Mons. Matias José Gensweidt, em alemão, e muito bem traduzida em português pelo Ir Eugênio Damião e editada pela Livraria Selbach, de Porto Alegre, sob o título de “As Vítimas do Bugre”.

Seguindo esta empolgante narrativa, eu vou contar de novo, a meu modo, para as crianças e adolescentes do Brasil, para os meus alunos do curso ginásial, para as minhas afilhadas do “Notre Dame” de Passo Fundo, para os meus afilhados de muitas cidades.

Meu pai é de São Vendelino, onde começa e termina a história. Eu mesmo nasci perto de São Vendelino. Conheci e conheço diversos membros descendentes da família da nossa história.

São Vendelino, hoje minúscula vila do município gaúcho de Caí, é um tear de sorrisos e poesia. Recanto de fábula, às margens ridentes e fertilíssimas do Forromeco, dormindo em regaço de altas montanhas. Solo de incrível feracidade e fartura, onde se colhem as bergamotas mais doces do Brasil. Bergamotas, laranjas e limas, pendentes dos ramos, por terras



incultas, colocam punhados de cores nas matas e capoeiras das encostas.

A cem quilômetros de Porto Alegre, forma um pequeno aglomerado de casas de modestos agricultores, quase todos de origem alemã. A paróquia possui em 1966 apenas cinco florescentes capelas: Nossa Senhora da Piedade, Santo Antônio do Forromeco, Santa Luísa, Santo Antônio de Santa Clara e Nossa Senhora dos Dalcin.

Com certo de um bem de almas, o dinâmico e apostólico Vigário, Pe. Edgar Pedro Heck, construiu e inaugurou em 1963, um dos mais belos templos do interior do Estado – a nova Igreja Matriz de São Vendelino, soberbo monumento de fé, estilo romano-moderno, funcional. Em seu interior, de extraordinária visibilidade e impressionante simplicidade, respira-se uma atmosfera festiva e mística ao mesmo tempo. Seis filas de bancos. Tôrre de 45 metros de altura.

São Vendelino, a 130 metros do nível do mar, possui clima tropical, contrastando com suas vizinhanças, os morros adjacentes, de 600 metros de altitude. A graciosa cordilheira de montanhas que cercam São Vendelino enverga no inverno a carapuça branca da geada e da neve. Mas o vale do Forromeco e de seus afluentes estão infensos, aos rigores glaciais. Nem a grande nevada doas dias 20 e 21 de agosto de 1965 pingou aqui um só floco de arminho. A maior de todas as nevadas, que em alguns municípios ultrapassou um metro de espessura, como em Lagoa Vermelha e Passo Fundo, nevasca pavorosa que derrubou casas, devastou matas, dizimando aves e animais. A neve andou rodeando São Vendelino, mas não se atreveu a saltar o cimo de suas montanhas.

Lugarejo escondido, ignorado por quase todos os brasileiros. No entanto, S. Vendelino seria o caminho mais breve, mais fácil e mais econômico para a zona da serra e o resto do País a quem procede de Porto Alegre.



Há muitos anos, quando Vigário o Cônego Alfredo Pedro Caspary, iniciou este abnegado sacerdote uma campanha visando a abertura de uma rodovia pelo vale do Forromeco. Eu mesmo, em 1947, juntamente com o corajoso jornalista Cláudio Candiota, promovi, através das páginas do “Diário de Notícias”, da Capital gaúcha, intenso movimento em prol desta iniciativa. A campanha mereceu destaque até na Assembléia Legislativa do Estado que a registrou em seus anais. Mas foi pregação no deserto. Interesses políticos, lamentavelmente, procrastinaram a urgente empresa até o governo do Eng. Ildo Meneghetti, o qual tomou a peito a iniciativa que ainda no corrente ano trará incalculáveis benefícios à Nação. Com esta rodovia, em vias de conclusão, São Vendelino será o caminho de quantos, vindos da Capital, viajam para São Paulo, de quantos vão a Caxias do Sul, a Bento Gonçalves. O caminho de todos os que demandam os demais Estados da União.

O estreito vale do Forromeco enfia-se pitorescamente por entre altas montanhas da Serra Geral. Do cimo dos morros da Canastra e do Diabo, descortina-se dilatadíssimo panorama, avistando-se a cidade de Porto Alegre, e, mais longe, muito mais longe, perdida no horizonte, a própria faixa azul do oceano.

Pouca gente sabe disto. Muita pouca gente sabe que do alto desses morros, no município de Carlos Barbosa, ali a poucos minutos de Caxias do Sul, pertinho de Farroupilha, se avista a Capital gaúcha e o próprio Atlântico. No dia em que o Brasil se der conta fantástica realidade, os Morros da Canastra, do Diabo, da Vaca Mora, do Macaco, se transformarão em turísticas atrações, disputadas por brasileiros e estrangeiros.

Eu gosto de São Vendelino. Foi maior paixão de minha infância.

Meus pais, logo após o casamento, trocaram as cálidas profundezas de São Vendelino pelas frias altitudes de seus morros, onde eu nasci.



Criança, ia eu passar as férias em casa de meus avós maternos. Ia – como dizia minha mãe – cuidar que as galinhas não comessem as uvas.

Descia a serra a cavalo, passo a passo, aos caracóis, contornando o Morro da Vaca Mora, olhando à direita para aqueles altíssimos paredões a pique, com grande medo que despencassem sobre a gente.

Os arreios do animal iam escorregando para o pescoço. Mais uma vez parávamos para repô-los no seu lugar. Em frente, longe, descortinava-se aquele belíssimo panorama. O vale profundo, desfilando no alto sua régia coroa de montanhas.

Enfim, atingindo o vale estreito que leva à vila de Barão, garganta estrangulada entre montes alcantilados, cruzávamos o rio, trepávamos a ladeira oposta e, lá ao lado da estrada, em pequena e ridente planura, ao pé de imensos paredões e rampas de mata inacessível, ficava a casa de meus avós.

Frondosos cinamomos sombreando o pátio. De um lado, ao nascente, o vinhedo de gostosas uvas. E frutas. Tanta fruta, tanta fruta, por todas as bandas. Até no potreiro, na roça, na capoeira. As mais graúdas e gostosas frutas. Frutas de verão. Frutas de inverno. O paraíso das frutas.

Certa manhã, trepado numa figueira, comia gulosamente os dulcíssimos figos “gôta de mel.” De repente chega o tio Jacinto, de espingarda em punho, à caça dos papa-figos. Por um triz não me confunde com um pássaro e me despeja uma carga de chumbo.

Nunca vi ar mais perfumado, mais inebriante, mais melífluu. Nunca tanta música de abelhas, moscas e besouros. Nunca tanta borboleta de todas as cores. Nunca tanto canto de aves. De manhã acordava com aquela lindíssima orquestra de mil sabiás, de bem-te-vis, de João-de-Barro, de pombas... Ao pé dos costões, lá no alto, os araquãs com sua algazarra. Os urus salmodiando. Os inhambus apitando com apito de juiz



de futebol... Depois, a música do ribeirão, lá em baixo. Uma delícia, aquela música fluvial!

Eu tinha loucura por aquele rio, onde pesquei o primeiro peixe de minha vida. Ainda guardo bem gravado o poço que me proporcionou ali, ao lado do meu pai, uma das maiores emoções de minha vida. Tenho imensa saudade de tudo o que se relaciona com aquele querido arroio. As pedras redondas, roliças, da praia. As aranhas fugindo a correr sobre a água. As conchinhas. As pedras grandes em cujas tocas meus tios pegavam jundiás a unha. Os pocinhos onde o tio Tranquilo tirava tanto lambari com anzol feito de agulha, sem fisga, que obrigava a rebolear no ar e bater com o peixe na água, matando-o, com aquela sonora pancada de chapa. A pinguela de arame que, ao passar, balançava, balançava...

Verdadeiros pais, meus avós. O avô, todo bondade, com a sua imensa careca, com o indicador da mão direita sempre curvo, propositalmente recurvado. Diziam que foi para fugir à guerra na Itália. A vovó, uma santa. Tão querida. Pequeninha, magrinha. Tão amiguinha da gente... Os tios, ainda solteiros, e fazendo serviço militar, o tiro, em Carlos Barbosa, um amor de tios. O tio e padrinho Jorge, já casado, morava mais abaixo, com fábrica de queijo. Um gigante, o tio Jorge. Entrava naquele profundo tacho de fazer queijo e puxava para fora a massa branca. Espremia na prensa e dava para mim as tiras que sobravam e se escapavam das fôrmas. Uma gostosura!

Não há dúvida, o lugar ficava lá num buracão medonho. De dentro de casa ninguém enxergava o céu olhando pelas janelas. Só se viam montanhas e paredões. Paredões e montanhas. Nas grandes chuvaradas, havia sempre algum desmoronamento, chegando às vezes a arrastar moradias.

Por isso meus avós falavam em vender aquelas terras, fertilíssimas, é verdade, mas as terras mais ingratas, mais descômodas, mais montanhosas, mais pedrentas do mundo.





Sair daquele fim de mundo, daquela buraqueira onde o diabo perdeu as botas. Fugir daquele calorão infernal. E ir morar lá em cima dos montes, onde já moravam quase todos os tios maternos.

Eu não podia ouvir falar em vender aquelas terras. Sentia uma revolta incrível. Para mim era aquele o lugar mais lindo do mundo. Verdadeiro paraíso de delícias. Não, avós, façam favor, não vendam. Não vendam, por amor de Deus.

Volidos alguns anos, deixei a casa paterna. Fui para longe estudar. Nunca mais voltaria a São Vendelino, pelo menos em criança e adolescente. Aos poucos foram casando meus tios. Casou o tio Jacinto. Casou o tio Tranquilo, indo morar para Carlos Barbosa. Um dia, com a maior tristeza, recebo carta do papai, comunicando-me a suprema desgraça. Consumara-se o crime. Os avós acabavam de vender sua propriedade, mudando-se para Torino, junto do tio Bortolo. Venderam para Albino Fetter. O que chorei! Eu já não era criança. Tinha lá meus 12 a 13 anos. Mas chorei como criança. Chorei de verdade. Eu nunca amara tanto um lugar como aquele. Eu bem sabia que não voltaria mais a passar as férias em casa de meus avós. Eu sabia. Mas não podia me conformar. Botaram fora o meu grande tesouro. O meu paraíso na terra. Fiquei até com raiva de quem comprou. Deus me perdoe. Ainda hoje lamento. Ainda hoje, guardo a maior saudade daquele recanto, delicioso de São Vendelino.

2 — OS COLONIZADORES

Os primeiros imigrantes alemães aportam no Rio Grande do Sul em 1824, lançando logo os alicerces de São Leopoldo e cidades vizinhas. Depois, em 1848, surge São Sebastião do Caí.

Os colonizadores teutos vão aos poucos povoando as urbertosas planuras das margens do Rio do| Sinos, do Taquari e do Caí. Vão subindo lentamente as encostas da serra para atingir Alto Forromeco em 1858.

A região do Forromeco, afluente do Caí, regada por numerosos tributários, coberta de matas luxuriantes, fertilíssima, atrai agentes colonizadores. Guilherme Wintes e Matias Rodrigues da Fonseca vão levando o povoamento para o norte. Para o sul desce a Sociedade Montravel Silveiro & Cia., do vice-cônsul francês, Conde Paulo de Montravel e de seus sócios-capitalistas, Dr. Dionísio de Oliveira Silveira, Dr. Isarel Soares de Barcelos e João Coelho Barreto.

As terras do Forromeco Superior recebem o nome de Nossa Senhora da Soledade. O centro virá a ser, com o andar dos anos, São Vendelino, sede da Colônia e da primeira paróquia da região.

Fracassa Montravel, em face de múltiplas e ingentes dificuldades, entre as quais avulta a agressão indígena.

A Colônia está agora entregue à própria sorte. Arrastase no abandono durante anos. Fundada em 1858, só encontra um bem administrador em 1874, na pessoa de Eugênio Carrard. Por ato imperial de 18 de janeiro de 1877, a Colônia Nossa Senhora da Soledade é elevada à categoria do Distrito do Império Brasileiro.

O Major Káten, desafortunado na Alemanha, sua terra natal, emigra para o Brasil. Em São Leopoldo, agentes



colonizadores escolhem-no para fundar e administrar a região leste de São Vendelino, montanhosa, pedregosa, hoje conhecida por Linha Francesa.

Na Feitoria Velha, em São Leopoldo, no ano de 1858, o Major vai escolher alguns imigrantes germânicos para colonizar as terras de que está incumbido no Forromeco.

Descobre logo entre os recém-chegados uma figura insinuante, no vigor dos anos.

Traje elegante, terno azul, bigodes negros, porte airoso, parece de sangue nobre.

Não parece: é realmente de nobre origem. Descende dos Condes de von Ameringen.

Chama-se Lamberto von Steg, nome que ele, ao pisar solo brasileiro, altera para Lamberto Versteg.

Conterrâneo do Major Káten, de Coblença, perdera em sua terra a opulência e a posição social. Viajando depois pela Holanda, cai doente. No hospital assiste-o a diaconisa Valfrida Bloon, uma jovem de rara beleza, de alvíssima tez, olhos azuis e cabelos louros. Com ela simpatiza e acaba contraindo matrimônio.

O casal tem agora dois filhos: Jacó Lamberto, de 4 anos, nascido na Holanda no dia 26 de fevereiro de 1855, e Lucila, de 2 anos. Lindíssimas crianças, muito louras, não desmentem a nobre linhagem.

Como Káten, atraído por um anúncio de propaganda, a família vem para o Brasil em busca de trabalho e bem-estar, mal imaginando a surpresa que o futuro lhe reserva na misteriosa selva do Rio Grande do Sul.

O Major contrata Lamberto e seus companheiros de travessia — Valentim Weber e Pedro Auth, casados e ambos com um filhinho.

Sem delongas, metem-se a caminho rumo do Forromeco. A pé, vergando ao peso da bagagem e da prole.



Atravessam os campos, onde reses, cavalos, quero-
queros, aves pernaltas, garças, galinholas, avestruzes, ao par de
múltiplas belezas do reino vegetal, numa orgia de cores, sons e
perfumes, fazem-lhes esquecer as agruras da longa odisséia em
demanda do mistério.

— Lindo, não é? — pergunta o Major, eufórico. — Mas isto
não é nada. O mais bonito vem depois. É lá na floresta. Lá no
Forromeco.

Outra maravilha que torna encantadora a penosa
marcha é a cordialidade e hospitalidade do gaúcho, na pessoa
dos fazendeiros José dos Santos e João Inácio Teixeira, que dão
aos imigrantes acolhedora e gratuita hospedagem.

Provam aqui pela vez primeira o chimarrão do gaúcho.
Weber toma da cuia com sofreguidão, chupa, queima a boca,
sente o sabor amargo da erva e deita a cuspir furiosamente,
numa cena de exemplar comi- cidade que a todos diverte.

A viagem demora três longos dias, entre contínuas
peripécias, aventuras e surpresas, entre as quais a dramática
passagem do Rio Caí.

Depois, a gigantesca floresta com todo o seu colossal
conjunto de encantos para um europeu.

Árvores imensas, desconhecidas, de tanta variedade,
formando aquele sombrio ambiente de negro mistério. Os
truncos vestidos de musgo. Barbas patriarcais balouçando
ao vento. Orquídeas, folhagens, mil florinhas. Cipós, como
gigantescas serpentes, trepando



pelos troncos, buscando no alto das copas um lugar ao sol...

Borboletas azuis, brancas, amarelas, são bandos de flores brincando com tintas pelas galerias, sob o docel do matagal. Abelhas zunindo, cigarras cantando, besouros zumbindo. Perfumes inebriantes. Gostoso odor de mel. Soberbo festival que deixa a todos embriagados, tontos, clamando:

— Vale a pena vir do fim do mundo, sofrer o que nós sofremos, só para contemplar tantas e tamanhas maravilhas!

E as aves então? Bandos de verdes papagaios ensanguentados, voando de copa em copa, tagarelado. Pica-paus martelando nos troncos. Brancas arapongas malhando na bigorna. Inhambus apitando como inspetores de trânsito. Tucanos de peito amarelo e bico descomunal. Jacus soltando gargalhadas. Jacutingas, araquãs, urus, salmodiando as matinas na tristeza do entardecer. Queixumes de pombas. Vozerio de galhas... Macacos, veados, capivaras, antas, tigres... Um sonho.

Na terceira noite, a pousada é na moradia de Pedro Alies, em Tupandi, onde as três famílias recebem régio tratamento.

Mas a quarta e última noite de viagem decorre em plena mata, ao abrigo de improvisada barraca, para leito as folhas secas e mais as carícias dos beijos apaixonados dos mosquitos. Nuvens de sugadores mosquitos. Um tormento.

Mosquitos, cobras venenosas, tigres, bugres, são assunto da conversa daquela noite insone.

A passara anuncia festivamente o nascer do novo dia. Novo dia de peripécias. Dá até vontade de regressar. Regressar para o vale do Caí onde os colonos já derrubaram a mata e a vida sorri ao progresso.

Enfim, depois de tanta busca, descobre o Major o local que procuram. Cada qual vai tomar posse de seu lote. Pernoitem em casa de Pedro Klein e no dia seguinte, separam-se as duas famílias. Weber desce ao vale, ao passo que Lamberto, amante das montanhas, vai subindo, buscando o novo ninho lá no alto,



em bela planura, entre os Morros da Canastra e do Diabo. Daí descortina-se magnífico panorama. Nestas alturas cantado, o castelo de seus sonhos.

O vizinho, Pedro Klein, auxilia na derrubada da mata. Abre-se uma clareira. Improvisa-se um rancho. E a família, soltando fundo suspiro, entoando um hino de ação de graças aos céus, dorme na própria casa a primeira noite de descanso e sossego, no meio da imensa, da soturna solidão da floresta.

Lamberto e Valfrida trabalham como mouros. Cultivam uma horta. Iniciam uma lavoura. Arranjam umas galinhas, dois porquinhos, compram um cavalo por trinta mil réis. Depois vem uma vaquinha. As plantações aumentam. Fartas colheitas. Algumas novilhas. Uma estrebaria. Nova casa de moradia. Um papagaio palrador entretém as crianças. E a felicidade canta naquele abençoado lar.



3 — LUÍS BUGRE

A floresta que envolve a moradia da família Versteeg estende-se por centenas e centenas de quilômetros, cobrindo literalmente montes e vales de toda a atual região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Ao norte do reduzido número de casas do alto Forromeco, não existe alma viva de homem civilizado. No seio arcano de toda aquela imensidão de mata virgem, impera soberano, o indígena da tribo dos caingangues.

Os índios caingangues, conhecidos aqui por coroados ou simplesmente bugres, são de estatura algo acima da mediana. Rosto mais alongado que largo. Corpo esbelto e de harmoniosa proporção. Olhos negros, cintilantes, inquietos. A tez nem muito clara, nem muito escura. Sua língua, resultante da fusão de vários idiomas indígenas, é bastante difícil de aprender.

Não são de má índole. No entanto, constatando o avanço do europeu sobre seus domínios, conhecendo o desprezo com que são tratados pelo branco, concebem-lhe ódio mortal. Juram vingança. Investem contra suas moradias, lavouras e criações. Raptam mulheres e crianças. Matam, assoalhando o pavor em toda a Colônia.

Na picada Feliz, onde em 1857 os bugres massacram Nicolau Rempel, o governo coloca um destacamento de 30 soldados chefiados por Jacó Fetter.

O rugir do canhão afugenta os nativos por algum tempo. Mas sobre os humildes lares dos indefesos colonos paira sempre terrível ameaça. Todos temem os selvagens. Temem principalmente Luís Bugre.

Luís Bugre. Quem é Luís Bugre? Recuemos no tempo para o ano de 1847. Na Feliz, os índios devastam impiedosamente as propriedades dos colonos. Cansados, tomam Estes afinal drástica medida. Organizam uma defesa notável. Combinam-



se João Barth, Jacó Bohn, João Berwanger, Miguel Nedel, Matias Flach, João Hentz, Pedro Hirschberger, André Scherer e Antônio Zirbes.

Palmo do chão, Jacó Bohn estende uma corda ao redor do seu milharal. A uma extremidade vem presa uma lata vazia, colocada sobre um caixote, ao pé da cama, dentro da casa do colono.

Uma linda noite de luar, batem os índios na plantação. Tropeçam na corda que puxa e derruba a lata, acordando Jacó.

Num instante, os colonos estão em pé de guerra. Cercam a lavoura cautelosamente, silenciosamente. Súbito, o inferno desaba sobre a bugrada. Berros, tiros de espingarda misturam-se com a furiosa latomia da cachorrada.

Indescritível o pânico dos índios. Despençam-se como bólidos morro abaixo, precipitando-se nas águas do Caí.

Um indiozinho, onze anos de idade, ferido num joelho e com um pé destroncado, não vence a barranca oposta do rio e cai prisioneiro.

Quem é que vai agora tomar conta do bugrinho? Quem vai criá-lo? Ninguém o quer. Nenhum colono deseja tê-lo em casa. Por isso, vão soltá-lo. Vão soltá-lo no mato como se solta feia ave que não canta.

Na última hora, no entanto, lá vem Matias Rodrigues da Fonseca e resolve dar-lhe guarida. Recebe-o como seu empregadinho.

Aprende sofrivelmente a língua dos colonos, o alemão. É instruído na Religião Católica e, em 1849, o Pe. João Sedlak o batiza, no Hortêncio, dando-lhe o nome cristão de Luís Antônio.

Cresce rapidamente, botando corpo de mediana estatura. Robusto. Rosto branco com manchas escuras.

Livre filho das selvas, não se sujeita à obediência do patrão. Gosta mais é de correr mato, caçar, trazer peles de feras



e vendê-las. Compra-as dos bugres mediante cachaça.

Uma feita dá sumiço por vários meses. Volta acompanhado por uma jovem parecida com ele, decerto uma indígena. Arma seu casebre à meia encosta do Morro da Canastra, ermo, quase inacessível.

Conhece a palmo a selva toda. Presta bons serviços aos agentes colonizadores, aos caçadores. Anda pela mata sempre escoltado por terrível matilha de cães. Mantém contato com os bugres e com eles trama contra os brancos.

Todos o chamam de Luís Bugre, nome que ele detesta, procurando vingança contra quem o declina.

Velhaco e traidor. Ferve-lhe nas veias o sangue bárbaro que ignora sentimento humano. Em suas mãos de fera, armas e conhecimentos adquiridos com os brancos servirão de requintes às manifestações de seu instinto cruel e vingativo.

Trazendo assim nas veias o sangue bárbaro e nas mãos a arma dos civilizados, quem é que não teme Luís Bugre? Todos o temem. Crianças e mulheres tremem mal lhe ouvem o nome.

Vai armar-se a luta no Forromeco. E quem acende o estopim é ele. Luís Bugre vai agora desatar as fúrias da tormenta que por anos agitará os pobres colonos, chegando a perturbar e preocupar o próprio governo da Província.

Episódio dramático, irmão gêmeo daquele que, em 1851, os mesmos caingangues representaram nos campos de Lagoa Vermelha, com a família de João Mariano Pimentel.



4 — O RAPTO

Correm os anos. No vale, perto de São Vendelino, a Colônia prospera. Prospera maravilhosamente. Mas a residência de Lamberto fica lá no alto, perdida em meio a denso matagal. Apenas dois novos imigrantes vão construir suas moradias naquelas imediações, a meia hora de distância: João Boesing e Augusto Froem.

Bons vizinhos. Trabalhadores infatigáveis. Aos domingos, só aos domingos, reúnem-se as três famílias em cordial entretenimento, recordando o passado, matando saudades da Pátria distante.

Valfrida, mais do que seu marido, lamenta a faltam de convivência dos bens amigos de antanho, lá na Europa. Lamberto é de espírito esportivo, amante das montanhas, da natureza. Sabe-lhe bem aquela inóspita soledade. Nada mais belo para ele do que a sinfonia agreste da selva, a orquestra da passarada, sonorizando a verde solidão, batendo palmas ao exuberante milharal.

Dez anos de labutas foram suficientes para cercar sua moradia com uma farta lavoura, um potreiro, um pasto...

Mas Lamberto ainda quer mais. Pensa no futuro. Vai c adquirir outra propriedade na recém-fundada colônia de Santo André da Linha Comprida.

No verde silêncio do ermo, a família vive feliz, sorrindo à esperança de maior felicidade. Jacó é um belo rapaz. Vai completar 13 anos. Lucila, flor de garota, tem 11.

Nunca mais tiveram notícias de Valentim Weber. Foi, por isso, com grande alegria que Lamberto recebe, na venda de Eisenbarth, uma carta do velho companheiro de travessia, que o convida para a festa do padroeiro de São Sebastião do Caí, domingo, dia 14 de janeiro de 1868.



Õ meu velho e bom amigo! Estava mesmo com saudade. Nunca mais nos vimos, sim, preciso aceitar teu convite. Muito obrigado.

Lamberto recebe a carta ali na venda de Eisenbarth, onde, naquele dia, se encontra Luís Bugre. Jaz deitado, dormindo, no meio de sua cachorrada.

— Luís Bugre?! — estranha Lamberto. Não, não quero nada com ele. Deixem-me ir embora antes que ele acorde.

Versteg monta a cavalo e toca para casa. Luís Bugre levanta-se, estremunhado. Olha para a estrada e resmunga:

— Desgraçado! Homem soberbo!

Em casa, Lamberto se explica:

— Como é, Valfrida, posso ir à festa em São Sebastião do Caí? Você não tem medo de ficar sozinha? Luís Bugre anda por aí.

— Medo? Medo de quem? Nunca molestamos Luís Bugre. E os índios até hoje nunca bateram aqui. Vai, Lamberto, vai e traga boas notícias da senhora Weber!

— Eu, sabe, estou com um pouco de receio. Pelas dúvidas, deixo-lhe minha espingarda de dois canos.

E Lamberto, cavalgando seu fioso Ipuna, lá se manda para o Caí, naquela esplêndida tarde de sábado, 13 de janeiro.

Valfrida é mulher Intrépida. Mas naquela noite quase não dorme. Sinistro pressentimento rouba-lhe o sono. Adormece só depois de meia-noite. Horríveis pesadelos se envolvem com feras, serpentes e índios.

Contudo, o domingo amanhece esplêndido, no meio do festival da passurada.

A mulher trata os animais, ordenha a vaca. Os filhos também levantam. Valfrida sai do estábulo. Atravessa o terreiro, quando um quero-quero solta seu grito de alerta. Plutão empina as orelhas, acua e dispara mato a dentro.

Volta sem demora, acossado por seis canzarrões. Pouco



depois, surge um vulto de aspecto selvagem, espingarda na mão, calças rasgadas, e, preso à cinta, um macuco morto.

Luís Bugre, pensa a mulher, estarrecida.

— Bom dia! — rosna o estranho, que se aproxima.

— Não ter medo, mulher bom! Luís Antônio não fazer mal ninguém.

— Que deseja, Luís Antônio?

— Nada. Marido estar ausente. Bugres maus andar mato. Mulher botar pano branco telhado. Pano branco Bugres ter medo. Pano branco.

Luís Bugre acaricia as crianças:

— Bonitos meninos! Bonitos galinhas! Bonitos porcos! Bonitos vacas! Tudo bonito!

Em seguida, solta um grito infernal. Imediatamente saltam da mata outros seis cachorros. E, rodeado pela sinistra matilha, some-se no cerrado da brenha.

Minutos após, o inhambu trila três vezes seu apito. Parece uma advertência em face de perigo mortal. Um sinal de alerta. Um alarma.

Valfrida, confiando piamente nas palavras de Luís Bugre, corta longa taquara. Coloca-lhe na extremidade um pano branco e hasteia na cumeeira da casa. É a bandeira da paz, pensa ela.

Termina o serviço doméstico. Toma café junto com os filhos. Em seguida, dispõem-se a sair.

— Vamos para a casa do Boesing. Ficaremos lá até que papai volte.

— Que bom, mãe! Eu vou levar o papagaio — diz Jacó.

— E eu a Lenga — acrescenta Lucila, referindo-se ao veadinho domesticado.

Volvidos poucos minutos, novamente se assanham os queros. As galinhas cacarejam alarmadas. Plutão, inquieto, late furiosamente. De repente, rompe em ais lancinantes. O



coitadinho é varado por uma seta.

Uma flecha penetra sibilando pela Janela e crava-se na parede.

Mãe e filhos, agachados, arrastam-se para o quarto de dormir. Ela empunha a espingarda. Enfia o cano pela Janela e detona um tiro.

Por algum tempo, reina a calma lá fora. Os gatos tomam a cantar.

Súbito, outra seta. Vai estilhaçar um quadro na parede. Valfrida, de espingarda cm punho, treme. Tremem os filhos.

Expectativa cruel. A mãe espreita pela janela. Lá fora, uma que outra cara selvagem, entre o arvoredo. Senão quando, irrompe feia horda de bugres. Armados e aos gritos, investem como tormenta contra a moradia.

Arrombam a porta. Cercam a mulher. Tiram-lhe a espingarda da mão. Batem com ela na mesa para quebrá-la e o tiro detona. Os índios, alarmados, refugiam-se em outra peça da casa.

Valfrida sente vontade de fugir correndo, mas desiste ao pensamento de que os selvagens poderiam flechá-la pelas costas.

Os índios, agora na sala de jantar, atiram com tudo pelo chão: pratos, copos, travessas... Na cozinha, tombam panelas e chaleiras. Derrubam mesas, armários, cadeiras...

Lá fora, a chacina das galinhas, porcos, cavalos e vacas é total. Poupam somente a Mabita, a vaca de leite.

No quarto, a pobre mulher jaz no chão, transida de pavor. Os bugres descobrem os filhos debaixo da cama. Avançam para eles que gritam socorro para a mãe. Esta levanta-se para defendê-los, mas recebe no ventre violentíssimo soco, caindo desfalecida.

Quando voltam a si, mãe e filhos estão amarrados de mãos e pés.



A devastação prossegue em ritmo fulminante. Esvaziam um caixote, onde encontram preciosa Jóia. O cacique avança, apodera-se da corrente de ouro e dependura-a no pescoço, desajeitadamente.

Valfrida consegue enfim desatar a língua:

— Luís Bugre vai matar vocês todos. — E apontando para o pano branco:

— Luís Bugre! Luís Bugre!

Os índios murmuram em sua linguagem algo que a mulher interpreta assim: Luís Bugre é nosso amigo. A bandeira branca é para nós sinal de ataque.

Possantes braços nus transportam os três presos ao pé da selva. Daqui Valfrida, com a mais suprema dor, assiste ao trágico final daquela sinistra cena de cruel vandalismo: o esquartejamento dos últimos animais. Depois, o incêndio da sua querida morada, do palácio encantado de seus sonhos...

Labaredas rubras e negras, com fúria diabólica, devoram em poucos minutos a casa e suas dependências, reduzindo tudo a um montão de escombros fumegantes.

É pavoroso, é alucinante aquele incêndio, mas o incêndio que lava na alma daquela mãe é ainda mais devastador, mais dilacerante, mais pavoroso, mais alucinante.

Sua querida casinha, seus belos animais, todo o fruto de dez anos do mais suado labor. Lírico sonho que se desfaz como a sombra. Dez anos de sacrifício, de duro exílio, de solidão na selva. Pungente rosário de saudade, de lágrimas e dores. Tudo vai acabar ali tão tristemente naquele montão de cinzas fumegantes...

E agora, meus filhos? Que será de nós? Que será de nós, Jacó? Que será de nós, Lucila? Será que os bugres vão nos matar? Talvez não sejam tão cruéis assim. Confiemos no Senhor.



5 — EXPEDIÇÃO DE RESGATE

Enquanto os bugres fogem levando seus troféus, Lamberto festeja o Padroeiro de São Sebastião do Caí, juntamente com a família do seu amigo Valentim Weber. Este é católico, ao passo que Versteg é evangélico. Não importa. Ambos assistem à missa.

Na zona colonial alemã do Rio Grande do Sul, católicos e protestantes, nas lestras religiosas, confraternizam-se como se fossem todos de uma só religião. O Pároco e seus fiéis acompanham os festejos dos protestantes; o pastor e seu rebanho assistem às solenidades católicas. Sempre na mais cordial harmonia e colaboração.

A festa é alegre, mas o semblante de Lamberto vai encoberto por vaga sombra, denunciando tristes pensamentos. Volta e mela, sente-se oprimido por acabrunhadora angústia. Sinistro pressentimento acerca da família que julga vítima de alguma desgraça.

Por isso, interrompe os festejos e logo após o meio-dia, despede-se dos bons amigos e, seu fogaoso Ipuna, parte rumo de Bom Princípio, e, em três horas, o transporta a São Vendelino.

Cavalga ao longo do Forromeco. Vai trepando a encosta sob o calorão da tarde de sol abrasador.

Lamberto sorri ao pensamento da agradável surpresa que dará à família chegando tão cedo.

Mas uma surpresa está reservada para ele. A mais espantosa surpresa. O cavalo, após atravessar o luxuriante milharal, transporta o cavaleiro ao local de onde se avista a casa. A casa? Mas onde está a casa? Es-tarei sonhando? Será possível? Parece que levaram em-bora a minha casa.

Mais uns passos e o mistério se desvenda sobre o montão de cinzas fumegantes. O choque de Lamberto é mortal. Perde



os sentidos e tomba ao solo.

Volta a si pouco depois, mas está desvairado. Com atitude de pessoa demente, agarra o saco branco repleto de provisões, presente da família Weber, e despeja sobre as cinzas. Enfia-o depois, vazio, na cabeça do cavalo...

A mente, aos poucos, volta a funcionar. E então contempla nitidamente, em todo o seu horror, a incrível tragédia. Tragédia palpitante que teima em afirmar sua pasmosa realidade. Aí está a desgraça que presentira de longe.

Inacreditável a monstruosidade. Em meio de toda aquela imensa desolação, entre restos de galinhas, de porcos, de bois, de vacas, de terneiros, de cavalos, aparecem claras, pelo chão, estranhas pegadas humanas, grandes, grosseiras, de gente desconhecida.

Não resta a menor dúvida. Os bugres. Os bugres andaram por aqui. Assassinos! Infames!

E Valfrida? Onde estará minha esposa? E Jacó? E Lucila? Lamberto procura-os pela mata. Chama. Chama, desesperadamente, alucinadamente. No meio daquela horrível devastação, daquele trágico deserto, apenas o eco dos Morros do Diabo e da Canastra respondem: ila... có... cila... Eco sinistro que a pomba silvestre acompanha gemendo seu arrulho de dor.

Penetra mais na floresta. Sempre chamando, chamando. De repente, um ruído. Decerto é Valfrida. Não. É a Lenga, o veadinho das crianças. Vem saltando lambe-lhe as mãos com um lamentoso balido.

A Lamberto ainda resta uma esperança. Os vizinhos. Decerto fugiram para a casa dos vizinhos. Parte galopando, a t5da brida. Boesing estranha a fúria com que chega.

- Minha família está aqui, João?
- Sua família? Valfrida e os filhos?
- Sim.



— Nem sinal, Lamberto.

A esta resposta, Versteg empalidece e vai caindo do cavalo, desmaiado. O vizinho ampara-o a tempo... Boesing corre à casa da família Froem. Aqui também não existe notícia alguma a respeito.

Imediatamente, João Boesing voa para São Vendelino. Bate violentas pancadas na porta da casa de Leonardo Fritzen, o guarda da capela. Leonardo é pai de José, sogro do meu primo Alberto Dalcin e pai do Irmão Amadeu, Superior Provincial dos Irmãos Lassa-listas.

— Socorro, Leonardo! Um assalto dos bugres. Vamos repicar o sino para o alarma.

— Repicar o sino? Não é melhor disparar o canhão? O canhão está aí justamente para nos defender dos bugres.

— Não, Seu Leonardo, o canhão afugenta os bugres e nós não poderemos resgatar a família que raptaram.

E, no silêncio da noite, o sino entra a tocar a rebate. Um som angustiado, lamentoso, aterrador, que põe arrepio em toda a população. Um alvoroço. De todas as casas saem correndo.

— Fogo! Fogo! — gritam.

Acercam-se de Boesing:

— Onde o fogo, João?

— Os bugres. Os bugres! Assaltaram a família Versteg. Roubaram a mulher e os filhos. Queimaram a casa...

Impressionante a solidariedade do povo de São Vendelino. Todos se prontificam a integrar a expedição de resgate dos três prisioneiros. Uns querem mesmo romper mata a dentro ainda de noite.

No dia seguinte, muito cedo, diante da casa de João Boesing reúnem-se 26 componentes da expedição de voluntários. São os seguintes: João Filipe Scheid, Antônio Grossmann, João Beckenbach, Nicolau Neis, Jacó Weirich, Henrique Esswein, Antônio Ludwig, Nicolau Lermen, Tomás



Postai, João Lottermann, Matias Hendges, Xavier Boeni, Frederico Gossenheimer, Jacó Mueller, Pedro Krein, Simão Backendorf, Matias Nauls, Nicolau Binsfeld, João- Ramler, Matias Scherer, Jacó Schmitt, Adão Petry, Matias Rodrigues da Fonseca, Augusto Froem, Lamberto Versteg e João Boesing.

Matias Rodrigues da Fonseca, que traz dois adestrados cães, é escolhido para chefiar a expedição. É luso-brasileiro, mas fala correntemente o alemão. Homem corajoso, sagaz, hábil e benquisto de todos.

A sua ordem, o esquadrão, armado e equipado, calças arregaçadas, parte e lança-se à procura da pista dos selvagens junto às ruínas da casa destruída. Diante daquele quadro dantesco, todos concebem insopitável indignação que lhes empresta asas para a arriscada empresa a que metem mão naquela manhã do dia 15 de janeiro de 1868.

Linda manhã de segunda-feira, prometendo muito calor e, quiçá, de tarde ou à noite, uma trovoadas.

Gigantesca batida. Os cães à frente farejando, farejando. Os homens, esparramados, formando larga coluna. Vão avançando, trepando ladeiras, saltando troncos caídos, ora subindo, ora descendo.

Uma hora de busca estafante sem descobrir o mínimo sinal da passagem do índio. Nada, nada.

Por fim, Antônio Ludwig rompe o silêncio da brenha com um grito de exultação. Encontrara um pedacinho de tecido que Lamberto examina e fala:

— É do vestido da Valfrida.

Todos reunidos. Rodrigues, com forte assobio, reúne os cães. Dá-lhes a cheirar a nesga de fazenda. E os dois valentes rafeiros, ensinados e de ótimo faro, deitam a correr, sempre farejando, indo e vindo, até que alinham e seguem em rumo certo. Estão na pista.

Duas horas de furiosa batida, vencendo mil obstáculos.



Súbito, Nero estaca. Meneia a cauda e levanta com os dentes outro pedaço do mesmo pano.

Taquaras, cipós, espinheiros, tudo tomba diante do facão dos expedicionários, agora sempre subindo, subindo, saltando pedras, vadeando córregos...

Mas não é lá coisa fácil acompanhar a corrida dos caninos. Rodrigues vê-se obrigado a prender um deles, pois assim não há quem aguento.

Nicolau Reis, de incrível resistência, segue avante com Nero, que volta e meia descobre retalhos de pano. É meio-dia quando surge uma clareira. Pelo chão, ossos recém-descamados. Aqui pararam os bugres para comer, concluem todos.

A turma também suspende a marcha para um descanso. Deitam, sentam e comem frugal refeição.

Ainda estão deitados ou sentados, sestando ou fumando, quando os cães rompem a latir furiosamente a certa distância.

— Os bugres!

O grito é unânime. Num repente, todos de arma em punho, avançam cautelosos para o lado donde vem o acôo.

O que é? Nada mais, nada menos do que um tigre trepado num anjico.

— Já lhe lasco fogo — exclama Neis.

— Não seja louco, Nicolau — adverte Rodrigues.

— Os índios ouvem a detonação e, adeus. Nunca mais os pilharemos.

— Pois é verdade. Mas também não podemos deixar o tigre aí. De outra forma os cachorros não saem daqui.

— Deixem o caso para mim — intervém Tomás Postai.

— Eu pego o bicho a unha. Trepô e tiro a fera daí.

— Essa é boa, Tomás. Então você- pensa que aquilo é gato?

— Eu sei. Mas se vocês virem que estou em perigo, não



deixem de atirar, sim?

— Claro. Aí nós mataremos a bicha a tiro. Vamos ver, Tomás, trepe já.

Postai agarra um feixe de ramos verdes e com eles enrola o ante-braço esquerdo. Envolve com o casaco e amarra com as mangas. A seguir, facão entre os dentes, deita a trepar como gato tronco acima.

Enquanto isso, Neis dependura seu casaco e o chapéu em longa vara e ergue-a até a uns metros da fera. Com o estratagemas, o tigre vai desviando o olhar do perseguidor.

São de fogo os olhos da onça, mirando ora o espantalho, ora o homem que se lhe aproxima. Não sabe a quem deva se atirar. Tomás sobe, sobe. Vai-se avizinhandos. Firma-se agora em grosso galho. Neis ajuda. Agita o espantalho e com Ele toca a fera. O tigre não quer nada com o casaco. Ele reconhece o autêntico perseguidor. Solta terrível urro que estremece a terra.

Tomás acerca-se mais e mais. De facão em punho. O jaguar dilata as ventas e sopra um bafo quente sobre o caçador. Depois, desvia o olhar para o chão, buscando onde saltar. Mas o chão está forrado de homens.

Postai, impaciente, solta um grito a que a fera responde com horrível urro aterrador. Ato contínuo esta abre a bocarra para o bote. Neste momento, Tomás lhe apresenta o braço esquerdo. O tigre crava os dentes furibundos naquele feixe de ramos verdes, enquanto o facão traidor lhe penetra o ventre, impiedosamente. Neste instante, a selva estremece sob berro terrível.

Cá embaixo, a infernal gritaria dos caçadores e o impetuoso acuar da cachorrada aumenta o furor da onça que trepa rápida tronco acima, sangrando.

A seguir, com a ígnea seta dos olhos, fulmina Tomás e salta sobre ele. Defende-se Postai com fulminante destreza, encolhendo-se por trás do tronco. Assim mesmo as garras



felinas lhe rasgam a manga da camisa.

O corpo da onça vai cair sobre grossa forquilha onde fica tremendo, jorrando borbotões de sangue, formando poça no solo, para alegria dos cães que o sorvem gulosamente.

Aos poucos, cede a resistência e a fera tomba com fragor. Esswein quer meter-lhe o facão. Neis o detém a tempo:

— Estás louco, homem? Ela ainda pode te matar.

E mata mesmo. Mata Nero que investira contra ela. Morre o valente cachorro. Pouco depois expira também o tigre.

Linda a pele da fera.

— Quem vai ficar com ela?

— Quem a abateu. Que dúvida?

— Não — intervém Rodrigues. — Não há mais tempo a perder. Já perdemos muito tempo. Vamos mas é no encalço dos bugres.



6 — NOITE DE AGONIA

Caro não é cachorro que se compare ao desafortunado Nero. Não possui a agudeza do faro deste. Facilmente se desguarita, enervando a expedição.

Entretanto, após alguns farejos, acerta com o rumo. Segue a pista, descobrindo, vez por outra, algum retalho de pano.

Pouco depois, desorienta-se, sem jeito de reencontrar o rastro dos Índios. Incrível. Desaparece qualquer, indício. Caro entrega-se. Não quer mais farejar.

Não desanimam os colonos, entretanto. E após afanosas buscas, descobrem, cem metros adiante, pegadas humanas. Pegadas bem nítidas, seguindo diferentes direções.

Não obstante, o cão recusa-se a seguir por qualquer uma delas. Que houve? Quem explica o mistério? Quem profere a sentença é o ponderado e silencioso Jacó Mueller:

— A meu ver — diz ele — os bugres dividiram-se aqui em dois grupos, para melhor nos despistar, carregaram os presos ao colo. Por isso, o cachorro nada mais descobre.

— O amigo Mueller deve ter razão — responde Rodrigues. — Os bugres são muito hábeis.

Todos confirmam. Deve ser assim mesmo.

— E agora que faremos?

— Vamos dormir aqui. E amanhã, descansados, quebraremos o galho.

— De acordo? — pergunta Rodrigues.

— De acordo.

A noite se aproxima. Noite de negro mistério e assombro. Noite de luar. Mas noite quente, abafada, ameaçadora. Pelo findar da tarde, capelas de bugios regougavam, anunciando chuva.



Acampados, devoram todos suas frias viandas. Depois, tratam de ajeitar a cama sobre o colchão das folhas secas.

Os bugres, a esta altura, devem andar por muito longe. Todos estão convencidos. Por isso, não há mister montar ronda nenhuma sentinela. Podemos dormir sossegados.

Sossegados? Será a noite de maior desassossego. Noite de agonia e de angústia. Noite de pavor. Rodrigues, cercado de alguns companheiros, a certa distância do outro grupo, conversa, fumando seu palheiro.

A conversa anda precisamente sobre os bugres. Os bugres estão muito longe. Muito longe.

Nesse mesmo instante, com o maior espanto de todos, sibila uma seta que vai cravar-se no tronco da figueira debaixo da qual palestra o grupo do chefe da expedição.

Um raio. A mesma terrificante impressão que um raio provoca tombando ao pé da gente. Indescrevível o terror que se apodera do grupo que vê ali, acima de suas cabeças, a flecha ainda a vibrar sua haste como a língua de infernal serpente.

— Os bugres! Os bugres! — gritam.

No mesmo instante, num movimento Instintivo, detonam as armas. Detonam alarmando os companheiros do segundo grupo, alarmando a negra solidão da floresta.

Agora, todos de arma em punho, por trás dos troncos de árvores, na impressionante expectativa de iminente e feio entrevero. Horrível entrevero contra os selvagens no soturno negror da mata. Já pensou, compadre?

Segue-se longo e apavorante silêncio, apenas cortado pelo piar da coruja e pelo coaxar de algum sapo. Por perto, cricrilam grilos. Vagalumes vão esgotando sua caixinha mágica de fósforos, na vã tentativa de atenuar o medo da turma.

O silêncio se prolonga, acabrunhante, agonizante, atormentador. Prolonga-se demasiadamente. Xavier Boemi, um grande cômico, já está impaciente, mortinho per soltar uma



de suas gostosas piadas, diante do que Ele julga uma comédia.

Começa a rir sozinho, na surdina. Ri perdidamente, o palhaço. O riso num instante contamina todo o grupo, o grupo distante de Rodrigues. Ninguém deste grupo vira sinal algum de seta. Nenhum sinal de bugre. Nada. E, a esta altura, já ninguém mais acredita em ataque de índios.

Todos acabam numa grande risada, comentando:

— De certo foi um camundongo.

Rodrigues vira bicho. Furioso. Não suporta tamanha profanação:

Atenção, gente. O caso é sério. Venham aqui ver a seta.

Todos se deitam, abafando o riso. Um sai de rojo e vai verificar a existência da flecha. Sim, é verdade, lá está cravada no tronco da figueira.

Não há mais dúvida. Os bugres andam por aí de tocaia. E um combate com Eles de noite, em plena selva, não é brincadeira. Tratemos de organizar a defesa.

Todos deitados em círculo. Arma em punho. Dedo no gatilho. Facão ao lado.

Silêncio. Escuridão. Um enorme enxame de mosquitos. Um formigueiro de micuins. Que tortura!

Súbito, um clarão ilumina a mata. Não é fogo de guerra, não. Mas um relâmpago. Relâmpago que anuncia a aproximação da tormenta tropical.

Agora é que aumenta o perigo. Os bugres, ao clarão dos relâmpagos, podem localizar facilmente o alvo.

Todos alerta. Todos de arma em punho. Olhos abertos, esbugalhados. Ouvidos atentos.

De repente, um ruído perto arranha o silêncio pelo chão. Ruído que anda, que se aproxima, que aumenta. Vem vindo devagar, muito devagar.

— Aí vêm eles.

— Eles, quem?



— Os bugres. Escutem só que barulho.

Todos escutam o ruído. Ali, a poucos passos.

A tensão é indescritível. Enervante. Angustiante. Insuportável.

— Eu atiro.

— Não. Por amor de Deus!

E o misterioso ruído prossegue. Avança. Está ali pertinho, pertinho. Todos com o dedo no gatilho, tremendo, aguardando o sinal de fogo.

Vai senão quando lampeja outro relâmpago que a todos põe em sobressalto. Neis, entretanto, solta uma gostosa gargalhada. Gargalhada sacrílega. Onde já se viu?

— Que belo índio! Está aqui ele.

— Estás louco, Neis?

— Uma caninana. É uma caninana, gente. Caninana de dois metros. Vinha à procura dos restos de comida, a danada.

Realmente, ouve-se distinto o deslizar da serpente fugindo, apavorada.

Sopra o vento impetuoso. Os coriscos recrudescem. Ronca o trovão. Coaxam sapos e rãs, festivamente, ante gozando a alegria do temporal que já vai desabar.

Ninguém traz capa nem guarda-chuva. Buscam todos abrigo sob grossos troncos. Mas o banho é geral. Todos, molhados como pintos. Uma tristeza!

O temporal dura pouco tempo. É uma simples trovoada de verão.

Entretanto, é pavoroso o resto da noite. Noite de agonia. Todos, literalmente molhados, ensopados, tiritando, batendo os dentes, espirrando. Passam de pé todo o resto da noite.

Enfim, um passarinho solta o primeiro pipio, muito timidamente. Depois, o inhambu trila o apito. E a orquestra rompe na selva o hino matinal.

Clareia o dia. Os expedicionários escorropicham



o último pingo de aguardente, atenuando um nadinha a prostração inaudita que os envolve.

A canseira, o sucumbimento, o desânimo, a desilusão estampa-se na macilenta palidez de todos os semblantes.

— E agora, compadre?

— Agora? Agora, fim pra nós. Nossa missão fracassou.

— Estamos entregues. Sem forças.

— Sem alimentos.

— E sem cachaça.

— Não adianta insistir. A chuva apagou qualquer pista. Nunca mais o cachorro vai descobrir o rastro.

— E seria um perigo. Os bugres podem muito bem estar por aí de tocaia, à nossa espera, agora que sabem das nossas intenções.

— Pois é, o único remédio é regressar. Lamberto, o desafortunado Lamberto, até aqui seguira a expedição quase sempre em silêncio, ruminando sua imensa dor, lamentando com seus botões sua inenarrável desdita. Não podia esquecer aquela horrível tragédia. A perda do que possuía de mais caro no mundo — sua querida esposa, seus dois idolatrados filhos. Não podia olvidar o vandálico incêndio de sua casa. A devastação de sua propriedade. A matança de seus animais... Seu pensamento de revolta, sua indignação voltava-se para os bárbaros caingangues. Ah se pudesse pilhá-los...

Era com imensa alegria, com infinita gratidão que ele contemplava a desesperada corrida dos denodados amigos em busca de sua família. Como são queridos estes intrépidos expedicionários! Eles, todos eles, prontificaram-se a enfrentar o mistério da selva, a afrontar o mortal perigo das setas ervadas dos índios. Como poderei agradecer-lhes tanto sacrifício? Tanta dedicação? Tanto amor?

Lamberto, ouvindo agora aquela Justa, mas dilacerante proposta da desistência na busca do paradeiro de sua família,



não pode agüentar. Não pode calar:

— Pois é, meus bons amigos, fico-lhes imensamente, eternamente grato. Vocês foram heróis. Autênticos heróis. Cumpriram valorosamente a missão. Podem voltar. Voltem para junto das famílias, que devem estar ansiadas. Voltem todos. Eu, porém, não voltarei. Não posso voltar. Hei de andar pela mata até que encontre minha família... E se não a encontrar, ficarei por aqui mesmo. Hei de morrer nesta solidão. Para mim a vida perdeu a razão de continuar.

— Deus nos livre, Lamberto! Nunca! Não pode. Você não pode ficar aqui.

— Seu Rodrigues, eu fico.

— Não, Lamberto. Imagine só a nossa situação. Voltar sem você, ninguém volta.

E Rodrigues prossegue:

— Escute, Seu Lamberto. Eu vou ter com o Governo. Eu prometo. Eu juro. Olhe, Lamberto, eu não quero mais que me chamem ae Matias Rodrigues da Fonseca se não trouxer socorro policial para resgatar sua esposa e seus filhos. Ainda amanhã irei a São Leopoldo.

Lamberto mais uma vez se comove diante daquele generoso coração, daquela montanha de bondade que é o Seu Rodrigues. Comove-se até as lágrimas.

Queda-se pensativo uns instantes. Anima-se depois à idéia de que uma escolta oficial poderá resgatar sua família, entregar-lhe sua adorada Valfrida, o seu querido Jacó, a sua querida Lucila. Parece que agora esteja vendo sua esposa voltando com os filhos.

E resolve aceitar a proposta de regressar. Todos voltam pelo mesmo caminho. Tomás Postai vai agora tomar posse do que conquistou com tamanho denodo — a pele do tigre. Volta vergando ao peso do belíssimo couro.

É noite quando a malograda expedição chega a S.



Vendelino. Todos são recebidos em suas casas com abraços da esposa e dos filhos.

Só o infeliz Lamberto não. Ele já não possui casa, já não possui família. Sua casa é um montão de cinzas. Sua esposa, seus filhos, perdidos na mata. Vivos talvez . . .

Matias Rodrigues da Fonseca recebe Lamberto em sua casa. O conforto daquele abençoado lar, o carinho daquela distinta família, mais aumenta a saudade e a dor em seu coração

. . .



7 — A FUGA DOS BUGRES

Enquanto aguardamos que se planeje nova expedição de resgate, a expedição oficial, acompanhem os índios em sua fuga pela mata, levando manietados os três prisioneiros.

São 50 bugres robustos, armados de arcos e flechas, alguns de clava. Sua indumentária resume-se numa tira de pano ou couro, cingindo os quadris. Todos ostentam no cabelo uma pena vermelha de papagaio. Uns, um cocar de penas multicores. Alguns rostos estão tatuados com desenhos vários. Do pescoço de uns pendem embiras com enfeites.

Preocupados em não deixar pista alguma, carregam os presos durante meia hora. Meia hora de marcha acelerada, em fila indiana, sempre em silêncio.

Depois, desamarrando-lhes os pés, obrigam as vítimas a caminhar. Valfrida recusa:

— Não quero! Não quero!

Os selvagens empurram-na com violência. Dão-lhe bofetadas na boca, fazendo-a calar e sangrar. Em seguida, com ramo espinhento vergastam-lhe os membros. O sangue jorra, manchando o vestido.

Não há outro remédio. É preciso marchar. À frente, vai um índio velho, sem orelha. Atrás, em fila indiana, Lucila, Jacó e a mãe. Depois todos os índios, um atrás do outro, sem dizer palavra, a passo largo, carregando pesados fardos, fruto da rapinagem na casa de Lamberto.

Valfrida tem uma idéia genial. Para possível orientação de seus libertadores, rasga um pedaço de vestido e deita-o ao solo. Gesto que ela vai repetindo de longe em longe.

A marcha é forçada, através de impenetrável matagal, subindo e descendo morros, saltando sobre pedras, troncos caídos . . . Lucila já tem os pés sangrando. A mãe carrega-a às



costas. Jacó, igualmente, vai cansado.

Aos ombros dos bugres pesam os pedaços de carne de porco, de gado. Pesam as galinhas, fardos de roupas, de talheres, vasilhas . . .

Esgotaram-se já as energias de Valfrida. Quer cair ao solo para não mais se levantar. Mas, de repente, ouve-se um grito de pássaro. O velho índio da ponta estaca. Todos suspendem a marcha.

Valfrida tem impressão que a turma decresceu. Decerto um grupo seguiu por outro caminho.

O cacique murmura palavras de seu idioma e, a seguir, toda a indiada se põe em atividade. Amontoam grossas pedras. Juntam lenha. Retalham carne. Um, com espantosa rapidez, esfrega um pau seco contra outro verde e em meio minuto fumeça o seco. Aplica à brasa musgo seco. Sopra e a chama arde.

Arde o fogo, sapecando a carne. Os bugres dançam em redor. Deitam sobre o assado folhas aromáticas.

E agora tocam a comer. Comem gulosamente, esganadamente. Os brancos recebem sua parte. Valfrida anda morta de fome. Come. Obriga os filhos a comerem.

Depois uns bugres se dispersam pela mata em busca de caça.

Em dado momento, o cacique fixa o olhar nos pés em sangue dos três brancos. Reflete. Chama cinco selvagens. Fala com eles. Todos olham para as feridas.

Valfrida dá uma interpretação otimista àquela estranha linguagem: Vão abandonar-nos aqui. Estamos salvos.

Salvos? Coitados!

Os silvícolas juntam mais lenha sobre as brasas. Reacende-se a fogueira. Agora o pensamento da pobre mãe é deveras sinistro: Vão assar-nos. Vão comer-nos, os canibais.

As chamuscas devoram toda a lenha, formando imenso



braseiro.

O morubixaba lá está de faca na mão. Os cinco selvagens agarram as três indefesas vítimas, que berram desesperadamente. Violentas pancadas na boca, reduzem os três ao silêncio.

E agora metem-lhes a faca nos pés, abrindo talhos profundos e banhando de sangue as mãos dos carrascos.

A seguir, arrastam-nos para junto do braseiro. Queimam-lhes as feridas, desapiedadamente, impiedosamente.

É tamanha a dor de Valfrida e seus filhos, que já não sabem se lhes amputaram os pés.

Um bugre apanha uma erva, tritura-a com uma pedra e coloca sobre as feridas, amarrando com embiras.

Trazem-lhes depois uma vasilha com água fresca. E, deixam-nos a sós, gemendo sua imensa dor e pensando no mistério de todo aquele incrível martírio.

A tarde vai morrendo na floresta. Bugres voltam ao acampamento com caças e muitas frutas silvestres: batinga, bacuri, guabijus, maracujás . . . Colocam sobre folhas e oferecem aos brancos que as saboreiam.

Assam mais carne. Assam galinhas. Todos jantam.

Depois amarram com cipós os pés da mãe e da filha. Um velho guerreiro leva Jacó para junto de si. Deita ao seu lado. Passa-lhe o braço pelo pescoço e aperta-o conta seu corpo. E, desta maneira, adormecem ambos, num sono pesado.

Todos dormem no silêncio da noite. Perto, grilos cricrilam. Longe, coaxam sapos. De quando em vez soa uma voz humana. É o grito do urutau.



8 — 0 PREÇO DA LIBERDADE

Jacó dorme nos braços do índio guerreiro. Dorme Lucila, manietada. Todos dormem. Só Valfrida não prega olho. Valfrida, que desde a manhã vem espreitando todos os instantes para deitar a fugir. A fugir mesmo agora, com os pés a sangrar. A liberdade não tem preço. Aqui vale mais do que a vida.

Valfrida escuta o coletivo rressonar do sono. Todos dormem. Dormem profundamente. Ninguém de sentinela. Ninguém.

Tenta ela desvencilhar os braços das amarras. Mas os cipós, as embiras, parecem fortes tentos de couro.

Faz um esforço hercúleo, supremo. Os liames, assim forçados, abrem sulcos na carne. Sangram os pulsos.

Aos poucos, vão cedendo as amarras. Vão cedendo, cedendo. Enfim, rompe-se o cipó que enlaça o busto.

Leva agora à boca as mãos atadas. Trabalham os dentes. Vão cortando, cortando. Cortam o nó mestre. Os demais cedem com facilidade. Com a mesma facilidade cedem as amarras dos pés.

Fundo suspiro: Graças a Deus.

Enxuga o suor do rosto com a saia. Respira profundamente. Arma-se de coragem. Olha em derredor. Todos continuam dormindo profundamente.

Agora é preciso acordar o filho que dorme nos braços do guerreiro. Não é fácil.

E assim, com os pés a sangrar, poderão deitar a fugir?

Valfrida, leve como uma sombra, levanta-se. Fantástico! Quase não sente dor nos pés. A erva fora um santo remédio.

Que bom! Jacó e Lucila estarão nas mesmas condições para andar. Vai raiar enfim para nós o sol da liberdade.

De gatinhas, o coração aos saltos, a mãe avizinha-se com



fedea a cautela do filho adormecido no colo do forte guerreiro.

A lua, penetrando pelas ramagens, clareia o corpo dos dois. Valfrida é Judite diante de Holofernes. Mas não há mister vibrar o alfange. Não é mister violência.

Jacó, apertado pelo braço esquerdo do bugre, respira com dificuldade. Solta uns sons confusos, provocados por estranhos sonhos.

A mãe, ajoelhada ao lado do filho, começa a passar de leve a mão pelo braço rude do selvagem. Agarra-lhe a pesada mão. Tenta retirar o braço. Mas o braço parece de chumbo. Com ambas as mãos e com toda a força mal consegue movê-lo.

O índio estremece, e, horror! abre os olhos. A mulher, rápida como o raio, esconde-se por trás do corpo do rapaz.

O guerreiro vira-se e ferra no sono profundamente. É o momento de agir. A mulher agarra-lhe outra vez o braço, ergue-o e liberta o filho.

Fala-lhe ao ouvido:

— Acorda, filho . . . Sou eu, a mamãe. Acorda que vamos fugir.

O moço contorce a face, geme uns sons confusos, mas não desperta.

— Abre os olhos, filho de minha alma! Olha para mim ... A mãezinha está aqui.

Enfim, abre os olhos e fixa-os na mãe que lhe tapa a boca:

— Silêncio! Não fales . . . Jacó, meu bem, os bugres dormem. Vamos fugir. Vamos embora. Vamos para casa.

Agora o rapaz se dá conta do que se passa. Com auxílio da mãe, afasta-se devagar. Levantam-se e vão para junto de Lucila. A mãe toma a filha no colo. Atravessam pelo meio dos bugres que roncam espalhados pelo solo. Num instante, vão longe, correndo para casa, como aves que fogem da gaiola.

Lucila vai dormindo nos braços da mãe. Lá adiante,



Valfrida coloca a filha no chão. Desamarra-lhe as mãos, os pés. Continua dormindo, a coitadinha. Depois choraminga.

— Não chores, filha. Escapamos dos bugres. Vamos fugir para casa. Anda. Coragem! Vem, Lucila.

Agarra-a pela mão. Vão caminhando apressadamente através do emaranhado da selva.

As ataduras dos pés desfazem-se. Doem os pés. Sangram. O chão parece atapetado de cacos de vidro.

Caminham à toa. Perdem o rumo de casa. Não faz mal. O que interessa é estar longe dos bugres.

Duas horas de marcha penosa, de dores incríveis, de angústia, de ansiedade.

A resistência chega ao termo. Vamos descansar, filhas. Aqui. Aqui no meio deste taquaral ninguém nos descobrirá.

Deitam. Os pequenos caem logo num sono forte, a cabeça no colo da mãe. Esta já dorme, já acorda, sobressaltada por sinistros sonhos. Agoniante madrugada.

Pássaros pipiam, anunciando o despontar do novo dia. Logo que o sol ilumina e aquece a floresta, a araponga entra a martelar furiosamente na bigorna, como para dizer que trabalhosa será a jornada.

Jacó e Lucila ainda dormem profundamente sob o olhar complacente da mãe.

Valfrida é mulher corajosa e otimista. Está vivamente convencida de que os índios não mais perderão tempo com ela e seus filhos. Estamos salvos. Podemos descansar sossegadamente. Daqui a pouco os bugres estarão longe, muito longe daqui. Papai virá nos buscar.

Jacó acorda. Esfrega os olhos.

— Mãe, onde estamos?

— Salvos. Estamos salvos, meu bem.

— Mãe, eu sonhei que veio o pai e matou todos os bugres.



— Não, meu filho, não fale em matar.

Lucila também acorda e diz em voz baixa:

— Eu sonhei que veio aqui o nosso papagaio. Era grande, grande como um cavalo. E nos levou para casa em suas asas.

Palavras não são ditas, ouve-se um ruído como de passos que se aproximam. Gravetos estalam. Que será? Será gente? Será bicho?

Os três corações batucam descompassados, numa angústia sem fim.

O rumor recrudesce. Sempre mais perto. Agora entra no taquaral. Pára um instante. Depois, mais uns passos.

A mãe aperta os filhos ao coração. Agora nota-se melhor. Um assoprão. Algo arranca folhas e mastiga.

Alivia-se a tensão. Graças a Deus, está afastada a idéia da presença dos bugres. Deve ser um animal. Um animal herbívoro.

E é mesmo. Através das taquaras, divisa-se um vulto escuro que avança, devorando folhas de bambu, a cabeça enorme, enormes os beijos, branca a fileira dos dentes. De repente, o animal dá com os olhos nas três pessoas. Solta um berro e pula rápido para trás, fugindo a trote largo.

Jacó e Lucila, depois de toda aquela angustiante expectativa, só podem rir ao ver o grande susto da anta. A mãe ri também, satisfeita porque, afinal, tudo não passou de um susto.

Mas a alegria dura pouco. Muito pouco. Sim, porque os bugres, acordando, e dando pela falta dos brancos, fazem ecoar o grito de alarma. A ordem do cacique é terminante: Todos no enalço dos fugitivos. Todos. Depressa.

A coisa mais fácil para eles é descobrir a pista. Descobrem logo. E marcham direitinho para o bamburral.

Mas chegam precisamente no instante em que o tapir se amedronta e dispara pela selva. Eles julgam encontrar-se



diante de um tigre. E arma-se a guerra. 40 gargantas berram desesperadamente acuando o suposto jaguar.

Nem sinal de tigre. Repete-se duas, três vezes o berreiro. Nada. A floresta jaz no mais impressionante silêncio.

Um caçador adianta-se esquadrinhando o taquaral. Avança. Avança. Súbito, esbarra com os três coitados que soltam um grito de pavor.

A horda selvagem cerca-os, gargalhando, contentes como garoto que aprisiona um canário.

Aos empurrões e pontapés. Valfrida e os filhos regressam ao acampamento, onde seus pés são medicados. Depois se alimentam com frutas e carne, para em seguida cair num sono profundo.



9 — CAMPO DOS BUGRES

No acampamento, extenuados, dormem os cativos. Dormem profundamente. Per volta do meio-dia, são acordados para prosseguir na marcha.

Marcha penosa, penosíssima, pela ínvia floresta, montanhosa, pedrenta, espinhosa.

Fila indiana, como no dia anterior. Sempre em silêncio. Valfrida e os filhos vão à frente, logo atrás do ponteiro, o velho índio sem orelha.

Em dado momento, trila o apito do cacique, fazendo estacar a marcha. Todos atentos à palavra do chefe. E a ordem é de formar dois grupos. O mais numeroso carrega a bagagem. O outro, formado de seis homens, toma conta dos brancos.

Ao cair da tarde, o segundo grupo acampa. Assam dois jacus que foram caçados durante a marcha.

Dispõem-se a dormir. Tomam agora o máximo cuidado com os presos. Amarram-nos muito bem amarrados, e, além disso, fincam grossas forquilhas sobre o pescoço, de sorte a impedir qualquer movimento da cabeça.

Quase impossível passar a noite naquele Inaudito martírio.

Felizmente, surge um imprevisto auspicioso. Volvidos poucos minutos, um bugre, o terror no rosto, traz um recado ao chefe do pequeno grupo. O espanto estampa-se no semblante de todos.

Imediatamente, os presos são soltos. Empurram-nos para seguir, caminho para a frente. Depressa. Vamos depressa.

Naquele mesmo instante, a mata estremece sob o fragor de cerrada fuzilaria. Valfrida, num delírio de felicidade, não se contém e fala:

— O pai. O pai vem aí. Estamos salvos. Filhos, estamos



salvos. Vamos parar.

E deita-se ao solo. Teimam em não prosseguir. Deitam-se também os filhos. Os selvagens dão-lhes ponta pés, murros, bordoadas. E a mãe:

— Não vamos levantar, meus filhos. Esperemos aqui. O pai está perto.

Os índios suspendem a pancadaria. Falam entre si. Depois, de clava na mão, ameaçam os brancos de morte:

— Andar ou morrer. Escolham.

Não há outro expediente senão obedecer.

Valfrida vai contrariada, empurrada, arrastada. Os filhos perguntam:

— Mãe, o pai ainda está longe?

— Não, filhos, o pai vem perto.

A marcha segue seu destino pela noite a dentro. Não mais se escuta tiro algum de espingarda.

Noite abafada, de mormaço, o mormaço que precede a chuva de verão.

Param. Deitam e dormem. Só não dorme aquela aflita mãe que espreita um meio para deitar a correr, para fugir ao encontro de Lamberto.

Ao longe lampeja um corisco. Vagalumes traçam linhas de fogo por entre as árvores. A bicharada noturna abre numa sinfonia discordante. Há gritos, gargalhadas, gemidos, grasnados, crocitos . . .

Fantástica na selva a hora que precede o temporal. Há milhares de vozes tripudiando num festival de felicidade.

Avizinha-se a tormenta. Fuzilam relâmpagos. Roncam trovões.

Os índios levantam-se e a marcha prossegue. A noite é negra, negra. Só existe para indicação do rumo a lanterna fugaz do relâmpago.

Andam às apalpadelas, aos tombos, por íngreme ladeira.



Mas os índios conhecem a floresta e, sem demora, atingem um paredão a pique, 35 metros de altura, e sob o qual se escancara vasta furna, lindamente enfeitada pelo véu de uma cascata. Local de rara beleza que mais tarde se transformará em atração turística, tomando o nome de Salto Ventoso, a meio caminho entre as cidades de Farroupilha, Garibaldi e Carlos Barbosa.

Com braçadas de folhas secas, os bugres preparam leito para os brancos. Eles não se deitam. Ficam à boca da caverna, espreitando o temporal que ronca soturnamente e desanda em chuva torrencial.

Súbito, soltam um grito. Ao clarão de relâmpago, vê-se uma enorme aranha caranguejeira, seguida de uma infinidade de filhotes, todos buscando o abrigo da toca. Afugentam-nas os bugres a pedradas, enquanto Jacó e Lucila tremem de medo.

O vendaval é violento mas fugaz. Dentro de uma hora, a mata goteja serenamente. Os índios recolhem-se para o repouso.

De manhã, quase sem alimentar-se, põem-se novamente em marcha, galgando montanhas, descendo montanhas, transpondo mil obstáculos.

Enfim respiram o ar fino das altitudes. O terreno não é agora tão acidentado. A selva transforma-se em denso pinhal. Um pinhalão sem fim. Pinheiros enormes, o tronco reto, abrindo no alto a airosa copa que parece um imenso guarda-chuva.

Pelo chão, as grimpas formam um espinhento tapete. Sangram os pés dos cativos. Sangram os pés dos silvícolas.

Estes param. Param a fim de proteger os pés com uma espécie de calçado de raminhos folhudos, amarrados com embiras, para si e para os brancos.

A marcha é assim um tanto embaraçosa, mas, por outro lado, traz grande alívio aos martirizados pés.

Ao meio-dia, surge diante deles um trecho de campo,



com fartas pastagens nativas. Pinheiros isolados, em sua régia esbelteza, derramam infinita poesia.

Um sol canicular obriga os índios a improvisar uma sombrinha de ramos verdes. Arranjam também para Valfrida e seus filhos. Os coitados vão numa prostração inaudita.

Após dez minutos de marcha pelo campestre, avista-se um aldeamento, ao longe, na orla do mato, a cavalo de uma coxilha.

Alegra-se Valfrida, julgando tratar-se de um povoado de brancos. Hei de gritar por socorro. Gritarei, aconteça o que acontecer.

Mas a esperança de evadir-se das mãos dos selvagens, desfaz-se pouco depois, quando se aproximam. Crianças pardas, nuas, brincam à sombra de uma árvore. São bugrinhos. Aquela é uma aldeia de bugres. A taba dos caingangues.

Sete anos mais tarde, naquele mesmo local, serão lançados os alicerces de importante cidade, um dos maiores centros urbanísticos do Brasil meridional, graças ao trabalho hercúleo dos imigrantes italianos. Será Caxias do Sul.

As crianças pardas, percebendo a aproximação do grupo trazendo três brancos, saem correndo a anunciar de oca em oca o grande acontecimento.

Num instante, há mulheres e moças pulando e gritando de alegria.

Os brancos, conduzidos para o terreiro, no meio da aldeia, são saudados efusivamente com palavras do idioma caingangue e com extravagantes medidas.

A seguir, todos escutam, da boca do chefe do grupo, a impressionante narrativa da homérica façanha. O assalto à casa. O saque. A matança dos animais. O incêndio da moradia. A fuga pelo mato. O auditório, soltando exclamações, vibra delirantemente.

A seguir, o cacique da tribo, com um aceno, convida



uma velha índia, de cabelos brancos e pele enrugada. Esta toma Valfrida pela mão, bondosamente, e a conduz com os filhos para uma cabana no fim da aldeia. Mulheres e moças nuas, horrivelmente tatuadas, acompanham, tagarelando.

Esta casinha é a morada das viúvas, das mulheres abandonadas e dos órfãos.

De repente, a velha bugra entra a chorar. Todas as mulheres começam a chorar. Choram para demonstrar compaixão pelos sofrimentos de Valfrida e de seus filhos.

Ao pranto sucede o riso. Fazem festa aos três prisioneiros. Trazem-lhes carne, frutas e água. Por fim conduzem-nos às redes para que descansem da longa jornada.

Valfrida e seus filhos contemplam espantados todo aquele mundo esquisito. Dentro da cabana há vasilhas, porongos, panelas. No centro, enorme panelão de barro, sobre grossas pedras, fumeja, exalando odor de carne e mandioca.

A maloca é miserável, mal-cheirosa. Quatro postes nos ângulos. Paredes de bambu. As frestas fechadas por macega. Coberta de folhas de palmeira. Nas paredes, como adornos, ossos de feras. Redes, trançadas com fibras de urtigão, forradas com peles de feras, servem de leito e de assento.

Numa delas está agora sentada Valfrida com os filhos. As índias, em derredor, fazem perguntas que ela, com gestos, diz que não entende.

Fora, no terreiro, recomeça a algazarra da garotada. Os meninos brincam com os meninos. As meninas com as meninas.

Rapazes, armados de varas, movimentam pinhas verdes, jogando uma espécie de futebol. Há em cada extremidade do campo uma goleira. Marcado um tento, prorrompe ensurdecedor vozerio. Jogo movimentadíssimo, aos tombos e encontrões. Mas ninguém se queixa, ninguém reclama, ninguém briga.

As meninas com rara habilidade pulam a corda que é



um cipó. Algumas embalam bonecas. Sentados pelo chão, rapazes fabricam arcos e flechas, afiam pontas de setas. Homens lidam com clavas e tacapes. Dois treinam um combate.

Já se vai pondo o sol por trás dos altos pinheirais, quando forte clamor rebenta lá fora no terreiro.

As mulheres, num salto, rompem casa afora. Valfrida espreita através da porta entreaberta. Que é que vê?

É a horda que vem chegando, trazendo o fruto do assalto à casa dos brancos. Colocam os embrulhos no chão. Retiram a panela de metal, a chaleira, os pratos, as travessas, as xícaras, tudo o que furtaram na casa de Lamberto. Valfrida reconhece todos aqueles objetos. Os utensílios de sua cozinha. Os seus queridos utensílios domésticos . . . Ela não pode conter as lágrimas.

A indiada tripudia num euforismo sem igual. Lá está uma fortuna para eles.

E o entusiasmo aumenta logo depois quando, lá atrás, seis homens vêm chegando a tocar uma vaca. É a Mabita de Valfrida . . .

Pela noite a dentro, a festiva algazarra se prolonga ao redor das fogueiras. Agachados, os índios fumam num cachimbo de barro. Em cuias de porongo, tomam o amargo caajari, o seu chimarrão. Contam e escutam a empolgante narração daquela aventura, daquela heróica façanha.

Moças virgens, diante de enorme panela de argila, mastigam grãos de milho seco e depois cospem dentro da vasilha. Preparam assim a espumante bebida indiana, o apreciadíssimo e capitoso cauim, com o qual, na noite seguinte, festejarão o magno acontecimento e comerão a vaca.

Valfrida reconhece que é irreparável sua desgraça. Mas não perde totalmente a esperança de um dia se libertar daquela prisão. Para tanto, resolve cativar a simpatia e a confiança dos



bugres.

A taba compõe-se de 60 famílias, cada uma morando em sua oca. O moacara, o chefe de família, possui poderes ilimitados sobre os seus, mas é pai bondoso.

O povo é governado per um conselho de moacaras e assistido por abarés, os mais anciães.

Morubixaba é o chefe guerreiro, sempre escolhido entre os mais idosos, valentes, astutos e inteligentes.

No centro da aldeia, ergue-se uma cabana maior. É o palácio do governo, onde se reúne o conselho.

Ao canto extremo, outra oca grande, onde se encontra Valfrida com seus filhos. Ê a residência das viúvas, das mulheres abandonadas, das virgens que se recusam casar e dor órfãos. Recebem o sustento de toda a coletividade.

A direção desta oca pertence a Ceji, que significa estrela. Uma velha índia autoritária, mas com alguma bondade no coração. Valfrida e seus filhos muito se valerão desta virtude de Ceji.

A noite vai alta. A mãe branca recebe uma rede onde vai dormir com Lucila. Jacó deita-se no chão, sobre duas peles de fera.

Ferram logo no sono. Um sono profundo.

A primeira noite do branco no Campo dos Bugres, local onde dormirão milhares de brancos, no conforto da moderna cidade de Caxias do Sul.



10 — FESTA NA TABA

Valfrida acorda ao clarão do sol que penetra no rancho. Com os filhos, recebe das bugras a primeira refeição que é frugalíssima. Uma espécie de polenta de grossa farinha de milho, triturada na hora, entre duas pedras, e em seguida cozida no panelão, no centro da casa.

A mãe branca faz sinal que deseja lavar-se, pois não se lava desde que saiu de São Vendelino. A superintendente conduz os três brancos ao arroio. Lavam as mãos. Lavam a cabeça. Lavam os pés. Um banho restaurador. Uma delícia.

Valfrida sente-se agora disposta e aproveita aquele momento para ditar aos filhos uns bons conselhos:

— Se quisermos voltar para Junto do papai — diz ela — devemos agradar sempre aos bugres. Obedecer alegremente a todas as ordens. Prestar todo serviço possível. Comportai-vos bem. Amai a todos como irmãos. Sempre dispostos, sempre de bom humor. E procurai aprender logo a língua que eles falam.

Uma hora após, Jacó e Lucila estão brincando com os bugrinhos. Ceji, toda sorridente, chama a atenção de Valfrida para o fato.

Valfrida passa a manhã revirando a língua para aprender o nome dos objetos.

A taba inteira vive ura dia de intensa atividade, preparando a festa para a noite, quando será comida a Mabita. Além de carne de gado, haverá papagaios.

O dormidor dos papagaios é ali nos pinheiros, ao lado das ocas. Pelo entardecer, bandos enormes de papagaios, numa algazarra ensurdecadora, afluem de todas as bandas.

Os bugres, com escadas de cipós, trepam, à noite, até a copa das araucárias. Acendem um archote que cega as aves. Passam-lhes um laço pelo pescoço. Um puxão rápido e está



morto o papagaio.

No centro do terreiro, um montão de lenha. Os bugres todos ao redor. As mulheres também. Valfrida também. Jacó e Lucila, igualmente.

A um sinal do cacique, rufa o tambor. Vários bugres acendem a fogueira com archotes.

Arde a fogueira, enquanto todos, de mão dada, pulam e giram ao redor.

A certa altura, chega um jovem conduzindo a vaca malhada, a Mabita. Ela traz ao pescoço uma grande coroa de flores silvestres.

Logo é saudada com gritos de alegria que amedrontam o pobre animal que solta uns berros, para maior prazer da petizada.

E, sem demora, um índio, todo pintado com várias cores, avança solenemente com enorme faca na mão. Com largo gesto violento, enterra-a até os copos no pescoço do animal que, berrando e pulando, acaba tombando sem vida.

Valfrida não suporta a visão de negra cena. Tapa os olhos com as mãos e chora. Chora o triste fim da sua querida vaquinha.

Um rapaz enche uma cuia de sangue e apresenta-a ao cacique que o sorve todo num instante, lambendo os lábios.

Esfolam a vaca. Retalham as carnes. Espetam grandes pedaços. Colocados sobre um varal, a certa altura do braseiro, vão assando. Para que a graxa não se perca, os churrasqueiros viram e reviram os espetos. Deitam folhas aromáticas sobre os assados, suprindo assim a falta de tempero.

Nas panelas fervem os papagaios. O caldo é servido como bebida, como aperitivo.

Agora cada família recebe a sua parte. À velha Ceji toca um grande espeto. Valfrida e seus filhos são igualmente muito bem servidos, com um bom pedaço de carne e um papagaio.



A fogueira toma a arder e agora vai principiar a festa, a festa de verdade, a festa propriamente dita.

As mulheres, com jarros e taças, servem o cauim, suculento e embriagador, cada uma a seu marido, com votos de muito prazer. Os homens tomam, tomam, até que sentem na cabeça o efeito estonteante do álcool.

Agora bebem as mulheres. Bebem, bebem, até não querer mais.

Só os casados. Solteiro não toma parte ativa na festa. As moças lá estão, a um canto, formando um semi-círculo. Os rapazes, no outro lado. Todos espectadores. Apenas espectadores. Os coitados!

Rufa o tambor. Começa a dança. Homens e mulheres, girando, pulando, correndo, gritando, cantando, gesticulando. É uma dança horripilante, infernal, em meio a um barulho ensurdecedor.

Depois, uma pausa. A seguir, os homens atacam-se em luta, dois a dois, com espantosa agilidade. No final, vencidos e vencedores atiram para o alto punhados de areia, soltando exclamações.

Segue-se uma luta romana. Violenta luta singular, um procurando derrubar o outro.

A seguir, simulam uma batalha. O entrechoque das clavas é acompanhado pelo clamor dos espectadores e o rufar do tambor.

Por fim, a guerra. Os homens dividem-se em dois campos opostos. Parados, de tangapema em punho, olhos fitos no adversário. Silêncio impressionante. Súbito, trila um apito. O choque é raio. Ê trovão, em meio a infernal gritaria.

Valfrida e seus filhos estremecem horrorizados, estarrecidos. Parece-lhes o fim do mundo.

Mas os guerreiros são valentes. Nenhum golpe certo fica sem ser aparado. E ninguém recebe o menor arranhão.



O morubixaba finca no solo uma longa vara, encimada por um feixe de capim verde. Cessa a batalha. Os guerreiros saúdam-se em altos brados.

Pausa. O cauim recomeça a roda. Embriagados, homens e mulheres, marido com esposa, entram agora a dançar. Dançam aos pulos, aos berros, aos tombos; a mais horrível, a mais selvagem, a mais alucinante dança. Mas sempre o mesmo par. É crime contra os direitos da família, dançar o marido com esposa alheia.

De longe em longe, a vara de capim verde levanta-se para uma pausa. Volta o cauim. Volta a dança. Assim pela noite a dentro, até que a bebedeira, o cansaço e o sono prostram os dançarinos. Tombam pelo chão e dormem. Alguns conseguem ir cambaleando até suas ocas.

O silêncio impera soberano na taba. No meio do terreiro, um montão de cinzas. Sopra a brisa noturna e levanta uma chama fugaz . . .



11—0 ÊXODO

Acorda Valfrida, quando o sol já vai alto. O novo dia traz-lhe logo um raio de esperança. Ouve lá fora um latir de cães e pensa: Está aí Lamberto que vem nos buscar.

Levanta-se de um salto. Vai à porta. Ceji, com olhar severo, fá-la tornar à rede.

Desperta a taba inteira. Agita-se toda com exclamações, imprecações. As mulheres levantam, saem ao terreiro, alarmadas.

Que há? Valfrida, pela porta entreaberta, espreita o movimento. Homens agrupados, o espanto no rosto, falam com nervosa agitação.

Um bruto canzarrão entra na cabana das viúvas, põe todo mundo em pânico e vai abocanhar um pedaço de carne. Uma senhora tenta enxotar o animal a pauladas. Ele salta-lhe ao pescoço, mordendo-a.

Aos gritos de alarma, acodem os homens que prendem o cão.

Valfrida vê lá fora outros cães, roendo os ossos do churrasco. Vê ainda um indivíduo diferente. Chapéu de abas caídas e trajando como os civilizados. Falam com largos gestos, apontando para o sul.

De repente, reconhece-o. Instintivamente salta para trás, com um grito desesperador: Luís Bugre!

Este vai para ela e, ainda de longe, com ar de troça, lhe fala:

— Bom dia, mulher branco. Tu aqui? Fugir do marido? Ruim mulher!

— Ah, malvado! Ainda falas assim? Traidor! Tu és culpado de toda a nossa desgraça . . .

— Traidor eu? Não mesmo.



E Luís Bugre vai-se defendendo com suas costumeiras lorotas. Mas a mulher, num supremo esforço, domina a indignação:

— Bom Luís, tenha pena de nós! Dê um Jeito para voltarmos para casa. O senhor tem poder para tudo. Seja bonzinho. O meu marido vai-lhe recompensar.

— Recompensar? Quá, quá, quá! Eu saber isso. Branco recompensar Luís Bugre cadeia. Não, Luís Bugre não ser bobo não.

— Escute, Luís, meu marido sabe que estamos aqui?

— Marido saber, sim. Homens vir, polícias vir com espingardas — responde apontando para o sul. — Bugres fugir. Bugres levar mulher branco. Mulher orgulhosa agora ser bugre.

Assim fala Luís Bugre, enquanto um riso sarcástico lhe salpica os lábios, gozando uma alegria satânica.

Valfrida chora. E lhe:

— Mulher chorar, mulher ruim, bugres zombar. Mulher rir, mulher bom, bugres honrar. Polícia matar bugres. Bugres matar mulher branco e filhos.

Não há mais dúvida alguma. Está lavrada a sorte da infeliz mulher e de seus filhos. É incrível a revolta de Valfrida, a indignação, o desdém que experimenta contra aquele monstro.

A coitada, seguida pelos filhos, retira-se para o interior de sua miserável cabana, onde dá livre curso ao pranto. Chora a sua desgraça, a sua irreparável desventura.

O pajé está diante de Sapa, a mulher mordida pelo cão de Luís Bugre. Acende o cachimbo, sopra sobre ela uma grande baforada. Depois arranca dois talos de capim. Coloca um sobre o outro. O vento sopra e leva o de cima, que simboliza a mulher. O feiticeiro explica que a mulher viverá, mas o cão deve morrer.

Luís Bugre intervém alegando que não concorda perder o seu cão:

— Meu Bull é o terror dos tigres. Que é que me dão por



ele?

— Tantas peles de tigre quantos são os dedos da mão.

— Meu cachorro vale muito mais.

— Quantas então?

— Quero uma pele para cada um dos dedos das duas mãos.

— Tua cobiça é insaciável, Luís, insaciável como um tigre. Não faz mal. O cachorro é nosso.

Em poucos Instantes, o relvado cobre-se de lindas peles de onça, caprichosamente curtidas com óleo de peixe.

— Escolhe e vamos ver como poderás levá-las para tua cabana.

Luís Bugre cuidava que os índios lhas entregariam em casa. Agora, já que não pode levá-las, quer mostrar-se generoso e responde:

— Foi brincadeira minha. Fiquem vocês com as peles e o cachorro. Um dia eu me cobro.

Bull é arrastado para junto de Sapa. Esta, por ordem do Pajé, mete a faca no pescoço do cão. Jorra o sangue. O curandeiro unge com ele as feridas da índia.

Pronto. Está salva a mulher.

Luís Bugre solta um forte assobio e a cachorrada o rodeia. Põe ao ombro a espingarda e:

— Adeus. Boa viagem! Dentro de seis meses, estarei de volta.

E agora principia com urgência o trabalho de demolir a taba. Em poucas horas, não se vê mais uma oca. A aldeia jaz totalmente arrasada.

Embrulhos com utensílios indispensáveis. A madeirama, os potes, são amontoados na mata. As peles, dentro de grandes vasilhas de argila, são enterradas. O restante é amontoado e queimado.

E sem mais demora, tem início o grande êxodo da tribo.



Jaboti, um velho guerreiro, de cabelos brancos, vai à frente.
Marcham em fila indiana, em silêncio, apressadamente.

Apressadamente, que a expedição dos brancos vem
atrás, em feroz perseguição.



12 — A SEGUNDA EXPEDIÇÃO

O Governador da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Dr. Francisco Marcondes Homem de Melo, a pedido de Lamberto e Matias Rodrigues da Fonseca, fornece ao delegado de polícia de São Leopoldo carta branca para organizar uma expedição oficial de resgate aos três cativos, a expensas do Governo.

No dia 22 de Janeiro de 1868, no Forromeco, o delegado tem às suas ordens 18 voluntários: João Weisheimer, João Vogt, Xavier Angst, Pedro Alies, Castor Gewehr, Filipe Rammé, Nicolau Linsfeld, Filipe Althaus, João Bohn, Jacó Blank, Pedro Fusiger, Miguel Ort, Carlos Persch, Romeu Schäfer, Jacó Weierich, Valentim Weber, João Flach e Lamberto Versteg.

Partem bem armados e providos de alimentos para vários dias, cientes de que em menos de semana estariam de regresso com os três cativos.

Luís Bugre, o velhaco, aparece na hora da partida e prontifica-se a levar os expedicionários à taba dos caingangues. O plano do bandido era de entregar a Lamberto a mulher e os filhos, a troco de polpuda soma. Mas a empresa não era fácil e ele, descoberta a história da bandeira branca, iria decerto acabar com os costados na cadela. Por isso, maneiroso, prossegue seu ofício de traidor.

Sem novidade o primeiro dia de marcha através da mata, galgando fragosas escarpas. Sem novidade a primeira noite na selva.

No segundo dia, entretanto, temos pano para manga. Pano para muita manga.

Vai adiantada a tarde, quando, cansados e famintos, estacam junto a um arroio. Alguns deitam. Outros depenam os macucos abatidos. Terceiros acendem o fogo para o chimarrão



e os assados.

Luís Bugre, com seus cães, segue o arroio, no rastro de um veado.

Ninguém conversa no acampamento. O cansaço obriga-os ao silêncio.

De repente, Xavier Angst, que está deitado de costas, levanta-se e fala, assustado:

— Homens, que é isso?

— O quê?

— Não estão ouvindo lá longe?

— É o vento.

— Que vento! Garanto que são os bugres.

— Que bugres nada! — explica o delegado. — Os bugres não se anunciam desta maneira, com tanto barulho.

O ruído aumenta e Pedro Alies, velho caçador, é quem dá a palavra certa:

— São porcos selvagens. Queixadas.

— Que venham. Temos churrasco hoje.

Todos se levantam. Pegam das armas.

O barulho cresce e daí a poucos minutos os animais passam. Mas passam a uns 30 metros do acampamento. Passam, de cabeça baixa, sem dar bola a ninguém. É uma vara imensa. Muitas centenas. Andam juntos, corpo a corpo, grunhindo, uns batendo os dentes. Passam. Passam. Continuam passando, sob o olhar esbugalhado dos homens.

Rammé resolve dar um tiro numa linda porca que vai na retaguarda. Para quê? É o fim do mundo.

Ferido o animal, tomba e assanha toda a manada que, enfurecida, precipita-se sobre os expedicionários. Os coitados debandam aos tombos. Um guaipeca atira-se aos paquidermes. A confusão aumenta. Gritos, tiros, tombos. O inferno.

Weisheimer grita:

— As árvores. Prepar às árvores. Senão estamos fritos!



E aqueles valentões, domadores de bugres, viram macacos. Uns trepam com agilidade. Outros resvalam e caem redondamente ao solo. E a porcada investe furiosa contra Bohn, abrindo-lhe nas calças imenso rasgão.

Mas o infeliz mesmo é Binsfeld que, cercado por todos os lados, tenta saltar por cima dos dorsos dos paquidermes. Leva tamanho tombo, leva dentadas no casaco, na camisa, nas calças e no rosto. O coitado! Enfim consegue empoleirar-se num galho.

Agora os homens estão todos agarrados em cima das árvores, olhando para aquela imensidade de caititus que pisoteiam e devoram todas as provisões.

E os porcos-de-mato não querem debandar. Não há jeito. E agora? As espingardas estão todas no chão. O remédio é puxar do facão.

Weisheimer abaixa-se e dá-lhes faconadas. Dá-lhes. Em poucos instantes abate seis tatecos. Mas o sangue enfurece ainda mais o bando, precipitam-se para atingir o caçador a dentadas. Enorme cachaço o atinge e rasga-lhe a manga. O colono por um triz não é arrastado para o chão. Salva-o em tempo o delegado, com certo tiro de revólver na nuca do porco.

Agora alguém dá ordem:

— Armem-se todos de cacetes e matem os bichos a pauladas.

Cortam galhos, descem para perto do solo e a guerra começa. As queixadas não fogem. Mais e mais se assanham. Procuram morder os cacetes.

Agora são 20 porretes cantando na cabeça dos bichos. Luta apaixonante de extermínio total. Cada homem tem um monte de corpos debaixo de sua árvore.

De repente, um assobio.

— O tigre. Vem aí o tigre. O tigre costuma seguir os tatetos para devorar algum.



Mas é tigre humano. É Luís Bugre que chega com sua cachorrada. Para ao longe, a contemplar o espetáculo, soltando gargalhadas. O delegado chama-o:

— Luís, acuda. Acuda, Luís.

Ele com a mão acena uma negativa. Continua imóvel ao lado de seus cães.

Pedro Fusiger, com uma forquilha, consegue levantar do solo a espingarda. A cada tiro, tomba um porco.

Os companheiros, aos poucos, vão descendo das árvores. E todos, de espingarda em punho, prosseguem na chacina.

Luís Bugre anima-se e entra também em luta com a sua cachorrada.

O extermínio é total. Não sobrevive uma queixada. Não foge uma. Depois contam, por alto. Quantos? Adivinhem. Mais de setecentos porcos jazem sem vida. Setecentos. Já pensou?

Infelizmente, toda essa montanha de carne, toda essa montanha de peles, é perdida. Perdida uma fortuna. Uma fortuna.

Naquela tarde, só é gostoso o churrasco. Um gordo churrasco.

A noite é mal dormida. A horrível cena da véspera perturba-lhes o sono. Sono agitado por pesadelos. Sonham que são atacados pelas queixadas. Procuram defender-se. E então o vizinho atraca-se em luta corporal com o vizinho e ambos acordam. Uma comédia.

De manhã, acordam mal-humorados, indispostos. A carne gorda das queixadas não lhes assentou bem no estômago. Estão com sede. Muita sede, Não têm mais cachaça, nem café, nem sal, nem açúcar. Comida alguma. Tudo fora pisoteado e destruído pela invasão suína.

Vão em busca de frutas que devoram como lobos esfomeados. Uma gostosura, aquelas frutas.

Agora Luís Bugres orienta novamente a marcha: Para o



norte, sempre para o norte. Lá moram meus compadres.

Pelo caminho, encontram felizmente muita fruta com quem saciam a fome. Abatem algumas aves.

De tarde, galgam o planalto, a zona dos pinheirais. Um pinhalão imenso, interminável. Pelo chão, um espinhento tapete de grimpas.

Uma hora de caminho através dos pinheiros. Depois, vão dar um campo de alto capim. Pinheiros isolados, derramando poesia. Amplos horizontes.

Sobre uma coxilha, Luís Bugre pára. Olha para longe. Arregala os olhos. Resmunga, aborrecido.

— Que tens, Luís? — pergunta o delegado.

— Bugres embora. Todos bugres embora. Casas embora. E aponta para o lugar onde existia a taba.

Luís Bugre parece louco — pensam alguns. Louco nada. Velhaco.

Daí a pouco chegam ao local da aldeia. Não há dúvida, aqui existia um povoado. Montes de cinza recente. Vê-se distintamente o lugar das casas, os buracos abertos, restos de telhados . . . Luís Bugre mostra-se zangado exteriormente, mas por dentro solta gargalhadas de satisfação. A coisa está-lhe correndo às mil maravilhas. O malvado. Mas o delegado já anda com a pulga na orelha.

Esse bugre nos está passando para trás. Ralha com fie. Agarra-o pelo pescoço.

— Socorro! Socorro! Soltar, meu senhor, soltar. Luís bom camarada.

— Bom para o fogo.

— Soltar, meu senhor. Luís bom camarada.

— Então, onde estão os bugres?

— Luís mostrar. Luís fazer tudo.

— Então vai com teus cachorros em procura dos bugres.

Dá-nos pelo menos a pista.



E, com sua matilha de cães, o bandido embrenha-se na mata.

Os expedicionários sentam no relvado. Confabulam. Chegam à conclusão de que estão sendo traídos por Luís Bugre. Resolvem, por isso, livrar-se dele e sozinhos andar à caça dos selvagens.

Luís Bugre retorna sem muita demora, dizendo que os índios vão lá adiante e que será muito fácil alcançá-los.

Ele regressa a São Vendelino e a expedição rompe mata a dentro, seguindo para o nordeste, quando os bugres, contrariando as informações de Luís, avançavam para o oeste.

Quatro horas após, defrontam-se com o campo, a imensa campina gaúcha. Longe, pasta um rebanho de vacas. Moradia nenhuma, entretanto. Todos andam mortos de fome. O delegado fala:

— Em caso de necessidade, para não morrermos de fome, podemos abater uma rés. Vai por conta do Governo.

Um tiro certo e uma gorda novilha tomba, berrando.

Embora sem tempero, o churrasco, à sombra do capão, à beira da sanga, é saborosíssimo.

Pernoitam por aqui mesmo.

De manhã, enchem outra vez o estômago de carne e toca a correr campo.

Do alto dum coxilhão, avistam ao longe branca moradia. Uma fazenda. Para ela se dirigem, satisfeitos.

Cães saltam furiosos. Mas um assobio e um grito acalma logo a cachorrada.

A porta, assoma um gaúcho de bombachas. Assomam empregados. O patrão manda o capataz falar com os colonos. Não vá ser uma quadrilha de bandidos.

Tudo explicado, é uma festa na fazenda. O estancieiro, Manuel Firminiano, muito camarada, todo amabilidade, acolhe os expedicionários. Manda carnear uma vaca. Come com eles



o gostoso churrasco. Oferece-lhes as laranjas de seu pomar. E dá-lhes carinhosa hospedagem por dois dias.

Depois, o bom fazendeiro põe às ordens do delegado toda a sua peonada.

Dividem-se em lotes, e esquadrinham a mata em todas as direções.

Dez dias de exaustiva e infrutíferas buscas. Dez dias de incríveis canseiras, de sacrifícios sem nome.

Regressam à fazenda, onde se demoram mais alguns dias, refazendo-se e regalando-se com os carinhosos tratamentos daquela bondosa família gaúcha.

A expedição, após 23 dias de baldadas buscas, chega a São Vendelino, trazendo no rosto macilento a expressão melancólica do seu malogro, do seu grande fracasso.

Lamberto, desiludido de reencontrar sua família, não tem mais alegria. Vende suas terras, que hoje pertencem à família Zeni. E parte. Parte sem rumo certo, arrastando consigo o amargor de sua imensa desgraça.



13 — ERRANDO PELA SELVA

Naquele dia, após a demolição da taba do Campo dos Bugres, a caravana dos caingangues movimentava-se vagarosamente através da mata, vergando ao peso dos fardos e das crianças de colo.

Guiados por anciões, que conhecem a selva como a palma da sua mão, vão sem pressa, fugindo serras e taquarais, seguindo o curso dos rios, onde a floresta se agiganta, formando soberbas galerias sem fim.

Um prazer vagar calmamente à sombra perfumada, colorida e sonora do imenso arvoredado, contemplando a infinita variedade de flores, de aves, de vozes, de perfumes. Pisando sempre sobre um macio tapete de folhas e de flores . . .

Não sofre o coração indígena por deixar o sossego e o conforto da taba. Pelo contrário, agora é quando mais se diverte, como o civilizado em visita a países desconhecidos.

Até Valfrida e seus filhos começam a esquecer a tristeza que lhes atormenta a alma. Começam a se encantar diante daquela incomparável aventura, diante das maravilhas que a natureza lhes desvenda a cada passo.

A notícia de que uma expedição vem ao seu encontro, traz-lhes um raio de esperança. A esperança de ser libertados, de voltar ao seio do lar, ao seu saudoso São Vendelino. Esta esperança e as belezas surpreendentes da misteriosa floresta tornam-lhes menos penoso o duro exílio.

E para amenizar-lhes ainda mais as saudades, em dado momento, Jaboti, o velho que ponteia a horda, solta um grito e aponta para o alto.

Lá em cima, nas altas copas, vai imensa capela de bugios, diante da qual pulam de alegria todos os índios.

O cacique examina a caça e larga o primeiro dardo,



varando o crânio de um grande símio que tomba com fragor.

O bando vermelho vira formigueiro lá no alto. Uns pulam de árvore em árvore, buscando a fuga. Outros tratam de esconder-se por trás dos troncos.

Nova seta sibila e o segundo macaco se despenca, agarrando-se, entretanto, com mãos e cauda, a um galho inferior. A terceira flecha perfura-lhe o crânio.

A seguir, tomba uma fônica com o filhote agarrado às costas. Ferida, toma o filhinho nas mãos, apresenta-o ao bugre que vai matá-lo a pauladas. O pobre animal gemendo, derramando lágrimas, implora compaixão.

Valfrida não suporta semelhante cena. Mas o índio, que não conhece piedade, esmigalha a cabeça da macaca, agarra o filhote pela gola e o mata batendo-lhe a cabeça num tronco . . .

Um bugio está ferido lá no alto das árvores. O cacique aproveita a ocasião para treinar um indiozinho. Entrega-lhe a faca e dá ordem que trepe para brigar com os macacos lá no alto das árvores.

O rapazinho coloca a faca entre os dentes e marinha tronco acima com a mesma agilidade dos bugios. A capela toda trata de defender o companheiro ferido. Agarram pedaços de galhos secos e jogam contra o bugrinho. Os que não encontram porrete, lançam mão do próprio esterco, jogando-o à cara do rapaz.

Este, ferido, sangrando e sujo, não se rende. Não foge. Precisa mostrar que tem brio.

Agora a macacada investe unida a porretadas, a unhas e dentes. Seria o fim, se cá de baixo não lhe viesse socorro. A flechadas, os símios caem, um depois do outro. Alguns recuam, escondendo-se no emaranhado da galharia. O rapaz vai desentocá-los. Na copa das árvores não sobra um bugio.

Que caçada, compadre! Quarenta bugios adultos e oito filhotes.



Agora, a trabalhadeira da esfola. As mulheres destripam. Homens cavam uma fossa, alguns amontoam lenha. Acendem a fogueira. Queima toda a lenha, ficando um só braseiro dentro da fossa. Sobre ela colocam galhos e folhas. Em cima, a carne de bugio. Cobrem com grandes falhas e depois com terra. E esse forno esquisito vai assando a carne.

Os índios, com água na boca, impacientes, giram ao redor de Jacobira, o churrasqueiro.

Uma hora depois, o velho índio levanta a mão e diz: CARU — atacar. Vinte homens avançam. Removem a terra, as filhas. Os bugios estão prontos, mas exalam gostoso odor que delicia as narinas.

Cada família recebe a sua porção. Ceji entrega à Valfrida a sua parte. Ela tem horror de comer aquela carne. Faz um esforço, para animar os filhos. Eles comem gulosamente:

— Que gostoso, mamãe! Parece carne de galinha.

Os bugres andam num regalo sem nome. Chupam até os ossos.

A um sinal do morubixaba, a marcha prossegue. Caminham durante horas.

Acampam junto a rumoroso arrolo. Ninguém pensa mais em comer. Pensam mas é em dormir. Dormem no chão sobre folhas. Uns sobre peles que trouxeram.

Alguns estendem a rede.

Enxames de mosquitos. Há bugres que não temem a picada. Outros friccionam o corpo com folhas e flores de urucu. O forte cheiro da seiva afasta os insetos.

Dois guardas montam sentinela durante a noite, fumando o pitimó, em redor da fogueira.

O índio possui grande resistência. Um dia come, empanturra-se e por três dias quase não se alimenta, a não ser de frutas, como agora, no segundo dia. Estão com receio dos brancos de que lhes falou Luís Bugre. Por isso não se demoram



para grandes caçadas. Comem coquinhos de jerivá e palmito.

De tarde, defrontam alta serrania. A marcha é penosa. Galgam peraus, um puxando o outro pela mão.

Enfim, no alto descortinam soberbos panoramas. Lá em baixo, imenso vale, donde sobe forte rumor de um rio. Percebendo o ruído das águas, gritam contentes: Mboaptári!

Criam novas energias. Esquecem a canseira. Despencam montanha abaixo, mortinhos por caírem na água. Parece uma tormenta humana.

Chegam ao largo rio: — GOIO-EN! GOIO-EN! — gritam, o que significa: água grande.

Libertam-se dos fardos e mergulham nas águas. Nadam, pulam, gritam. Mergulham como peixes. Uma festa.

Valfrida e seus filhos não sabem nadar. Quedamse a contemplar aquela indescritível alegria dos selvagens. E uma saudade infinita invade a alma da mulher cristã. Transporta-se em pensamento para Colônia, onde em pequena assistia encantada, no parque, à festa dos animais marítimos quando ela lhes atirava alimentos. E, pela primeira vez no seu cativeiro, esboça um sorriso espontâneo e restaurador.

O rio vai aqui encachoeirado, bravindo, além dilata-se em largos poços, profundos, serenos. É aqui onde os índios mais se divertem.

Ninguém mais feliz do que o bugre. Não se inquieta pelo futuro. Não o oprime culpa alguma do passado. ..

Entretanto, no meio daquela festa aquática, súbito reboa um grito infantil, vindo do poço menor, inferior, onde se banham as crianças. Gritam os homens:

— Ariranha! Ariranha!

O animal carnívoro abocanhara Batová, um lindo garoto, arrastando-o ao fundo das águas.

Mergulham nadadores, a faca entre os dentes. Chegam no momento exato em que as ariranhas vão dar início ao



macabro banquete devorando o rapaz. Trava-se o combate no fundo do poço, mas os indígenas levam a melhor. Salvam o menino, matando vários exemplares dos mustelídeos.

Agora, na barranca do rio, todos exprimem sua indignação, sua vingança, retalhando, esmigalhando, com gritos e imprecações, as ariranhas mortas.

O feiticeiro entra em ação para reconduzir à vida o jovem Batová. Tatuado, enfeites no pescoço, penas nos cabelos, o pajé desenvolve espantoso ritual. Gestos, cruces, caretas, assoprões, pulos . . . Vira e revira o corpo, faz-lhe sair a água. Deita-se sobre ele, aquecendo-lhe o corpo. Por fim, anima-se o rapaz e todos gritam: Salvo! Salvo!

Estão à beira do rio das Antas, nome dado por João Mariano Pimentel, estancieiro de Lagoa Vermelha, a quem os índios caingangues também raptaram quatro filhos, no dia 5 de agosto de 1851.

A primeira noite é fria, gelada. Sofre Valfrida e seus filhos, mas sofrem também os bugres, que procuram defender-se do frio com peles de animais e folhas secas.

De manhã, atiram-se à faina da pesca, abundantíssima naquela época.

A flor da água, colocam uma isca presa à extremidade de uma vara. Quando o peixe se aproxima para abocanhá-la, recebe uma seta do índio escondido na barranca.

Pescam bagres, traíras, dourados, pintados, jundiás, piavas . . .

Certificam-se da ausência de ariranhas em certo ponto do rio, e todos lançam-se às águas para uma grande pescaria: homens, mulheres e crianças.

Pescam com uma espécie de parise, uma armadilha trançada com cipós e taquaras. Colocam-na em lugar de pouca profundidade. Formam um canal de pedras. Depois, todos na água, vão tocando os peixes para dentro do canal, indo cair



naquela espécie de rede.

Os peixes são assados sobre brasas, o que chamam de **mocanga**. Ou também enterrados sobre brasas, como fazem com os bugios. A esta modalidade dão o nome de **mopaca**.

O peixe é um alimento delicioso para os colorados. É um espetáculo bizarro aos olhos de Valfrida e seus filhos. Todos aqueles índios nus tomam na mão e colocam na boca um peixe inteiro. Com ele entre os dentes, andam de cá para lá, a graxa lambuzando o rosto, os braços, o peito.

A caça é aqui muito abundante: Veados, antas, capivaras, pacas, cutias, coatis, tamanduás, macacos, tatetos ... O índio dá uns passos na mata e logo salta um bicho.

Há bandos de marrecos selvagens, de Jacutingas, macucos, papagaios, jacus, inhambus, pombas...

Igualmente abundam as frutas: pitangas, batingas, maracujás, guabirobas, araticuns, guabijus, coquinhos. . .

Os bugres resolvem acampar por longos dias neste paraíso de delícias. Estão felizes, gordos, bem alimentados. . .

Jacó e Lucila também gozam de boa saúde. Já falam algo da língua dos caingangues. Já parecem bugres. Apenas os distingue a roupa, uns restos de roupa enegrecida, rasgada.

Sua mãe, entretanto, definha. Vai definhando a olhos vistos. Receia morrer.

Aquela vida ingrata. Aquele inaudito sofrimento moral, a incerteza do futuro. Seu vestido, seu único vestido rasgado, sujo, mal-cheiroso. O alimento inadequado ao seu frágil e delicado organismo. Toda essa imensa tragédia que vem vivendo vai transformando aquela inditosa mulher num mísero trapo humano que vai aos poucos se acabando.

Tem quase certeza de que seus dias estão contados. Por isso, vendo que seus filhos estão fortes como os bugres, temendo acabem se afeiçoando àquela miserável vida de bichos, e não queiram depois voltar ao seio da civilização, Valfrida vai ditando



salutares conselhos. Que sejam sempre honestos e virtuosos. E um dia, se Deus quiser, voltaremos juntos para abraçar o papai e viver com ele. Coragem, meus filhos. Um dia voltaremos para casa. Voltaremos para São Vendelino.



14 — RUMO SUL

Quantos dias faz que os caingangues deixaram sua taba no Campo dos Bugres? Um rapaz, ao despontar de cada dia, abre um talho numa vara que traz consigo. Agora o número de sinais é de quatro vezes os dedos de ambas as mãos.

Já andam ansiados por novas aventuras. Querem demandar outras paragens. Viver diferentes emoções.

Ao cair da noite, rufa o tambor. Todos se agrupam ao redor do cacique e escutam:

— Ao despontar do sol, partiremos daqui. Iremos para as terras onde mora a noite.

Gritos de alegria saúdam as palavras do chefe. Passam horas da noite comentando o próximo passeio.

Iremos para o sul. Para onde moram os brancos que nos expulsaram da taba, que têm canos com bocas de fogo para nos matar. De onde trouxemos o ferro com que fizemos as facas, as panelas. . .

Sonham de noite com os encantos e atrações das regiões do sul.

Cedo, comem uns restos de peixes. Carregam-se de fardos. E partem.

Terras acidentadas. Grandes florestas. Pinheirais com o martírio das grimpas pelo chão: Infelizmente, agora não há pinhões que atraem bandos de papagaios e muitos roedores. Por isso, preferem evitar as florestas das araucárias. Vagam pelas beiras dos rios, pelos vales onde abunda a caça.

Depois de várias horas de marcha, o ponteiro estaca e faz sinal de silêncio. Todos param e o cacique indaga:

- Que há, Jaboti?
- Coati. Coati.
- Muitos?



— Muitos.

Aprestam-se os atiradores. Ouvem-se assobios e grunhidos. É a manada que dispara e marinha pelas árvores.

Apostam-se os guerreiros, de arco entesado. A um sinal, todos disparam as setas. Incrível. É uma tormenta que vem abaixo. Descem os mortos e atrás deles os vivos.

Estes disparam pelo chão, mas tomam valentes porretadas dos Jovens que formam circo ao pé das árvores.

Os rapazes matam grandes e pequenos. Jacó toma em suas mãos um filhote vivo. Vai com ele nas mãos para junto do cacique e pede licença para ficar com o bichinho.

O morubixaba meneia a cabeça. Aquilo não seria permitido. Os coatis devem ser todos assados juntos. Mas aquela grande caçada deixara o chefe muito contente e responde:

— Está bem. Podes assá-lo.

Jacó pula numa alegria incrível, não porque tem licença de comer o bicho, mas porque vai criá-lo, vai cuidar dele como se cuida de um cachorrinho. Dá-lhe logo o nome de meu “Benzinho.”

Os bugres esfolam os coatis, destripam, assam e comem. Comem sempre do mesmo jeito: gulosamente, esganadamente.

Jacó de tão feliz, nem sequer se importa de tomar banquete. Contente com o bichinho que logo se lhe afeiçoa carinhosamente e se torna o melhor amigo no duro exílio da mata.

Agora, com este companheiro, infantil e travesso, dias decorrem-lhe menos tristes. O seu “Benzinho” andar­á sempre Com ele de dia e de noite, no sol e na noite, no sol e na chuva. Sempre a fazer-lhe companhia. Sempre a entretê-lo, a alegrá-lo.

A marcha para o sul prossegue por vales e montes. Marcha sombria, prosaica, sem atrativos, sem emoções. Não mais os encantos e a fartura do paraíso do Mboaptári.

Assim mesmo, não lhes falta a caça de que abundam



nossas florestas. Mas a caça agora não é de vulto. Comem cutias, pacas, bugios, coandus e porco-espinho sulamericano . . .

No terceiro dia, chove torrencialmente. Chuva contínua de dia e de noite. Os selvagens mais fortes, todos afeitos às intempéries, não se importam com a chuva, pois não usam roupas. Dormem como sapos dentro da água. A chuva tomba sobre aqueles corpos bronzeados, inertes, enquanto dormem regaladamente.

Muitos, entretanto, sofrem verdadeiro martírio nessas noites de chuvarada, sem abrigo algum.

Imaginem, então, o sofrimento de Valfrida e Lucila, sob aquela chuva gelada, com ventania cortante. Não dormem um minuto, as coitadas.

E Jacó? Jacó parece um macaco. Descobre logo um tronco oco e nele se aboleta com seu coatizinho. Enrolado num grosso pelego, dorme e sonha com seu lar, com o pai, a quem pretende um dia contar toda a dramática aventura que vive.

No dia seguinte, resolvem acampar ao longo do Rio Burati, afluente do Rio das Antas. Rio piscoso, estrangulado entre altos paredões, onde se escancaram grandes fumas.

Nelas se instalam os índios, comodamente. As índias, descobrindo boa argila, entregam-se afanosamente ao trabalho de cerâmica. Fabricam jarras, panelas, bacias... São admiráveis na arte. Modelam caprichosamente o barro. Deixam que as vasilhas sequem. Depois cozinham num forno de pedra e barro.

Os panelões enchem-se de peixes. Fumega a fogueira dentro das furnas. O ar impregna-se do gostoso odor dos peixes a cozinhar. Todos estão com água na boca, mortos como andam de fome.

Cada pessoa recebe sua ração num potezinho. Primeiro servem-se os grandes. Depois os moços. Finalmente as crianças.

Encontram aqui uma erva que muito apreciam. É o tabaco dos índios. A tal “erva de bugre”. As mulheres fabricam



cachimbo de argila. Quase todos são donos de um belo cachimbo.

E agora dá-lhes a fumar, soltando enormes baforadas que inundam os grotões. Mas para uns a brincadeira sai cara. Sentem-se mal. Vão ao rio e vomitam.

Jacó não perde uma. Por isso, arranja também um cachimbo e fuma como um bugre adulto. Todos o aplaudem. Mas daí a pouco sente-se mal e corre à correnteza do rio para beber água.

O rapaz é sadio, é forte. Trepas às árvores que nem bugre. Nada como um peixe. No arco é certo como o mais valente guerreiro ...

O cacique o estima, depositando nele muita confiança. Decerto pensa em fazer de Jacó um destacado elemento de sua tribo. Talvez seu futuro sucessor.

À noite, todos dormem na caverna. Quem não consegue conciliar o sono é Valfrida, deitada ao lado da filha adormecida. A longa jornada fizera muito mal à pobre mulher.

Vamos variar a bóia? O peixe já enjoou. Vamos comer carne de anta?

O cacique responde que sim. Aqui é o reino das antas. O Rio das Antas corre por aí perto. Pelas margens do rio, vêem-se milhares de pagadas do grande paquiderme.

No dia seguinte, os caçadores postam-se perto do rio. Os demais, incluindo as mulheres, sobem as rampas, no morro, onde se encontra o parador das antas. Jacó, tendo deixado o coati com a maninha, vai junto com a turma que trepa o morro.

Chegando às proximidades do parador, a indiada prorrompe numa gritaria infernal que repercute longe. Há um instante de silêncio, de angustiante expectativa. Súbito, o tapir macho-guia vibra no solo com a pata traseira violentíssima pancada, que faz tremer o chão. É o sinal de alarma.

E o inferno desaba sobre a floresta. É uma avalanche



negra que dispara levando de roldão pedras, taquaras, arbustes, paus, cascalho... O fragor da procela reboia longe, espantosamente, pondo em festa o coração dos caçadores da espera na barraca do rio. A manada precipita-se nas águas, onde os índios as vão ferindo a flechadas e pedradas. Mergulham os quadrúpedes.

Voltando pouco depois à tona, recebem nova saraivada de setas. O sangue tingem as águas. Repetem-se os golpes dos atiradores. Aos poucos, cessa a bulha no rio. Vulto algum emerge. Tudo sereno, calmo.

Os bugres estão radiantes. Mandam vir fogo. Acendem os cachimbos e fumando esperam sossegadamente.

Breve uma mancha negra emerge no poço. Depois, outra. Mais outra. Muitas. O poço é agora um imenso arquipélago de pequenas ilhas.

Entram na água alguns bugres. Empurram para fora os corpos. Da margem, outros vão puxando. Vão colocando em fila os animais abatidos. Há quinze adultos e seis menores.

A anta é o maior animal selvagem da América do Sul. Mede um metro de altura e dois de comprimento...

Agora, a trabalhadeira de queimar o pelo, destripar e preparar o assado. Mas desta vez que cada família se arrume. Então vem o moacara e leva a porção que necessita.

Quatro moacaras pedem uma anta inteira para suas quatro famílias. Assam-na sobre brasas e repartem.

Jacó avança e pede carne para três. O repartidor fala:

— Não és nenhum moacara. Não faz mal. És valente.

Toma.

Depois arranja uma panelinha emprestada. Lucila colhe ervas aromáticas. E, para que o banquete fique mais gostoso, Jacó trepa num coqueiro e colhe o palmito.

Comem. Que gostosura! O sal já não lhes faz falta. Comem sozinhos, longe dos bugres. Isto é o que há de mais



agradável, pois conversam livremente sobre a sua possível fuga.

Coitados! De sua roupa sobram apenas farrapos. De quando em quando, na escuridão da noite, escondidamente, lavam aquele resto de mísera indumentária.

Depois, com auxílio de Ceji, Valfrida costura umas peles que lhes servem de traje. Um traje esquisito, incômodo e horrível. Mas os bugres não reparam. Nunca se riem. Nunca fazem troça. Não humilham os brancos. Ceji, aliás, não permitiria. Até quando a boa velha viver, sabem-no muito bem, terão os três proteção garantida. Mas se Ceji morrer, que será deles?

Valfrida muitas vezes reflete sobre o mistério de seu cativo. Qual será seu futuro? Que desejam os coroados fazer com ela, com meus filhos? Será mesmo que farão de Jacó um morubixaba para chefiar uma guerra contra os brancos?

Mas de uma coisa tem certeza a pobre mãe. É que sua vida não irá longe. Aquele seu viver errante e desumano alquebra-lhe a saúde.

A este pensamento, Valfrida não pode conter as lágrimas. Chora, não por si, mas pelo futuro dos filhos.



15 — O PAPAGAIO

A horda selvagem estaciona aqui e vive feliz. É um paraíso. Paraíso mais delicioso do que o anterior, onde não havia ocas nem abrigo algum contra a chuva e o frio. Aqui não há ocas, é verdade, mas as lapas são ocas naturais. Nelas, abrigam-se todos para dormir, cômoda e regaladamente.

Mas o caingague não é previdente. Não pensa no dia de amanhã. Não cuida em conservar a caça. Não poupa um filhote. Nunca deixa de matar um bugiozinho, uma paquita ou um tapirzinho. Mata tudo, tudo, impiedosamente, criminosamente. Se mata em grande quantidade e não pode comer tudo, deita fora.

E agora acontece que a caça se acabou pelas redondezas. Se se quer uma anta, deve ir-se buscá-la muito longe. E carregar às costas uma anta não é brincadeira.

Que fazer? A resposta é emigrar, correr outras plagas, buscar outras paragens, outras matas.

Ê o que fazem. Destroem as panelas e todo o vasilhame de argila. Algum objeto mais valioso é enterrado. Mais tarde, dará com ele a aiveca do colono.

Vão galgando montanhas, descendo vales. Outra vez os pinheirais. O martírio das grimpas. Chegam ao alto de uma cordilheira de mentes, donde se descortina panorama deslumbrador, sem fim. Lá em baixo, a planície dispara, ostentando cá e lá algum pico, o espelho de rios e lagoas, lavouras, casas, povoados.

Vencendo mil óbices, rasgando a*pele nos espinheiros, chegam enfim a urbertoso vale, de gigantescas árvores. Muita fruta. Muito mel silvestre. E, com imensa alegria, descobrem novas pegadas de antas.

Acampam. Caçam e esbanjam, os perdulários.



Jacó já captou a simpatia do cacique. Tem licença de divagar sozinho pela selva. Só com seu Benzinho, o coati.

O coati é muito domesticável. O rapaz vai agora ensinar-lhe a colher cerejas e outras frutas. A princípio colhe só para si, o guloso. Mas Jacó ensina, ralha com ele. Enfim aprende.

Agora trepa às árvores e derruba cerejas para o seu dono. Um amor esse bichinho! Tão querido!

Jacó adentra-se com ele na mata. Avança, avança. Súbito, um bando de papagaios sobrevoa a floresta e vem sentar sobre uma figueira sob a qual Jacó saboreia umas frutas. Uma algazarra lá na copa.

O moço não se importa com os papagaios. Lembra-se apenas do seu papagaio falador, tão seu amiguinho, que deixou em casa. Mas agora lie tem outro amiguinho, o coati.

Deixa a figueira e sai andando. Vai senão quando ouve uma voz que o chama pelo nome; Jacó.

Leva tamanho susto que por um triz não derruba do braço o seu amorzinho. Olha para todos os lados. Escuta, com inenarrável curiosidade. Nada. Ninguém

Grita:

— Quem vai aí?

Silêncio. Apenas o papaguear das aves, na copa da figueira.

Decerto foi uma visão. E vai embora. Mas logo a mesma voz repete:

— Jacó, Jacó!

Não há mais dúvida alguma. É alguém chamando. E chama terceira vez:

— Jacó. Jacó, tomar café. Jacó, onde está Lucila? Lucila. Lucila!

Agora o rapaz viu bem de que lado vem a voz. É lá do alto da figueira, onde estão os papagaias:

— Lucila! Lucila! Onde está Lenga?



Desvenda-se, por fim, o mistério. É o papagaio da família. Anda aí fugido, com o bando.

Ninguém descreve a emoção do rapaz. Ele chama:

— Papagaio! Meu papagaio!

E a resposta é alegre e festiva:

— Jacó! Jacó!

E, oh maravilha! O papagaio desce voando da figueira. Fica um tanto assustado, decerto pela feia indumentária do moço. Mas a voz é de Jacó. Reconhece-o e posa-lhe na mão.

Conversam ambos, numa festa indescritível. Jacó acaricia-lhe a cabeça, o pescoço, confiando-lhe as penas, carinhosamente. O papagaio, feliz, beija-o na face, com sua grossa língua.

O coati, grudado no ombro do rapaz, mete o focinho para a frente. O papagaio nota-o e, no mesmo instante, arma-se uma cena de ciúme. A ave arrepia as penas e arma bote contra seu rival. Está iminente a briga entre dois amiguinhos de Jacó. Este, para evitá-la, coloca o Benzinho sobre um galho de árvore e assim a ave se acalma e entrega-se às delícias da velha amizade. Encosta a cabeça ao rosto do rapaz, dizendo?

— Jacó, Lucila, tomar café. Jacó, onde está Lucila? Onde está Lucila?

O rapaz parece estar fora de si de tanta felicidade. Parece estar outra vez junto com o amiguinho ao lado do qual passou os melhores anos de sua infância, na casa paterna. Quanta saudade daqueles tempos, no seio bendito do lar, com o pai, com a mãe, com a maninha! Oh, como não ficará contente a mamãe, como ficará feliz a Lucila, agora que eu volto levando-lhe o nosso querido papagaio!

Súbito, o bando, lá na copa da figueira, abre numa algazarra e levanta vôo. O papagaio, na mão do rapaz, empina o pescoço e alça também o vôo, disparando como seta para



juntar-se ao bando.

Jacó, gritando, num desespero sem fim, deita a correr feito louco atrás do papagaio. Corre que corre. Grita que grita. Chama que chama. Tropeça. Cai. Levanta-se, sempre a gritar:

— Papagaio ! Papagaio ! Papagaio !

Mas o amiguinho vira amigo da onça. Repete mais uma vez o nome de Jacó e de Lucila, e depois, nada mais. Nunca mais.

Ninguém imagina a dor do pobre rapaz. Estava gozando a felicidade do céu e cai agora de repente na desgraça de um verdadeiro inferno. Cai ao pé de uma caneleira, agarra-se ao tronco e chora, chora, perdidamente.

Nunca chorara tão copiosamente em toda a sua vida. A vida perdeu num instante todo o seu encanto, toda a sua razão de ser. Não quer mais nada.

De súbito, algo de frio toca-lhe a mão. Ê o focinho do coati, que de longe o acompanhara na corrida. O bichinho olha para &e como quem diz:

— Tu me desprezaste, não é ? Mas eu ainda sou teu amigo. Ainda sou o teu Benzinho. Aqui estou para te consolar, para te acompanhar na cruel solidão da floresta, no duro sofrimento do teu exílio.

O rapaz naquela negra hora de mais acerba dor, ao ver ali o seu amiguinho que vem para o consolar, toma-o no colo e experimenta um alívio sem nome:

— Meu querido Benzinho, tu és meu amigo de verdade. Tu não me abandonas como um ingrato papagaio que me apareceu para fazer sofrer, fugindo logo depois.

No acampamento, a mãe e Lucila, ouvindo a narrativa do ocorrido, alegram-se e dizem que o lugar onde se encontram não deve andar longe de São Vendelino. E o sol da esperança, o sol da liberdade, renasce outra vez em suas almas.

Jacó passa a noite sonhando com o papagaio. Ao clarear



do dia, um grupo de índios, às escondidas do rapaz, vão rumo oeste. Não querem que o branco os acompanhe.

O rapaz, na esperança de reencontrar o palrador companheiro de infância, sai, seguindo por seu Benzinho, sai para as bandas onde encontrou a ave.

Caminha, escuta, olha. Nem sinal de papagaio. Mas dá com um coqueiro em cuja copa pende lindo cacho dourado. O coati trepa num instante. Mas, de repente, arrepia o pelo, assustado.

Jacó não pode adivinhar o que há lá acima. E trepa depressa por uma árvore vizinha, donde distingue claramente uma feia jararaca, pronta para lançar o bote contra o seu amiguinho. Quebra um galho e com ele aparta a briga. O coati salta os ombros do garoto e a cobra cai no chão.

Mas agora a venenosa serpente vai pagar o susto que pregara ao animalzinho. Surge um lagarto e com quatro valentes rabanadas mata o réptil, sob os olhos esbugalhados de Jacó.

A dramática cena enche de emoção a alma do rapaz. Já possui assunto para entreter a mãe e Lucila.

Enche a sacola de coquinhos e regressa ao acampamento.

Está justamente comendo e contando o ocorrido, quando chegam os bugres que haviam partido sem convidá-lo. Agora ele compreende por que não quiseram em sua companhia. Eles vem carregados de milho verde. Decerto roubaram nalguma lavoura de colonos.

Mas a alegria das bugras é ainda maior do que a de Valfrida e seus filhos, que agora estão plenamente convencidos que se encontram perto das moradias dos brancos. Bugras e crianças pulam ao ver o milho. Pulam e gritam:

— Avati ! Avati !

Deitam logo as espigas nas brasas e daí a pouco devoram o gostoso alimento.

Jacó quis depois saber da velha Ceji a razão do nome



indígena do milho. Avati não é nome de erva? — pergunta.

— É, sim, Jacó. Mas Avati tem uma linda história.

E a velha narra a lenda do milho. Conta como dos guerreiros se bateram em luta singular. Avati morreu. Foi sepultado junto da oca. Sobre a sepultura nasceu uma planta que deu espigas. Era o milho.



16 — NAS TERRAS DOS COLONOS

Ao cabo de cinco dias, rareia a caça. Resolvem partir para o sul. Vão galgando morros, vadeando rios, sempre através da mata.

Ao longe, nas margens do Rio Taquari, o panorama é deslumbrante. Vales, montes e colinas.

Vão andando, agora por terreno pantanoso, com muita árvore caída, derrubada pelo recente furacão.

Abundante aqui a fruta da tabatinga que atrai bandos de tucanos, de peito amarelo e vermelho e imenso bico.

Os bugres caçam, comem-lhes a carne e enfeitam-se com suas penas. Uns cortam a ave pelo meio, retiram a carne e, com a pele do peito, formam lindo capacete bizarro. Verdadeiros fantasmas.

Ao longe, mais para o sul, avistam-se planuras de campinas. Lotes de gado pastando. Perto, em clareiras de mata, dormem vivendas de colonos.

Bate acelerado o coração de Valfrida, assaltado por saudosas recordações e ânsias de liberdade.

Os bugres, entretanto, não se aproximam. Eles odeiam os brancos. Dão uma grande volta e atingem a orla do campo.

Aqui apanham frutas de caragatás. Assam nas brasas e devoram juntamente com caranguejos que pescaram no arrollo.

Comem também uma cobra. Comem gulosamente.

À noite são alarmados pelo boitatá que vai se localizar em certo local da mata. Dizem que é o pai do ouro. E para lá correm todos à procura do precioso metal.

Mas, cansados, a noite adiantada, não podendo descobrir o ouro, resolvem acampar e dormir por lá.

No outro dia, a busca é longa e exaustiva. Por fim, seguem o curso de um rio. Num paredão a pique, notam, com



espanto e alegria, o desenho de uma corça a fitar as águas do rio.

O cacique explica o mistério:

— O ouro está onde olha a corça.

Todos se lançam a cavar o solo. Cavoucam. Cavoucam furiosamente. Um finalmente topa com a panela repleta de ouro. O cacique é o primeiro a meter a mão e retirar um punhado de moedas. Em poucos instantes está vazia a panela.

Mas de repente escurece o céu. A tormenta é iminente. Uma coruja pia lugubrememente. Voa um vampiro. Dois. Três. Muitos.

Supersticiosos, acreditam que Quanip os transformará em corujas e morcegos. E imediatamente todos repõem ouro na panela, que a seguir é coberta com terra, fogem, fogem todos correndo, receiosos de virar ave agourenta. Apalpam-se e ficam contentes em verificar que não viraram vampiros...

Jacó que acompanhara os bugres na caça do ouro, e espantado com a loucura das correrias, com toda essa misteriosa história, vai perguntar à velha Ceji o porquê

A boa senhora, com solícita amabilidade, lá vem contando a lenda do ouro, a superstição do boitatá das visagens...

No dia seguinte, Jacó e seu companheiro Jurapema, arco a tiracolo, vão caçar pacas.

Acendem fogo na boca da toca, tapam a outra com pedras. O calor e a fumaça faz expirrar logo a bicha que a flecha certa do índio mata. Caçam a mãe e dois filhotes.

Ao tomar ao acampamento, Jacó encontra mais um indiozinho que acaba de nascer. Há vários dias que o pai não se afastava de perto da esposa.

Mas o nascimento de um caingangue é a coisa mais natural do mundo. Nasce a criança, a mãe vai com ela ao arroio. Lava o recém-nascido. Lava-se a si mesma. E na mesma hora põe-se a trabalhar, como se nada houvesse acontecido.

Mas alguém fica de cama. É o pai. O pai que durante oito



dias não pode tomar parte em caçadas e pescarias. Oito dias deitado, sob rigoroso regime alimentar. A abstinência do pai atrairá sobre o filho a proteção contra desgraças e malefícios.

O filho vai chamar-se Suindara, que quer dizer coruja: Isto porque seus olhos são grandes como olhos de coruja.

Perfuram-lhe o lábio inferior para nele dependurar enfeites. Achatam-lhe o nariz para não bater em obstáculos. Distendem-lhe os bracinhos, as pernas, para torná-los flexíveis e ágeis.

A criança mama até o nascimento de um irmãozinho. Às vezes, durante anos.

Os pais não castigam os filhos. Não ralham. Desde pequenos aprendem a fabricar armas de caça e pesca.

Jacó está comendo um naco de paca junto com Lucila e a mãe, quando soa um grito de alarme:

— Taoca, taoca ! Fugir. Fugir !

Que será ? É um exército de formigas vermelhas em transmigração. Diante desse carnívoro batalhão, nada resiste. Gafanhotos, grilos, besouros, aves implumes no ninho, crianças, tudo é devorado.

Os bugres fogem e de longe observam o trajeto das taocas. De que maneira ? Olham para o bando de aves que voam acompanhando as formigas para devorá-las. As formigas corredeiras são uma festa para os pássaros.

A horda selvagem avança agora para o levante, para as margens do Rio Maratá. Vão todos em impressionante silêncio.

É que por perto há moradias de colonos. Ouve-se o canto dos galos, o latir dos cães. . .

Valfrida, como já fizera muitas vezes, pensa na fuga. Mas como ? Para Jacó seria fácil. Ele goza de liberdade. Mas a Mãe e a irmã estão sob contínua e severa vigilância. Os bugres sabem que a fuga de Jacó significa o fim da mãe e da irmãzinha. Não. Jacó não vai fugir. Ele não é louco. Não vai deixar as duas



à mercê dos índios. O remédio é viver de esperança. Aguardar o futuro. Decerto raiará o sol da liberdade.

Escuta-se o mugido do rio lá em baixo. Os silvícolas pulam de alegria, mortinhos por novas pescarias. E despençam morro abaixo.

O Rio Maratá precipita-se golfando em catadupas. Águas profundas, tumultuosas. Os selvagens saltam no poço da cascata. Nadam. Mergulham numa festa infantil.

Depois atiram-se à pesca. Fácil a pesca por aqui onde abunda o cipó-timbó. Amassam as folhas, esmagam o cipó e deitam às águas.

Em poucos minutos, o poço está coalhado de dourados, jundiás, traíras, grumatãs, pintados, cascudos, piavas, lambaris, tambicus. . .

Impossível comer tanto peixe. Então vamos fazer **piricuí**. **Piricuí** se prepara da seguinte maneira: cozinha-se o peixe, seca-se ao sol e pulveriza-se entre pedras. Guarda-se em grandes filhas para mais fácil transporte. É uma ótima provisão que dura indefinitivamente.

Duramente a pescaria, alguns índios exploram as redondezas. E voltam carregados de grossas raízes de mandioca.

Peixe com mandioca, uma gostosura. O pai chega a mastigar o bolo para o milho.

Mas o aipim é pouco para tanta boca faminta. Planejam, por isso, outro assalto à roça dos colonos.

Agora, entretanto, após a refeição, sentados. Valfrida e seus filhos, escutam dos lábios da velha Ceji a lenda da mandioca.

Certo dia o pai nota que a filha vai ser mãe, sem nunca haver falado ou pensado em casamento. Fulo de raiva, o pai quer saber quem foi que a engravidou. A filha jura que não foi ninguém. Nunca teve relações com homem algum.

O cacique não acredita nas palavras da filha e quer



matá-la. Vai matá-la, quando de súbito lhe aparece um homem branco que lhe diz:

— Não mates tua filha. Ela é inocente.

Nasce um menino encantador. Em pouco tempo sabe falar.

Dão-lhe o nome de Mani. Mas a criança morre com apenas um ano de vida. Morre sem doença alguma, misteriosamente.

Ao pé da sepultura nasce uma planta. Suas grossas raízes racham a terra. Arrancam. Era a Mani-oca ou mandioca.



17 – O TIGRE

De manhã, os índios tomam banho no Rio Maratá e depois, mortos por mais um bocado de mandioca, partem para novo saque na roça do colono. Mas desta vez a empreitada não lhes sai lá muito bem sucedida, não.

Vão silenciosos, agachados, bombeando com todos os olhos para as bandas da casa, que longe branqueia entre o verdor de um pomar.

Súbito, uma explosão. Itabira cai ferido. Ao mesmo tempo, junto à moradia, rompe a gritaria e o latir da cachorrada que põe em debandada os selvagens. Fogem arrastando o ferido.

Os colonos haviam-lhes preparado uma armadilha com a espingarda que detonou quando o bugre, por acaso, se enroscou na corda presa ao gatilho.

Agora, todos no acampamento, doidos de raiva, juram vingança contra os brancos. Por um triz não matam Valfrida e seus filhos. Não matam porque Ceji não deixa.

Mas querem arrasar a casa do colono, acabar com sua família, matar todos os seus animais.

Envenenam as setas com carne de preá em decomposição. E, de noite, lá marcha o pequeno exército.

O agricultor já conhece as manhas do bugre. Sabe que o sangue indígena derramado no mandiocal deve ser vingado. Por isso, ao cair da tarde, retira-se com a família para a casa do vizinho e prepara a emboscada com outros colonos.

Noite preta. Os bugres rastejam rumo da moradia. Aproximam-se, estranhando o completo silêncio que envolve a casa. Pela porta dos fundos, entreaberta, coa-se a claridade do lampião. Um gato malhado lambendo a patinha. O tique-taque do relógio de parede.

Estão prontos para o ataque, senão quando o relógio dá



horas, pondo a horda em sobressalto, alarmada. Mas animam-se logo depois. E já vão colocando os pés na escada, quando, ali perto, no milharal, rompe a infernal tormenta de gritos e tiros dos colonos e do latir da cachorrada.

O ruído dos selvagens em debandada parece o tropel da boiada quando estoura.

A fuzilaria prossegue troando e a cachorrada latindo furiosamente. Depois, é a gargalhada dos colonos perto da casa.

O pavor toma conta da horda.

— Fujamos, fujamos! Os brancos vêm aí!

Chegam ao acampamento deitando os bofes e a todos transfundem o assombro e compelem à fuga.

Valfrida julga azado o momento para a liberdade. Mas a velha Ceji está de olho sobre ela.

Pavorosa odisséia a debandada dos selvagens através da mata naquela noite de horror.

Vadeiam o rio e quebram para o norte, galgando montanhas, sempre subindo, subindo.

Lucila geme baixo, mas não há criança indígena que solte um lamento, uma queixa.

De manhã, chegam ao alto, onde os pinheiros abrem as umbelas e a tapetam o chão de espinhentas grimpas. O pinhão já principia a amadurecer, para alegria da bugrada.

Enfim, a corrida termina. Todos caem, mortos de canseira e de sono. Deitam para o descanso que não tiveram durante toda aquela trágica noite.

Hoje vive Jacó uma das maiores emoções de sua vida errante. Vai assistir à luta entre o índio e o tigre, os dois reis da selva.

— Jaguar! Jaguar!

Num abrir e fechar de olhos, os selvagens estão de pé, armas na mão. Um troço de 50 bugres abala para o lado donde vêm os urros de fera.



Nota o tigre a aproximação dos caçadores, mas não se acobarda. Continua a devorar calmamente uma queixada. Olha para eles de esquelha, rosna e vai comendo.

Um berro uníssono, infernal, dos sitiantes põe o jaguar de pé, majestosamente. Lindo animal! Quase dois metros de comprimento. Tremem seus beiços. A cauda fustiga as ancas, nervosamente. O olhar mede seus adversários dos pés à cabeça.

Ao cacique compete desferir a primeira seta. Um raio. Mal se ouve o baque da flecha no crânio da fera, mal se vê a haste saltar, arranca-se a onça do lugar, fulminantemente, num salto gigante. Cai impetuosamente sobre um bugre e rasga-lhe o ventre.

Nunca índio algum vira tamanho drama. Tudo ocorrera num átimo, misteriosamente. A saraivada de setas que seguiram a do morubixaba perderam-se todas, porque o alvo já havia mudado de lugar.

Quatro homens transportam o ferido ao acampamento. Os demais correm no encaço da demônia. É mister, é imperativo matar a lera. Do contrário, O espírito do infeliz jamais encontrará sossego.

A batida prolonga-se através do pinhal, depois numa depressão de terreno, entre rochas. O jaguar acoitara-se em pequena toca, por trás de emaranhado cipóal.

Toropu, que traz ao pescoço um colar de dentes de caça, bate no ombro do cacique:

— Morubixaba, dá licença de pegar o tigre à unha? Vou pegá-lo vivo para que sinta longamente a vingança dos caingangues.

O valente caçador de tigres aproxima-se do paredão. Firma-se no tronco de uma caneleira. Depõe as armas. Abre a ramagem com as mãos e os dois olhares selvagens se cruzam, chispando: os olhos do tigre e os olhos do índio.

Toropu solta um urro selvagem, atarrador, provocando



a luta. O pé direito firmado no tronco da árvore, o corpo inclinado para a frente, as mãos à altura do peito, crava nos olhos da fera o punhal de seu olhar fulminante.

Não fosse aquele olhar do índio, a fera teria saltado sobre ele. Mas aquele terrível olhar a domina, a subjuga. Hesita, meneia o corpo, guasqueia o solo com a cauda, estalando.

O rei da selva acobarda-se diante do rei da criação. Quer fugir ao duelo. Olha para os lados, buscando cancha para a fuga.

Toropu solta outro berro selvagem, provocador, sacudindo os braços, violentamente.

O tigre responde ao urro e tenta a fuga. A um sinal do cacique, vinte setas atingem o jaguar, que se atira contra Toropu. Mas, mortalmente ferido, não o atinge. Tenta um segundo ataque, e o guerreiro esmaga-lhe a cabeça com um golpe de tangapema, enquanto uma seta na orelha desfecha o tiro fatal. O corpo treme, agita-se, escarvando o solo, nas guascas da morte.

Os bugres saciam sua vingança, esmigalhando-lhe a cabeça, vociferando pragas, impropérios . . .

Quando chegam ao acampamento, com o troféu da vitória, o índio ferido já está morto.

A cena selvagem de vingança e revolta é agora indescritível. Deitam no solo, berram, uivam, arrancam os cabelos. O inferno.

A pele da fera cabe à mulher do infeliz, à pobre viúva.

Assam a carne do tigre. Comem-na, crenes de que lhes comunicará vigor e valentia.

O morto é sepultado de cócoras, dentro duma igaçaba ou camotim, ao lado de suas armas, de seus pertences, como ainda o crânio da onça. Tudo isto para servir ao defunto no além.

As mulheres cavam uma cova redonda, revestida de barro. Alizam-na e acendem a fogueira para cozinhá-la, formando assim a igaçaba.



Segue-se a dança fúnebre. É dança macabra, selvagem, pulando ao redor da campa, gritando, entrechocando armas, estrugindo o maracá, tocando o napi que é o tambor fúnebre. A nambi, flauta fabricada com tibia de inimigo vencido, geme sua triste nénia.

As mulheres confeccionam a tampa com argila. Tapam as fendas com barro. Espalham brasas para que endureça. Cobrem com terra, depois com pedras, formando um montículo.

Jacó acompanha a mãe e Lucila que se encontram junto da viúva para consolá-la. A pobrezinha chora, chora perdidamente. Ceji vem também trazer-lhe palavras de conforto.



Jacó pede licença para ir ao mato buscar frutas.

— Vai — diz Cejl — e traga para nós também.

O rapaz não vai só. Vários garotos de sua idade querem ir com ele. E a velha Ceji comenta para Valfrida:

— Seu filho é estimadíssimo por todos. Ele tem bom coração, muita inteligência. Será um dia um valente morubixaba.

A Mãe, em vez de alegrar-se, tem vontade de chorar. Isto porque percebe que o destino dela e de seus filhos é viver e morrer em companhia dos bugres, no deserto da selva. Oh, que tristeza!

Jacó e seus companheiros descobrem logo mandassarás, voando e zunindo perto de um tronco de catiguá. É uma espécie de abelha que fabrica um mel delicioso.

Depois notam uma colmeia de forma arredondada, do tamanho de um balaio, pendente dos ramos de uma árvore.

Agora surge o problema de apanhar o mel. O do tronco foi fácil. Chapecó puxou do facão de seu pai, facão furtado ao colono Nicolau Rempel. Golpeou a árvore e o mel jorrou, numa festa indescritível para a garotada.

Após alguns comentários. Chapecó descobre o meio de descer o balão da árvore sem que as abelhas lhes piquem o corpo. Corta galhos folhudos. Uma para cada rapaz. Todos trepam na árvore. O da frente derruba o cortiço. O de trás, com o galho, o defende contra as abelhas. O terceiro defende o segundo, o quarto, o terceiro, e assim por diante.

Num instante, da árvore pende aquela fila de corpos nus, reluzentes. Chapecó, na dianteira, alcança lá no alto o galho de irapuã. Golpeia-o com o facão e logo um enxame de abelhas investe contra ele. O vizinho procura defendê-lo, mas as vespas são muitas. Picam-no nas mãos, no rosto, nos braços,



nas pernas. Picam a todos os rapazes. Chapecó não desiste. Corta que corta. Enfim, craque, tomba o galho com o cortiço.

Os garotos estão em terra, num pulo. Debandam pelo mato, afugentando as abelhas. Esfregam o corpo com ervas que lhe trazem certo alívio às dores. Dores terríveis.

Mas a vontade de saborear o gostoso mel leva-os para junto do cortiço que enxameia e zune de tantos himenópteros.

Amontoam galhos secos e taquaras. Acendem o fogo. Cada um se aproxima com um feixe em chamas.

Morrem apídeos. Outros fogem. E a colmeia, livre das abelhas, é levada em triunfo, entre gritos de alegria, para o acampamento.

Os favos são espremidos e o mel recolhido no camotim. Juntam-lhe água e está assim fabricado o delicioso licor, o hidromel.

Os índios demoram-se dias naquele acampamento onde engordam comendo pinhão. O pinhão é o mais substancioso alimento do bugre. Sete anos mais tarde, será ali o alimento providencial que salvará da morte muito imigrante italiano.

Em fria manhã de inverno, Jacó vai à caça com um grupo de bugres. Vai andando, andando. Quando nota, está distanciado dos companheiros.

Estes dão com um pequeno lote de queixadas e regressam ao acampamento carregados da preciosa carne suína. Mas e o rapaz branco? Onde está?

Perde-se o coitado no misterioso labirinto da floresta. Não importa. Ele conhece o chão que pisa. Se quisesse, se não fosse a mãe e Lucila, agora mesmo debandaria até encontrar S. Vendelino. Nada mais o atemoriza, nem as feras, nem a fome, nem a distância.

Divaga sozinho, longe do acampamento. Muitos quilômetros do acampamento. Vai com ele o coati, debaixo do braço.



Lá no alto, nas grimpas dos pinheiros, palram bandos de papagaios, comendo pinhão. Jacó pensa no seu papagaio da infância, o papagaio que um dia reencontra na mata. Lembra-se da Lenga, o seu querido veadinho.

Súbito, pára, ouvido à escuta. Dos companheiros nem mais sinal. Em redor, apenas o silêncio da selva, quebrado de longe em longe pela gritaria dos papagaios.

Decide regressar, quando ouve um estampido, um tiro de espingarda, que lhe põe o coração aos saltos. O quê? Então anda gente branca por aqui? Estará por perto moradia de colono? Algum caçador?

E, esquecendo o coati, que andava pelo chão, o rapaz dispara em direção ao lugar onde soou a detonação. Corre feito louco. Nada. Põe-se a chamar, a gritar.

— Alô gente. Alô! Socorro!

Silêncio. Ninguém responde.

— Quem está aí? Quem atirou? Socorro!

Resposta não vem. No entanto, ouve-se agora, muito longe, o latir de cães.

Hesita o rapaz. Não sabe o que fazer. Súbito, um rumor ali perto. Olha e divisa, entre a ramagem, um vulto escuro. Será gente? Será bicho?

Avança Jacó, devagar, a tremer. E vê um pardo, um veado, sangrando, com uma ferida no pescoço.

O pobre animal tenta levantar-se, mas as forças são poucas. Solta leve balido. Ilumina-se o olhar do garoto. E, oh maravilha! Reconhece o seu veadinho, a sua querida Lenga. A lenga, sim senhor. Cai, abraçando-se ao velho amiguinho, acariciando-o, numa festa indescritível.

Sentado, com o animalzinho entre os braços, Jacó lhe fala carinhosamente, com infinita saudade dos tempos de criança, quando juntos brincavam felizes.

Lenga olha para ele, solta uns gemidos, implorando



piedade, proteção. O coitado do veadinho vai morrer.

Lenga do coração, quem foi que te baleou? Caçador malvado! Vai ver que foi aquele infame de Luís Bugre.

O animal solta outro leve balido e morre, morre, ali, nos braços do seu amiguinho.

Jacó chora, chora perdidamente. Tanto chora que nem sequer nota a aproximação do caçador:

— Hê, hê, rapaz branco!

Volta-se o moço e dá com os olhos a quem? Em Luís Bugre.

Gela o sangue nas veias do garoto, do garoto que de um salto se põe de pé.

— Como vir parar aqui, rapaz branco?

Jacó, estarrecido, não consegue falar.

— Rapaz valer nada, nada. Voltar já bugres. Depressa senão te matar.

E Luís Bugre aponta a espingarda para Jacó, que de costas vai se afastando, a tremer. Vai recuando, fugindo daquela fera humana, o monstro autor de tantas desgraças.

Luí Bugre puxa da faca e começa a carnear o veado. Jacó não perde tempo, mete sebo nas canelas e azulando correndo.

Logo adiante lhe aparece o coati que lhe vem seguindo os passos. O seu Benzinho trepa-lhe pelas pernas e salta-lhe para o colo, a consolar seu amo...

Não é fácil regressar ao acampamento. Caminha apressado durante longas horas. Quase anoitece quando sente cheiro de fogo. Deve ser o fogo do acampamento. Estuga o passo. Fecha-se a noite. Jacó tropeça e cai. Já não pode mais. Resolve passar a noite ali mesmo. Amontoa folhas secas, preparando o leito.

Deitado com seu coati, parece que a rajada de vento lhe traz o som de vozes humanas. Levanta-se e rompe a_ caminhar. Trepa em rochas e ao longe avista o clarão da fogueira. Clarão



que lhe ilumina e alegra a alma.

Mais um tirão e encontra-se no acampamento, onde a mãe, Lucila e a velha Ceji, apreensivas, choravam a sua ausência.

Na manhã seguinte, a horda empreende a marcha para os pagos, para a saudosa querência, a velha taba destruída, da qual andam ausentes há mais de dois ciclos lunares.

Uma saudade infinita do torrão natal, da cidade de seus amores, de suas festas, de seus folguedos, a cidade que anos depois, como por artes de magia, os imigrantes transformarão numa das mais importantes do Brasil meridional — Caxias do Sul.

Quatro dias de viagem, com breves paradas a fim de comer as caças abatida no percurso. À noite, acampam.

É intraduzível a alegria quando atingem a nesga de campo em cuja extremidade norte se avista o local da velha taba. Gritos e exclamações saúdam a querência amada.

O local está como o haviam deixado. Apenas algum sinal de que alguém andara por ali, para confirmar o aviso de Luís Bugre. Os postes ainda lá estão amontoados no mato. Até as escadas nos pinheiros, as escadas para a caça dos papagaios, ainda se encontram em seu lugar.

Desenterram o grande camotim repleto de peles de onça. E os homens metem-se a trabalhar furiosamente, fincando postes, armando as ocas . . .

No mesmo dia, está de pé a taba dos caingangues. Em menos de 24 horas, surge a cidade, como para dizer que em pouco tempo, naquele mesmo lugar, com espantosa rapidez, surgirá a metrópole da uva, que atrairá turistas de muitos países, para a festa mais querida do Brasil — a Festa da Uva — durante a qual brilharão os filhos desta lendária terra, brilharão como Ana Sílvia Celli, a lindíssima Rainha da Festa da Uva de 1965.

Chegam a tempo as benditas e acalentadoras ocas. Sim, porque o inverno, nas alturas daquele planalto, onde sopra



incremente o minuano, naquele mesmo ano trará uma grande nevada, como aquela que tombará, um século mais tarde, no dia 20 de agosto de 1965.

Geadas, nevadas, chuvaradas, a cerração, o vendaval, nada mais amedronta os coroados na dura quadra do inverno. Passam bem no seio de suas ocas, em redor da fogueira.

As mulheres, com fibra de urtigão, tecem rudes vestidos para Valfrida e seus filhos, para as crianças, para elas mesmas.

Jacó toma parte em caçadas por lagoas e banhados, onde encontram abundância do saboroso coipu, de guaçu puca, o veado gigante, de aspas esgalhadas, com até 14 pontas. Caçam também ratões de banhado e outros animais. Só não abatem saracuras, marrecas e patos selvagens, por serem aves amigas que, segundo contam e a velha Ceji depois narra com interessantes pormenores, salvaram a tribo da ruína. Por isso, ninguém pode matar estas aves.



19 - A GUERRA

Se Valfrida e seus filhos encontrassem agora a liberdade, teriam muito assunto para entreter o papal e os amigos. Mas não saberiam descrever uma guerra de bugres, porque não presenciaram a não ser um ensaio de combate, naquela noite do sacrifício de Mabita, a vaca da família Versteg.

Entretanto, vão agora, para sua infelicidade, assistir a uma guerra, uma autêntica batalha selvagem entre tribos dos mesmos cainganges.

Rolam os dias, os meses rolam na taba. Rolam sem maiores novidades, sem grandes emoções. Lá de vez em quando, brigam as mulheres por qualquer no nada, divertindo pequenos e grandes.

Duas mulheres desavêm-se e, no meio do terreiro, entram em luta corporal, que os circunstantes acirram com gritos e gargalhadas selvagens. Berram as contendoras. Rolam pelo chão. Arrepanham-se os cabelos. Arranham-se. Mordem-se. Esmurram-se. O sangue escorre. Por fim, cansada ou vencida, uma ou ambas se entregam, sem maiores consequências.

Afora as caçadas e pescarias, não existe outro trabalho de monta. A horda vive na maior moleza, de papo para o ar, numa ociosidade deprimente e ruinosa.

Ao morubixaba não passa despercebida a triste condição de seus vassalos, que, não resta dúvida, vão assim a caminho da desgraça fatal, da morte de toda a tribo.

É imperioso tomar providências, excogitar um meio de sacudir o torpor, de acordar energia, de provocar gestos heróicos.

O meio mais eficaz não há de ser outro senão a guerra. Guerra contra quem? Ora, contra os próprios cainganges, os cainganges do norte.



Mas existe causa justa para uma luta armada? Sim, existe.

Há longos anos, digladiaram-se os coroados entre si. Dividiram-se. Os do sul permaneceram nas matas ao longo do Rio das Antas. Os do norte embrenharam-se nas florestas do Rio Pelotas, nos atuais municípios de Lagoa Vermelha, São José do Ouro, Cacique Doble, Machadinho, Paim Filho, Getúlio Vargas, Erechim, Passo Fundo, Irai, Nonoai e outros, como ainda no Estado de Santa Catarina.

Dos caingangues do norte ainda existem vários toldos. Até hoje eles recordam o que contavam seus antepassados, a guerra que agora vamos descrever.

Desde o dia da divisão, as hostilidades não cessam. Faz apenas um ano, deu-se um combate, durante o qual os do norte raptaram Juriti, a filha do morubixada do sul. Flor de garota, a filha raptada.

Chega agora o momento- da vingança. A hora do resgate da filha de Nivaque.

Reúne-se, pois, a assembléia dos abarés para a necessária aprovação.

Depois de vários dias, executam-se ensaios de combate, os mundéus, os duelos de treino, ao som das iníbias, das flautas, ao rufe do napi. Uma orquestra genuinamente selvagem.

Nivaque profere longo e patético discurso, advogando sua causa, verberando a ociosidade e provocando a indignação geral contra o covarde rapto de sua filha.

Todos aplaudem. O cacique ordena ao guarda que lhe traga o grande cachimbo. Chupa três cachimbadas. Passa-o ao conselheiro da direita que repete o gesto e passa adiante. Todos fumam três cachimbadas em sinal de união.

A seguir, Nivaque manda colocar em pé de guerra vinte guerreiros dos mais audaciosos. Apresentam-se orgulhosos, distendem os músculos, sopesam as armas. ..



As mulheres preparam o farnel, enchendo as sacolas com farinha de carne.

Na manhã seguinte, partem os guerreiros ao som da orquestra, aos gritos de toda a tribo. Somem-se no dédalo da brenha, sempre respondendo aos gritos das que ficam. Por fim, o mistério da selva entra em silêncio.

Dez dias de marcha através da mata e depois cortando as campinas povoadas de gadaria e, ostentando, de longe em longe, uma fazenda gaúcha. Os guerreiros só andam pelo campo durante a noite, a fim de evitar a vista dos brancos.

Adiante, surge outra mata imensa onde se encontram as tabas dos caingangues do norte, com quem vai ferir-se o combate.

O assalto dá-se à meia-noite. No interior das ocas, dormem todos profundamente. E é durante o sono que os sulinos caem subitamente sobre seus adversários, semeando o pânico e a morte.

Titânica luta dentro das ocas. Formidável entre-choque de tangapemas semelha o estalar de troncos decepados pelo raio. Racham cabeças. Jorra o sangue.

Nove caingangues do norte jazem sem vida. Morrem três guerreiros do sul.

O cacique Nivaque procura sua filha na escuridão da noite. Descobre por fim uma mulher oculta por trás de uma árvore. Agarra-a, tapa-lhe a Boca com um punhado de folhas.

Nisto chega um guerreiro adversário. Investe. Nivaque, o pé esquerdo sobre o corpo da mulher, vibra a arma que estala, projetando longe o tangapema do inimigo. Agora, com violentíssimo golpe, afunda o ombro do seu contendor, que tomba e morre. Morre o índio do norte.

Nivaque agarra a mulher e foge. Longe, dá o sinal combinado de cessar luta.

Tratam de regressar aos pagos. Vão estropiados, feridos,



sangrando, os bravos guerreiros. Vão todos com exceção de três que pereceram no combate.

Ao clarear do dia, notam com espanto que a mulher raptada não é Juriti, a filha do cacique. É apenas a mulher do morubixaba do norte. Agora esta passará a ser escrava do morubixaba do sul.

É intraduzível o júbilo na taba do Campo dos Bugres, quando chegam os guerreiros, trazendo o troféu da vitória: a esposa do cacique inimigo.

Mas há choro e luto nas três famílias que perderam seus moacaras.

Com o rapto da mulher do morubixaba do norte, a inquietação vem morar na taba do sul. Ninguém duvida da vingança. Ninguém. A ameaça do assalto inimigo paira dia e noite qual espada suspensa sobre suas cabeças.

Imediatamente iniciam-se os trabalhos de preparação da defesa. Constroem uma fortaleza com uma fila de reforçadas ocas ao redor das moradias. Durante a noite, há sempre sentinelas rondando as vizinhanças. Todos dormem de arma ao lado. Durante o dia, treinam-se os índios em combates simulados.

A certeza da vitória reside, sobretudo, na existência de uma arma terrível que os do norte desconhecem. São as facas que Luís Bugre lhes vendeu em troca de peles de onças.

Volvido um ciclo lunar, ouve-se ao longe, altas horas da noite, o rugido do jaguar — hoiju, hoiju, hoiju. É o grito de alarma do sentinela. Inimigo à vista.

Num instante, a taba ergue-se em pé de guerra. Escuta ao longe o grito horripilante dos guerreiros inimigos, que em breve, divididos em grupos, se arremessam de encontro à fortaleza.

Terrível entrevero de furiosos demônios, lado a lado. Parece que uma tormenta ruge na mata, sacudindo-a. Depois,



o inimigo consegue incendiar algumas ocas. E agora o combate prossegue ao sinistro clarão da fogueira.

Mas os guerreiros do norte são um verdadeiro exército. Trazem tribos aliadas. E trazem matilhas de cães de caça que se atiram ferozes às costas dos sulinos, derrubando-os ao solo.

A vitória dos nortistas parece iminente, quando, de súbito, rapazes do sul, armados de longas e afiadas facas de aço, entram em luta destripando bugres e cães, numa horrível carnificina.

Os nortistas, diante deste fato impressionante, estão convencidos de que uma força sobrenatural desaba sobre eles. Não querem mais nada. Tratam mas é de retirar-se para a mata.

Mas o fogo continua lavrando na taba. Vai tomando conta de todas as ocas, despejando mulheres e crianças. É o momento do resgate da mulher do morubixaba e do rapto de mulheres.

Entram em ação as flechas, obrigando a fuga pela mata da tribo do sul.

Há mortos de ambos os lados.

Mas a guerra não termina. Os dois inimigos, um de cada lado da taba incinerada, estão em trégua, aguardando novo ataque. Corvos começam o voejar, atraídos pelo sangue e pelos cadáveres insepultos. Corpos pelo chão, de faces desfiguradas, alguns ainda apertando a clava entre as mãos. Cães mortos, de língua de fora . . .

Um dia de angustiante expectativa. Os do norte não atacam, mas também não regressam aos pagos.

Quem vai superar o impasse é o cacique do sul, um gênio atilado. Convoca os abarés e propõe resolver a questão mediante luta singular, um duelo perante todos.

Um emissário, na mão a flecha quebrada, em sinal de paz, vai ter com o morubixaba do norte, a quem já se juntou sua esposa, que se evadira durante o combate e a confusão do



incêndio.

Nivaque mesmo é o mensageiro da paz. Bem recebido pelo cacique do norte. Expõe com eloquência a sua proposta, tecendo rasgados elogios ao valor do adversário, à sua vitória, resgatando a mulher, saciando assim a sua sede de vingança . . .

A proposta é aceita, devendo o vencido entregar um guerreiro para escravo.

O duelo vai ferir-se sobre as cinzas da taba destruída, donde são retirados os cadáveres e os cães mortos.

Faz-se a escolha do índio que será escravo. Os do norte têm os olhos voltados para Jacó que julgam flor de índio. Mas ao saber que se trata de um branco, recusam a fim de evitar futuras complicações com os civilizados.

Imaginem o susto que levam Valfrida e Lucila. Graças a Deus, tudo não passa de um susto.

Escolhem, então, o filho mais velho do morubixaba.

Quem vai enfrentar o adversário do norte é Nivaque, o próprio cacique do sul.

Tudo pronto. No centro da arena, os dois fortes guerreiros adversários, entre a multidão que delira numa incrível angústia.

Rufa o tambor. Miram-se os contendores com os olhos em chama. Soltam um rugido e investem um contra o outro. O entrechoque das clavas é trovão que reboá na mata.

Luta feroz, selvagem, indecisa, sob aclamações da turba alucinada.

Súbito, o guerreiro do norte, rápido como um raio, vibra violenta cabeçada no ventre do adversário que tomba largando a clava.

Agora, ambos desarmados, atacam-se em luta romana. Luta gigantesca, brutal, selvagem.

De repente, acontece o inesperado, incrivelmente inesperado, verdadeira vergastada dos fados indígenas para o guerreiro do sul. Caipora, o espírito mau, cavalgando um



urubu, faz o azar de Nivaque.

Os corvos, voando sobre a arena, despejam na face do morubixaba do sul a massa esbranquiçada do excremento, que, causticante, lhe penetra na vista.

Cego, atordoado, leva as mãos à face, suspendendo a luta. O adversário não perde tempo. Aproveita-se do caiporismo do adversário para dominá-lo.

Este, entretanto, cego da vista e cego de furor, defende-se com unhas e dentes, e acaba levando a melhor, derrotando os caingangues do norte, que, no mesmo instante, debandam, envergonhados e em tumulto, sob as vibrantes aclamações e vaias dos sulinos vitoriosos . . .

Duas valas acolhem os numerosos cadáveres. Uma para os do norte. Outra para os do sul.



20 — O MARTÍRIO

Uma grande calamidade, esta guerra. Arrasou a taba, destruindo redes, peles, vasilhame, tudo. Os índios do norte, ao fugir, despencam uma saraivada de setas, matando crianças e mulheres. Entre estas, a velha Ceji, a protetora dos três cativos.

Jacó não perde seus pelegos, suas peles. Mas perde o seu Benzinho. Em vão, procura-o por toda a parte. Em vão. Seus amiguinhos se foram todos. O papagaio, a Lenga e agora o seu coati.

Mas o desaparecimento deite seu amiguinho não é sequer a sombra de outra perda que o aguarda.

Nivaque está cego. Já não pode governar. Puma, seu filho será o novo morubixaba.

Puma é aclamado chefe da tribo, mas, infelizmente, naquela desolação, não é possível festejar o acontecimento, como é costume. O festim ficará para mais tarde.

Começa agora a fase crucial para os três brancos. Que será deles sem a proteção da boa Ceji, que várias vezes os salvara da cólera indígena?

Puma toma imediatas providências para conseguir alimentos. Há mais de um dia que ninguém se alimenta.

Partem os caçadores. Jacó integra o grupo que vai em busca de frutas e palmito. Por perto não há frutas, nem palmito. Vão procurar longe. Muito longe. Pernoitam na brenha, para só voltar no outro dia.

Naquele dia, arma-se o temporal. Chove torrencialmente. Depois baixa a temperatura. Frio intenso.

Valfrida e Lucila, previdentes, salvaram suas peles do incêndio. Agora servem-lhes de agasalho e abrigo. As bugras, invejosas, tentam apoderar-se das suas peles. Além disso, não permitem que as brancas se aproximem da fogueira. Fazem-



lhes mil desaforos.

Uma noite de agonia aquela para Valfrida que está doente, com febre, atacada de pneumonia, tossindo, tossindo. A filha, corre aflita a pedir socorro, mas é repelida com zombarias, insultos e maus tratos. Uma tristeza: uma angústia sem par. Se, pelo menos, estivesse presente Jacó . . .

A infeliz mulher sente que se aproxima a hora da morte. Vai morrer aí na selva, à mingua de recursos. Vai morrer sem poder realizar o sonho de sua fuga. Para fugir, suportara com otimismo aquela dura vida, procurando agradar sempre aos bugres, captar-lhes a simpatia . . .

Agora é tarde. Pensa nos filhos. Que será deles se eu morrer?

— Lucila — geme ela nos braços da filha — Jacó ainda não voltou?

— Não, mãe.

— Tenho uma coisa importante a dizer-lhe.

— O que é, mãe? Conte para mim.

— Mas escute, filha, eu ouvi cachorros latindo.

— Não, mãe. São aves. Conte, sim, mamãe.

— Lucila querida, já faz quase um ano que estamos entre os bugres. Você cresceu muito. Está ficando moça. Os índios decerto quererão que você case com um rapaz deles.

— Que horror! Não, mãe, isso nunca.

— Jacó também terá de casar com uma bugra.

— Mamãe, nem fale assim. Que desgraça!

— Sim, é uma desgraça. Uma grande desgraça. Para evitar esta desgraça, o único meio seria a fuga. Mas fugir como? Eu estou quase morrendo, filha.

— Não, mãe, a senhora vai ficar logo boa. Se Deus quiser. E então iremos embora.

— Sim, Lucila, Deus lhe ouça. Até agora não pudemos fugir. Ceji vigiava todos os nossos passos. Agora que ela já não existe, agora que as bugras são tão ruins para nós, fugiremos.



Guiar-nos-emos pelo sol, pelas estrelas e pelo curso dos rios, que todos correm para o sul.

— Pois é, mãe. Jacó é um bom caçador. Sabe procurarnos a comida durante nossa viagem.

O diálogo entre mãe e filha prossegue animado. Valfrida chega mesmo a sentir-se melhor. A idéia fuga dá-lhe saúde e forças.

Súbito, parece ouvir outra vez o latir de cães. Mas Lucila esclarece:

— Não, mãe, são aves que imitam os cachorros com seu canto.

Mas Valfrida não se engana. Anda por ai perto uma matilha de cães. E seu dono também não deve andar longe.

— Mãe, que bom! Vamos embora. Rezemos para que a senhora melhore e dentro de alguns dias estarmos em São Vendelino.

E a filha chora. Chora de alegria, de saudade.

— Ah, filha, eu também choro só em pensar que breve estaremos livres dos bugres, estaremos salve nos braços do papai . . .

Nisto, como fulminadas por um raio, escutam uma fala misteriosa, surda, em alemão, ali perto, atrás delas:

— Ou nas garras do demônio!

Estarrecidas, mudas, olham em derredor. Que foi ?

Donde veio essa fala, em alemão? Mistério acabrunhador, meus Deus!

Levantam-se a custo e vão para o terreiro.

Aqui o mistério se desvenda. Diante do cacique, está um homem vestido como os civilizados, falando e apontando para o local onde se encontravam Valfrida e sua filha Lá está a matilha de cães. Não resta mais dúvida. É Luís Bugre. O bandido decerto ouviu a conversa das duas mulheres e agora está relatando tudo ao cacique.



Inacreditável o que agora se segue. Passados poucos minutos, surgem seis guerreiros que avançam para o centro do terreiro. Um deles vem armado de arco e flechas.

Param. Olham. De repente, um exclama:

— Unteté — aí está a mulher.

E os seis dirigem-se para Valfrida, que treme apavorada, terrivelmente apavorada, prevendo algo de horrível.

Um deles bate-lhe no ombro, dizendo rispidamente:

— En toctin — vem.

A mulher parece fulminada. Não se move. O bugre agarra-a com brutalidade pelo braço, levanta-a do chão e vai empurrando-a.

— Mamãe! Mamãe! — grita Lucila — e tenta segurá-la.

— Sai daí, perereca, senão te mato — berra o bugre.

A menina, num desespero sem fim, chama pela mãe e tenta agarrá-la outra vez. Mas recebe violento soco, caindo ao solo. Levanta-se e toma a correr no encalço de Valfrida. Agora recebe pontapés, pauladas e pedradas. A coitada perde os sentidos e jaz inerte sobre o terreno.

Valfrida, entretanto, é conduzida mais para o interior da selva onde é horrivelmente açoitada nos braços, na fonte, nos olhos, na nuca, no peito. Jorra o sangue da pobre vítima, que geme: Jacó, Lucila! Meus filhos! Meus pobres filhos!

Depois cai desfalecida. Os brutos levantam-na e a amarram a um tronco de árvore, aos socos e pontapés. A seguir, postam-se a uns 30 passos de distância e desferem contra ela seis flechas que a prostram sem vida, pendente da corda em que está amarrada. Depois, os bárbaros divertem-se a varar-lhe o corpo com muitas setas. Por fim, abrem pequena fossa e sepultam o cadáver.

Lucila, recobrados os sentidos, arrasta-se para perto do local da tragédia e assiste, escondida, o coração aos pedaços, ao final do martírio de sua querida mãe.



Agora, retirando-se os algozes, vai cautelosa e cai sobre a sepultura, dando vazão aos seus sentimentos:

— Mãe! Ó mãe! Ah, minha mãe querida!

Chora e torce o corpo desesperada, deitada sobre o monte de terra que cobre sua adorada mãezinha.

Depois de algum tempo, literalmente prostrada pelo sofrimento, pelo cansaço, pela fraqueza e pela fome, entra numa espécie de torpor e adormece.

Jacó regressa carregado de frutas e palmito. Seus olhos vão logo em busca da mãe e da irmã. Pergunta a uma velha. Esta lhe responde com grosseira zombaria. Pergunta a outras mulheres. Todas só sabem encolher os ombros, com desprezo.

Enfim uma garota, aponta com o dedo a selva:

— NORMA CUCHETI — dormem frias.

Jacó apavora-se estremece;

— LENGLE? — as duas?

— COFÁ — a velha. CHIMISSING DAINE — a pequena não.

Jacó agradece à menina com um punhado de frutas.

Todas as mulheres estendem-lhe agora a mão pedindo frutas. O rapaz, entretanto, volta-lhes as costas e sal ao encontro da irmãzinha, gritando!

— Lucila! Lucila!

A menina acorda em sobressalto. Que foi? Será sonho? Levanta-se. Olha em derredor. A voz repete:

— Lucila! Mamãe!

Não há mais dúvida. É o mano que chama.

— Aqui, Jacó.

Encontram-se enfim. A garota atira-se-lhe aos braços, chorando. Solta um grito de angústia. Jacó aperta-a forte e carinhosamente ao coração:

— Que é Isso, mana ? E a mãe ? Onde está a mãe ?

Lucila tenta explicar-se mas os soluços embargam-lhe a



VOZ.

— A mãe, Lucila, onde está a mãe ?

A menina, sufocada pelo pranto, não pode falar. Jacó já está desconfiando de algo de grave:

— Lucila, a mãe ? Onde está a mamãe ?

A irmãzinha responde com a mão trêmula, apontando para o montículo de terra da sepultura.

Jacó vê tudo num relance. Sob aquela terra há pouco amontoada jaz sepultada a sua mãezinha.

A dor explode em catadupas. As lágrimas dos dois irmãos abraçados, ali, ao pé da sepultura da mãe, misturam-se, numa cena pungente que só a selva contempla. Longos minutos choram abraçados os irmãozinhos. Choram sua imensa dor. A perda daquela que viveu sofrendo por eles, aquela mãe heróica que durante dez meses encobriu sob a capa do otimismo sua imensa desventura, por amor deles, para que eles pudessem libertar-se das garras dos selvagens e voltar ao seio da civilização, ao doce convívio do lar.

Aos poucos, refaz-se Jacó do tremendo abalo, enxuga as lágrimas e sente-se em condições de falar. Pergunta então o que aconteceu.

Lucila, com a voz ainda sacudida pelos soluços, vai relatando a tragédia. Apavora-se de novo o rapaz ao ouvir o nome de Luís Bugre, o responsável de toda aquela vida de miséria e martírio.

— E agora, que faremos, Jacó?

— Ah, Lucila, se você estivesse forte, nós fugiríamos ainda hoje.

— Pois é, estou quase morrendo de fraqueza e de fome.

— Tome aqui estas frutas, mana. Coitada você não come desde dois dias, não é?

— Jacó, e se você fugisse sozinho hein?

— Não, Lucila. Nunca. Nunca fugirei sem você. Nunca



deixarei você sozinha entre os bugres. Quantas vezes a mamãe recomendou!

— Mas, Jacó, eu sinto que não aguentarei muito tempo.

— Não fale assim, Lucila. Você ficará logo forte e depois fugiremos juntos.

Abraçados, como dois namorados, conversam os pobres orfãozinhos. De repente, um rumor entre as ramadas e surge um velho bugre de clava na mão, olhar severo. Olha para os dois e passa, sem dizer palavra.

Jacó fala:

— Lucila, voltemos ao acampamento. Os bugres podem suspeitar mal o nosso respeito, vendo-nos aqui sozinho, longe deles.

Levantam-se, caminham lentamente.

— Lucila, seja sempre boazinha com todos. Sempre atenciosa e serviçal, como recomendou a mamãe.

— Assim farei, Jacó.



21 — ONDE ESTÁ LUCILA ?

Os caingangues mataram Valfrida porque souberam, por Luís Bugre, que ela tramava a fuga com os filhos. Jacó, pensam fies, será no futuro um grande cacique. E Lucila, talvez pensem em faze-la esposa, a mais linda esposa, de valoroso guerreiro.

Mas agora, a coitadinha vai servir de escrava na oca do morubixaba. Aqui recebe maus tratos dos filhos do cacique. Passa fome. Um inferno.

Os bugres não reconstroem a taba destruída pelos nortistas. Por vários motivos. Especialmente para despistar a próxima vingança. Resolvem, pois, emigrar.

Emigrar para o saudoso e fertilíssimo vale do Mboaptári.

A notícia é uma punhalada no coração de Jacó, o qual vê assim fracassado seu plano de fugir para São Vendelíno.

Cinco dias de marcha. Marcha dura para Lucila que deve aguentar com os mais pesados fardos da família do cacique. Um tormento.

Escolhido o local da nova taba, deitam por terra as árvores para abrir uma clareira. Interessante o processo da derrubada. Queimam o tronco e as raízes até que a árvore tombe.

A construção dasocas obedece a nova linha de arquitetura, inspirada nos ranchos abandonados de caboclos, vistos no norte do Estado, por ocasião da incursão bélica.

As paredes são de pranchas e troncos resistentes, recamadas de barro por dentro e por fora.

Em poucas semanas, a taba está construída. Asocas em circunferência cm volta do vasto terreiro. Destaca-se a casa do governo e a das viúvas.

Jacó não perde tempo. Não pode ficar inativo. Toma



parte em todas as incursões venatórias. Anda pelos quatro ventos, fazendo total levantamento, sempre visando seu plano — a fuga.

Nada escapa à sua perspicaz investigação: rios, vales, montes, rochas, pedras, árvores ... O labirinto da floresta não possui segredo para ele.

Rolam os dias. As semanas. Os meses. Um inverno. Um verão. Outro inverno.

Jacó é um forte rapaz de seus quinze anos. Ê mais forte do que os mais fortes rapazes da tribo, de sua idade.

Ora, um dia de primavera, quando os ipês rasgando suas túnicas de ouro espalham estrelas pelo chão, Jacó, perseguindo uma corça, afunda no dédalo da brenha como nunca fizera. Região pantanosa, vestígio de aproximação de campo. E, pelo chão, sinais de pegadas de vaca.

Imaginem a alegria do rapaz. Onde há reses, há gente branca. Estou salvo. Eu e Lucila. E é para já. Sim senhores. Vamos fugir.

Propõe aos companheiros pousar por lá mesmo. Eles concordam. Mas no dia seguinte não concordam em ir mais longe.

Não importa. Ele já viu bem o local das pegadas que o levarão à moradia do fazendeiro, o dono do gado.

Dois dias de preparativos, de ansiosa expectativa. O caso é de vida ou de morte.

Jacó ainda não viu Lucila. Procura-a debalde por fora da oca. Aproxima-se da casa do cacique. Ouve lá dentro o nome da irmã.

Não é prudente chamá-la. O rapaz põe-se a cantar uma modinha que lhe fala da casa paterna, dos seus queridos pagos. Todos saem para ouvi-lo e troçar dele. Sai também Lucila.

— Lucila — diz Jacó, radiante — encontrei o caminho para fugir. Você vem?



A moça, sorrindo, inclina a cabeça afirmativamente.

— Hoje de noite te espero na barranca do rio, perto da cabriúva grande. Tá?

— Tá.

— Se te perguntarem o que disse, responde que te contei que descobri uma cerejeira carregadinha de frutas. Estão ainda verdes.

Linda noite de luar. Noite amena de primavera. Quase todos os bugres dormem ao relento.

Na oca do cacique ficaram apenas mulheres e crianças, a quem é vedado dormir fora.

Lucila está acordada. Todos dormem na oca de Puma. Lá fora, roncam os bugres. O pio de uma coruja parece sinal de alarma e de mau agouro.

A moça não se intimida com aves de mau agouro. Ela anda oprimida por uma idéia absorvente, disposta a realizar o plano mais arrojado da vida. Enfrentar o perigo mortal.

Vai pisando mansamente, vai passando por entre os corpos dormentes dos índios. Súbito, estala um gravêto sob os pés. Ela estaca, tremendo. Parece que ninguém acordou. Prossegue e daí a pouco, perto da cabriúva, encontra-se com o mano que a aguarda impaciente.

Abraçam-se, felizes. Jacó fala-lhe baixinho, dá-lhe frutas para que se alimente e possa agüentar na longa e penosa marcha de fuga.

— Amanhã, estaremos em casa, Lucila.

— Que maravilha, Jacó!

— Então vamos. Dê cá a mão.

Partem radiantes, felizes. Mas a felicidade não dura um minuto. Dão quatro passos e o demônio cai sobre eles com suas garras infernais. É Puma que lhe ferra fortemente as mãos no ombro vocífera:

— Serpentes! Patifes!



Soltando um grito de pavor, caem ambos sem sentidos.

Ao voltar a si, Jacó está sozinho, no silêncio da mata, sob o palor do luar. Atordoado, com forte dor no ombro, magoado pelo apertão da garra do cacique, sente cansaíra que o envolve no sono.

Dorme ali mesmo e sonha. Sonha com a fuga, perseguido pelos índios. Por fim, o cacique lhe vibra o tacape na cabeça e o rapaz acorda com um grito.

Apita o inhambu, anunciando o alvorecer do dia. No taba, ali perto, há rumores. Súbito Jacó ouve a voz de Lucila:

— Jacó! Jacó!

Sinistro pensamento lhe fulmina a mente e rompe-lhe o coração. Algo grave deve ter acontecido a Lucila.

Cauteloso, aproxima-se da taba. Silêncio. Dormem os bugres. Na oca de Puma geme uma criança.

De manhã, Jacó não vê a irmãzinha. Os bugres são atenciosos com ele. O próprio cacique lhe fala com bondade e o manda caçar com um grupo de índios.

Vai preocupado, o pensamento no destino da irmãzinha. De tarde, ao regressar da caça, oferece frutas a uma filha do cacique e pergunta:

— Onde está Lucila, Colomi?

— Foi embora.

— Quando?

— De manhã cedo.

— Para onde?

— Não sei. Três homens levaram.

— Lucila foi de boa vontade?

— Não. Ela gritou duas vezes: Jacó! Jacó!

O rapaz não resiste e chora. Depois fala:

— Colomi, quando volta Lucila?

Jacó retira-se e dá livre curso às lágrimas. Tem quase certeza de que à Lucila coube o mesmo trágico destino da mãe.



No outro dia, lá vai ele por todos os lados, buscando algum sinal de sua irmã. Não há fumaça, nem bamburral, nem monte de folhas que ele não vasculhe. Debalde.

Uma tristeza infinita apodera-se de sua alma. A floresta com a sedução das caçadas perde todo o seu atrativo.

Passa dias de angústia mortal. Definha. Vai definhando a olhos vistos.

Um dia, arma-se de coragem e enfrenta Puma. Interpela-o audaciosamente:

— Senhor, onde está Lucila?

— Tu perguntas por Lucila? Um homem livre pergunta, por **nui** e **ndo** (arco e flecha) e tu perguntas por uma escrava?

— É minha irmã, senhor.

— Um homem livre não tem uma escrava por irmã.

— Tivemos os mesmos pais.

— Que importa à árvore a sua origem?

— Meu coração precisa dela.

— Ela é uma serpente que envenena teu coração.

— Pouco importa. Quero vê-la.

— Então procura.

— Onde?

— Onde quiseres.

— Nas ocas?

— Nas ocas é inútil. No mato também.

— Na terra?

— Aí moram as almas.

— Então não hei de procura-la.

— Muito bem. Agora gostei. Agora vejo que és um homem livre.

— Um homem quero ser. E hei de provar que sou valente.

O cacique sorri:

— Breve serás um guerreiro. O teu sangue é valente. Um



dia serás cacique.

Retira-se Puma. Jacó põe-se a pensar e conclui que Lucila já não vive.

E nunca mais terá notícia dela. Nunca branco terá notícia dela. Teria sido mesmo sacrificada? Ou, quem sabe, foi levada para longe do irmão?

De qualquer forma, viva ou morta, o mistério paira até hoje sobre aquela jovem emigrante, que deixou com os pais e o irmão o conforto da civilização europeia a fim de embrenhar-se nas ínvias florestas do Brasil.

Para Jacó ela já não vive. Desvaneceu-se como por um sonho a esperança de voltar para junto do pai, levando sua mãe e a irmãzinha. . .

Um ódio profundo e implacável contra este povo bárbaro lavra agora no coração do rapaz. É um incêndio avassalador. Um vulcão de lava incandecente que vai levando tudo de roldão . . .

Mas ele vai agora vingar-se. A mais cruel vingança para os cainganges, que agora nutrem a certeza absoluta da posse pacífica, segura, daquele jovem que um dia pretendem fazer chefe de sua tribo.

A vingança é a fuga.



22 — A FUGA

Conseguirá Jacó voltar ao seio da civilização? Conseguirá sobreviver? O sangue de Valfrida prosseguirá correndo nas velas dos brasileiros? O nome de Versteg não se apagará nos cartórios de registro de nascimento?

Pois é. A aventura da fuga não é nada fácil. É difícilima. É façanha de grande heroísmo.

Cinco meses depois. Às margens do Turvo, afluente do Rio da Prata e do Rio das Antas, há uma taba de tapes, amigos dos caingangues. Puma vai agora retribuir uma homenagem que lhe f5ra prestada há poucos meses. Convida, pois, os amigos para uma grande festança em sua taba.

A festa vem sendo preparada com afanosa diligência. Para o fabrico do cauim, guerreiros, à revelia de Jacó, partem para longe a fim de trazer milho. Antas, capivaras, corças, bugios, queixadas e uma enorme caninana lá estão amontoados para o festim.

Jacó, com indizível contentamento interior, auxilia ativamente. Durante a festa, quando a embriaguez prostrar os guerreiros, ele realizará seu arrojado sonho. Parece-lhe até fácil a aventura.

Chegam trinta visitantes. Soberbos guerreiros, armados até os dentes, horrivelmente tatuados, plumas de tucano nos cabelos.

Festivamente recebidos. Na oca do conselho fumam juntos o cachimbo da paz, em meio de animada conversa.

Á noite, crepita o fogo para o grande churrasco no seu habitual forno subterrâneo. Aves são assadas nas chamas. Algumas, com penas e recamadas de barro, mergulham no braseiro, fornecendo saboroso petisco.

— CARU! — grita o mestre do banquete. — E cada



moacara avança para receber a sua parte. Comem à saciedade.

Depois, as mulheres servem aos seus maridos o capitoso cauim, em porongos e jarras de argila.

Agora, os jogos programados. De um lado do terneiro, postam-se os moços; do outro, as moças. No meio, os homens simulam um combate. Dez de cada tribo. Cessa o rufar dos tambores e o entrechoque das clavas estremece a floresta.

Todos contemplam e aclamam os guerreiros. Todos, menos Jacó que vê chegando o momento de agir, de colocar sebo nas canelas.

Cautelosamente, pé ante pé, vai esgueirando-se por trás do grupo de rapazes, o olhar sempre fixo na multidão, no momento em que ruge ferrenha a luta selvagem. Dá alguns passos, Estaca. Olha para trás. Não. Ninguém nota sua ausência. Ele encontra-se no escuro e todos estão imóveis diante do espetáculo.

Jacó desaba agora a correr com todas as pernas, ágil como uma corça, veloz como um galgo. Conhece a floresta como a palma da mão, mesmo dentro da escuridão da noite.

À sua desabalada carreira, fogem espavoridos, soltando gritos, aves e feras. Capivaras soltam para dentro do rio, o rio que ele acompanha subindo.

Jacó não se assusta. Não teme as feras da mata. Ele teme as feras humanas. Teme especialmente Itabira, um bugrinho de sua idade, capaz de descobrir qualquer pegada e capaz de vencê-lo na corrida.

O pensamento lhe empresta asas. Não cessa de correr através do escuro labirinto da selva. Não se acobarda em face das rasteiras que lhe passam invisíveis cipós, diante das facadas dos espinhos da japecanga, das topadas em pedras e troncos...

Sangas, arroios, vales, morros, taquarais, pauis, surgem traiçoeiros a cada passo. Não importa.

Voam com ele as horas da noite. Na barra do nascente,



espia o olhar de fogo da aurora.

Jacó não pode mais. Acoita-se numa fuma e cai pesadamente no reino de Morfeu.

O sol da manhã vem despertá-lo. Um rumor numa fruteira ao lado. Que será? Um velho macaco fazendo sua refeição matinal. O rapaz pede licença para tomar parte no festim.

Alimenta-se e parte. Parte cm meio da orquestra da passarada cantando a homérica fuga do épico rapaz, mal vestido com pedaço de pele rasgada, a cabeleira em desalinho . . .

Anda apressado, às vezes correndo. Ao meio-dia, chega enfim ao lugar pantanoso onde ele descobrira há tempos pegadas de reses. Agora também as descobre. Bate-lhe forte o coração. O campo e o fazendeiro gaúcho não devem andar longe.

Para despistar os índios, Jacó anda de costas, deixando no lodo as pegadas em sentido contrário.

Vai agora a trote, sem sentir a canseira, prelibando a emoção da suspirada liberdade. Pela meia tarde, parece ouvir ao longe o latir de cães, o que lhe aumenta a alegria e lhe empresta novas forças. Apanha umas frutas. Vai comendo.

Imagina a festa que breve lhe fará vibrar o coração. O encontro com os brancos. Que dirão eles da minha semi-nudez? E como poderei explicar-me se eles não entendem o alemão e a língua dos bugres?

Tudo corre às mil maravilhas. Senão quando estremece a ramada atrás. Que será? Decerto alguma fera. Sim, uma fera, mas fera humana. Um índio que vem a louca perseguição e solta agora um grito selvagem de alarma, chamando os companheiros.

Logo agora, ao pé da liberdade. Não é possível. Não. Jacó não pode perder esta parada.

E deita a correr como nunca fizera em sua vida. Parece



que voa por sobre todos os obstáculos: pedras, paus, espinheiros, sangas, cipoais . . .

O bugre lhe vem no encaço, mas vem perdendo na carreira. A pesada clava que traz nas mãos lhe atrapalha a corrida, enroscando-se nos cipós, nas silvas. Jacó está livre. Corre mais, ganhando distância.

Agora é um trecho de campo. O bugre some-se lá atrás. Em seu lugar, vem agora, sem nenhuma arma, um bugrinho terrível. É Itabira, o rival de Jacó na corrida, na agilidade e na força.

O bugre já vai agarra o rapaz e grita:

— És meu, Jacó. Estás perdido.

Pára Jacó e investe furioso contra Itabira, vibrando-lhe no ventre violentíssimo soco que deita ao solo o perseguidor.

O branco se avanta. Mas de repente o tropel aumenta em sua perseguição. Quatro bugres estão no seu encaço.

O pavor empresta novas energias ao moço. As últimas energias. Energias que se esgotam aos poucos.

Jacó não sente mais nada. Não sente os pés. Não sabe se ainda tem pernas.

Falta-lhe o ar, perde o fôlego. Está perdido, perdido!

No momento em que se julga perdido, no momento supremo de tombar às mãos dos bugres, o céu opera um milagre, o milagre da salvação.

Abre-se súbito diante dele a campina verdejante que dispara na planura sem fim, sob o céu de anil.

Ao longe, uma tropa de gado. Homens a cavalo, parando rodeio. Cães ladrando.

Grita Jacó, fazendo sinal. Os bugres são seis agora. Desenvolvem alucinante carreira, na derradeira tentativa. Mas eles também estão exaustos.

Os gaúchos julgam tratar-se de bugres roubando gado. Detonam o revólver e açulam a cachorrada.



Jacó acena mais uma vez, pedindo socorro. Os gaúchos compreendem agora o que se passa. E o capataz dispara para lá, com os cães à frente.

O rapaz não pode mais e cai, literalmente exausto, morto de cansaço.

Mas já o gaúcho se aproxima, afugentando os bugres a tiros de trabuco.

Jacó não fala e não entende a língua portuguesa. Explica-se por sinais, pedindo socorro.

O gaúcho dá-lhe garupa e leva-o para casa, enquanto os bugres desferem setas, que não atingem ninguém. Coitados, perderam para sempre o valoroso branco, o seu futuro cacique.

Jacó está contente, feliz. Feliz como nunca em sua vida. Feliz como sabiá que escapou da gaiola. Realizou-se plenamente o seu sonho de vingança. A mais cruel vingança. A mais gloriosa vingança. Mataram minha mãe para que eu não fugisse. Sumiram minha irmã para que eu não fugisse. E eu escapei-lhes das mãos como peixe escorregadio. Quanto mais se aperta, mais fugidio se torna.

É indescritível a alegria na estância do rico fazendeiro Adolfo Pacheco, no Fundo Raposa, na fazenda Pedras Brancas. Todos admiram o bugre. Mas alguém discorda:

— Não tem pele de bugre. A pele é branca, muito branca. É um rapaz louro. A fronte larga. O nariz alongado. A boca bem feita. Não tem nada de bugre.

— Vai ver que foi raptado de uma família de brancos. Talvez de emigrantes alemães.

Jacó ao avistar a dona da casa, sente uma saudade infinita da sua mãezinha e não resiste de abraçá-la a chorar:

— Mamãe morta!

Todos compreendem a palavra mãe. Comove-se a boa senhora e abraçada ao rapaz, chora com ele.

O atencioso estancieiro ordena que lhe tragam uma



roupa, enquanto lhe passa amigavelmente as mãos pela cabeleira desgrenhada. Leva-o depois ao quarto. Lava-lhe as feridas, que não são graves. O cabelo, empastado pelo uso do urucu, custa a soltar-se.

Enfim, lavado e enxuto, enxerga a fatiota do filho do capataz. É um tanto folgada, mas assenta-lhe bem. Jacó mira-se num grande espelho e não pode deixar de soltar uma gostosa gargalhada ao ver-se tão bem trajado, depois de tanto tempo de semi-nudez.

Sai para a sala onde todos o recebem festivamente. Todos sorriem para ele, mostrando que lhe querem bem, que ele está em casa.

Jacó responde agradecido a tantos carinhos. Toma ao colo uma criança. Brincam juntos. Até o cão o saúda pulando e erguendo-lhe as patas.

Agora é convidado a sentar à mesa. O coitado já não sabe utilizar-se dos talheres. Com o garfo dos dedos, agarra um naco de carne e devora-o esganadamente. Morto de fome. Todos se divertem, rindo. E ele ri também, sem parar de comer.

O patrão manda logo chamar o alfaiate, enquanto ele mesmo faz o papel de barbeiro, cortando-lhe a densa cabeleira com a tesoura de cortar crina de cavalo.

Jacó está em casa. A melhor das casas. Encontrou um pai. O melhor pai. O melhor dos pais. Encontrou uma família. A melhor das famílias. Todos lhe querem bem. Os filhos do estancieiro, Arsênio, Gabriel e Irene o consideram irmão.

Anda com eles. Brinca com todos. Ensina-lhes a fabricar arcos e flechas. Trepas nas árvores. Traz frutas silvestres . . .

E vai aprendendo a língua. Já sabe contar algo de sua vida. A desgraça que lhe coube...

Está muito feliz. Só de vez em quando se retrai, pensativo e triste. É quando se recorda do pai. O pai que por certo ainda o espera.



23 - COM O PAI

Já faz um mês que Jacó vive na Estância das Pedras Brancas de Adolfo Pacheco. Uma tarde, bate ali um comprador de gado para os açougues de Taquara e São Leopoldo. Ê de origem alemã e chama-se Cristóvão Horn. Conhece São Vendelino e sabe do rapto dos bugres. Está ao par de toda a história.

Jacó é-lhe apresentado. Ambos falam alemão. Imaginem a alegria do rapaz. Faz-lhe mil perguntas acerca do pai:

— Olhe, Jacó, o pai não mora mais em São Vendelino. Ele aborreceu-se tanto com a desgraça, que vendeu as terras e agora não se sabe ao certo por onde anda.

O rapaz não se contém e chora. Mas, enxutas as lágrimas, toma a escutar a narrativa do boiadeiro. Depois, por sua vez, Jacó lhe conta as peripécias da sua vida errante pela selva. Cristóvão vai traduzindo para o português.

O bom estancieiro e família, como também toda a família do capataz e a peonada, fazem questão que Jacó não se vá embora. Fique aqui. Será considerado como filho, terá todos os direitos de filho.

O rapaz reflete. Deixar aquela bondosa gente aquela generosa gente, desprezar a honra e a herança daquele abastado estancieiro, é forçoso. Mas a esperança de encontrar o pai, de viver juntos, toca-lhe vivamente o coração. Domina-o, subjuga-o. O amor filial triunfa.

— Seu Cristóvão, eu quero ver papai. Eu vou com o senhor.

A família Pacheco lamenta. Lamenta perder aquele gostoso rapaz, que viveu tamanha aventura. Mas não se opõe. Que ele parta para consolar seu aflito genitor.

O fazendeiro faz-lhe um belo presente. Oferece-lhe um



lindo cavalo, ricamente arreiado. Montado no fogoso pingo, vencerá as distâncias, chegará a São Leopoldo.

A despedida é dolorosa, Jacó, abraçando e beijando o sr. Pacheco, chora. Chora a boa senhora. Choram os filhos. Todos choram naquela inesquecível despedida.

Jacó e Cristóvão, montados a cavalo, vão tocando a tropa, auxiliados pelos cães.

A tropeada se alonga por seis dias a fio. Seis dias no lombo do cavalo, tocando a boiada através da campanha sem fim, rumo de São Francisco de Paula, rumo de Taquara do Mundo Novo.

Almoço frugal à sombra de um capão, junto da aguada. Pousou nalguma casa de pasto ou numa fazenda.

Saindo da zona do campo, enveredam pela mataria bruta da serra, de sendeiros impraticáveis, com horríveis atoleiros. Verdadeira odisséia a viagem dos tropeiros naqueles tempos.

Para afugentar o tigre e o puma, à noite acendem a fogueira.

Uma feita, de dia, aproxima-se a onça para um assalto à boiada. Cristóvão e Jacó com a cachorrada conseguem pô-la em fuga.

Enfim, em São Leopoldo. Jacó enquanto investiga o paradeiro do pai, emprega-se na casa de Filipe Keller. Trabalha de manhã. De tarde, frequenta a escola.

É benquisto do patrão. Ao rapaz nada falta. Mas falta-lhe tudo. Falta-lhe o pai. O pai que não deixa de procurar todos os dias, por toda a parte, sempre debalde.

Talvez, aborrecido do Brasil, quisesse ele regressar à Europa. Jacó vai, então, ao longo do Rio dos Sinos, a indagar.

Um dia, pára pensativo, olhando os carregadores de uma lancha. Os estivadores transportam sobre a cabeça sacos de farinha.

Diante dele passa um vulto de barba em desalinho,



curvo sob o peso do fardo. Jacó estremece. Cumprimenta-o. O estivador responde sem fitá-lo. Não resta dúvida. A fisionomia é de Lamberto. A voz é de Lamberto.

O moço posta-se no caminho e fecha-lhe a passagem de volta. Ambos soltam um grito e se abraçam:

— Papal!

— Jacó!

— Papai!

— Meu filho!

Lamberto é funcionário de uma companhia de navegação fluvial. Jacó vai acompanhá-lo agora, subindo e descendo o Rio dos Sinos, o Rio Caí, carregando e descarregando navios.

Sempre juntos, recordando o passado, recordando a perdida felicidade, agora amenizada, mas grande ainda pela perda de Valfrida e Lucila.

Mas a provação ainda não terminou para o pobre Jacó. Um dia, o pai adoece de pneumonia. O filho assiste-o com o maior carinho. A enfermidade dura apenas três dias. Morre nos braços do filho aquele nobre senhor que fora outrora o barão Lamberto von Steg . . .

Jacó volta para São Vendelino. Compra terras em Santa Luísa e casa-se com Carolina Weirich.

Feliz consórcio do qual nascem 13 filhos: seis homens e sete mulheres. Dois morrem pequenos. Morrem adultos: Carolina, Nicolau e Jacó. Vivem ainda hoje (1966): Catarina, Joana, Pedro (Estrêla), Berta, casada com Alberto Althaus (Farroupilha), Guilherme (Desvio Blauth, Carlos Barbosa), João (Carlos Barbosa), Maria, casada com Frederico Weber (Santa Luísa) e Carlos (Paráí, RS).

O sangue heróico de Valfrida não se estancou nas selvas do Campo dos Bugres. Ele corre hoje nas veias de centenas de ilustres descendentes espalhados nos Estados Sulinos do Brasil. O nome da família Versteg também não pereceu. Nome



glorioso que recorda em em cada filho, em cada neto, em cada bisneto, a façanha heróica, a epopéia fulgurante de Jacó nas florestas virgens do Brasil. Florestas que tombaram aos golpes do machado do imigrante, para fazer surgir em seu lugar, num lapso fulminante, florescentes cidades e infindos vinhedos.

A casa em que morou Jacó, em Santa Luísa, município de Carlos Barbosa, ainda está de pé. Pertenceu depois a Frederico Neis. Mais tarde, ao meu primo Dionísio Canal e hoje a Dalíbio Kurmann.

Jacó foi sempre ótimo pai de família. Amigo de todos. Alegre e expansivo por natureza.

Aborreceu-se um dia, porque algumas pessoas o apelidaram de Jacó Bugre. Vendeu a casa e foi residir em Poços das Antas, então município de Montenegro.

Mais tarde veio morar com a filha Berta em Desvio Blauth, em Carlos Barbosa, onde faleceu com 80 anos, no dia 15 de janeiro de 1935.

No dia dos Finados de 1965, em companhia de meu primo Ivo Dalcin, que me levou em sua camioneta, visitei o túmulo de Jacó e de sua esposa, em Desvio Blauth.

Na mesma ocasião e na mesma localidade, fiz uma visita ao filho Guilherme e sua família.

No dia anterior, sempre com o primo Ivo, visitei o filho João, de 80 anos, em Santo Antônio de Santa Clara, ao pé do Morro da Vaca Mora, em pitoresca localidade.

Fiz a estes dois filhos de Jacó variadas perguntas acerca do que aqui vem contado. Por exemplo, o aparecimento do papagaio a Jacó na floresta parece um tanto forçado. É autêntico?

— Sim — diz João. — O pai me referiu várias vezes. Aconteceu realmente.

— E o da Lenga?

— Igualmente. Ê a pura realidade.

E Luís Bugre? Que é feito de Luís Bugre?



Residia na zona colonial italiana, onde nunca deixou de incomodar. Morreu afogado no Rio das Antas. Seus dois filhos seguiram, mais ou menos, o exemplo do pai.

Esta é a história autêntica que Jacó narrou diversas vezes ao meu pai e a muita gente que ainda vive hoje. Contou-a, de modo especial ao Mons. Matias José Ganweidt que a escreveu em alemão no livro “AS VÍTIMAS DO BUGRE”, livro dos mais valiosos acerca da vida dos caingangues do Rio Grande do Sul e dos imigrantes alemães.

No pórtico desta obra, figura um depoimento assinado pelo próprio Jacó no qual declara serem todos verdadeiros os fatos narrados acerca de sua vida errante entre os índios.

Se o leitor gostou desta história, não deixará de ler o livro acima, em brilhante tradução do Ir. Eugênio Damião, edição da Livraria Selbach, de Porto Alegre.

Lagoa Vermelha, 7 de fevereiro de 1966.

Fidélis Dalcin Barbosa.



OUTROS LIVROS DO AUTOR

SEMBLANTES DE PIONEIROS — ensaio sociológico acerca da imigração Italiana do Rio Grande do Sul — Livraria Sulina — Porto Alegre.

O PRISIONEIRO DA MONTANHA — novela — Flamboyant — São Paulo — Esgotado.

O PRISIONEIRO DA MONTANHA — edição infantil — Edições Paulinas.

PRISIONEIROS DO ABISMO — novela que tem por cenário o Taimbézinho, o Grand Canyon brasileiro. — Edições Paulinas.

A MAIS BELA MISS — biografia da encantadora Serva de Deus, Maria Teresa González Quevedo — 3.^a edição — Edições Paulinas.

O ANJO DE CINZANO — biografia de Luís Comollo, companheiro de São João Bosco. — Edições Paulinas.

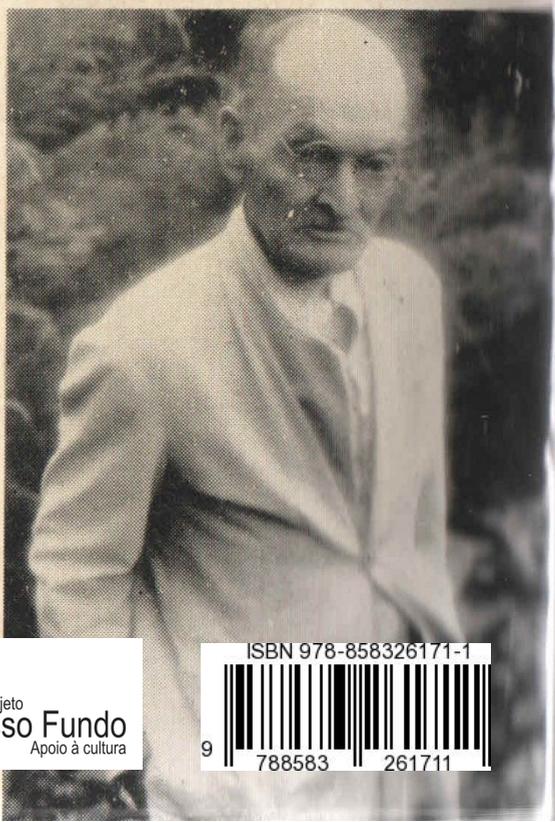
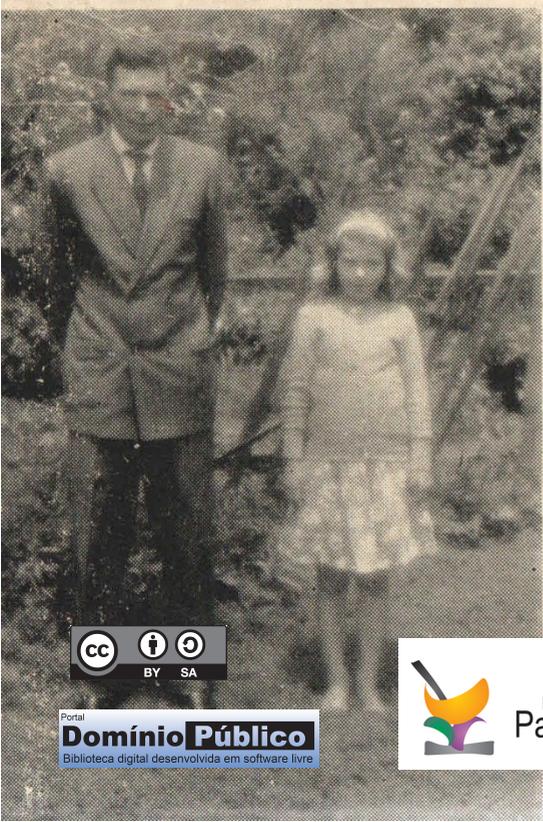
SÃO PAULO — biografia do Apóstolo das Gentes. II edição. — Edições Paulinas.

PRISIONEIR





[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

ISBN 978-858326171-1



9 788583 261711